

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

TESE DE MESTRADO EM ARQUEOLOGIA

**CERÂMICAS MEDIEVAIS DA REGIÃO DE MONCORVO
(SÉCS. XII-XIII)**

MIGUEL CARLOS LOPES BRANDÃO AREOSA RODRIGUES

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 41023 cb-
Ex. 2
Data 13 / 05 / 19 94

PORTO

FEVEREIRO DE 1994

À Ximene e ao Carlos

ÍNDICE

PREÂMBULO	3
1. INTRODUÇÃO	6
1.1. OBJECTIVOS E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	7
1.2. BREVE ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE CERÂMICAS MEDIEVAIS	
1.2.1. Norte e Centro de Portugal	9
1.2.2. Zamora e Galiza (Espanha)	14
2. A ANÁLISE DOS ESPÓLIOS CERÂMICOS	
2.1. METODOLOGIA	16
2.2. DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS DESCRITIVOS UTILIZADOS	
2.2.1. Morfologia	17
2.2.2. Decorações	23
3. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: BALDOEIRO E STA CRUZ DA VILARIÇA	
3.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	27
3.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	27
3.3. O POVOADO MEDIEVAL DO BALDOEIRO	32
3.3.1. As referências bibliográficas	33
3.3.2. A igreja românica de S. Mamede	34
3.3.3. A Torre roqueira	34
3.3.3.1. Estruturas	35
3.3.3.2. Estratigrafia	35
3.3.4. Cronologia e caracterização da ocupação medieval	37
3.4. CERÂMICAS MEDIEVAIS DO BALDOEIRO / TORRE	
3.4.1. Características técnicas	39
3.4.2. Formas	41
3.4.2.1. Bases	46
3.4.2.2. Asas	47
3.4.3. Decoração	47
3.4.4. Conclusões	50

3.5. A VILA MEDIEVAL DE SANTA CRUZ DA VILARIÇA	
3.5.1. A informação documental e bibliográfica	52
3.5.2. As escavações arqueológicas	53
3.5.2.1. Estruturas	54
3.5.2.2. Estratigrafia	55
3.6. CERÂMICAS MEDIEVAIS DE STA. CRUZ DA VILARIÇA	
3.6.1. Características técnicas	57
3.6.2. Formas	59
3.6.2.1. Bases	64
3.6.2.2. Asas	65
3.6.2.3. Testos	65
3.6.3. Decoração	65
4. A EVOLUÇÃO DAS PRODUÇÕES CERÂMICAS DOS SÉCULOS XII-XIII	69
4.1. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS	70
4.2. FORMAS	72
4.3. DECORAÇÃO	73
5. CONCLUSÕES	75
6. CATÁLOGO	
6.1. CERÂMICAS MEDIEVAIS DO BALDOEIRO – TORRE	82
6.2. CERÂMICAS MEDIEVAIS DE SANTA CRUZ DA VILARIÇA	97
BIBLIOGRAFIA	124
ANEXOS	141

PREÂMBULO

O trabalho que agora se apresenta surge como natural consequência da actividade que vimos desenvolvendo na área da Arqueologia Medieval, integrada simultâneamente num Projecto de Investigação colectivo intitulado: "A Região de Moncorvo na Idade Média" e nas actividades de gestão e preservação do Património Arqueológico, desenvolvidas enquanto Técnico Superior, do ex-Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte / I.P.P.C., actualmente Direcção Regional do Porto do I.P.P.A.R.

Em 1987 iniciou-se um Projecto de Investigação intitulado "A Região de Moncorvo na Idade Média" (Lima, 1989), de que somos co-subscritor¹ e que apresentava como principais objectivos:

- "1 – Reconstituir sequências de ocupação local e regional
- 2 – Reconstituir as formas de povoamento regional e de humanização da paisagem
- 3 – Reconstituir a civilização material e a sua evolução
- 4 – Reconstituir as formas de organização e evolução da sociedade. organização comunitária, municipalismo e expansão senhorial."

No âmbito deste Projecto de Investigação e em colaboração com o ex-SRAZN, realizaram-se escavações arqueológicas nos povoados medievais abandonados do Baldoeiro (Moncorvo)² e de Santa Cruz de Vilariga (Moncorvo)³ e no Castelo de Moncorvo⁴.

Da realização destas e de outras intervenções realizadas pelo ex-SRAZN

¹O Projecto de Investigação é co-subscrito por Alexandra Lima, Miguel Rodrigues, Nelson Rebanda, Paulo Gomes e Ricardo Teixeira.

² As escavações arqueológicas no sítio do Baldoeiro decorreram entre 1987 e 1991, sob a direcção dos subscritores do P.I. acima referidos.

³ As escavações arqueológicas no povoado de Santa Cruz da Vilariga decorreram entre 1989 e 1992, sob a direcção do Dr. Nelson Rebanda.

⁴ As escavações arqueológicas no Castelo de Moncorvo realizaram-se em 1988/89, sob a direcção do Dr. Nelson Rebanda.

em sítios com ocupação medieval⁵ resultou a recolha de um significativo espólio cerâmico que importava estudar.

Iniciou-se assim o estudo destes materiais, integrado nas actividades da Direcção Regional do Porto do I.P.P.A.R., de que este trabalho representa a conclusão de uma primeira fase, respeitante aos materiais cerâmicos medievais da região de Moncorvo (sécs. XII–XIII).

Para a execução deste trabalho contribuiu um conjunto de pessoas e entidades a quem expressamos o nosso agradecimento:

- ao Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, orientador desta tese, pelos ensinamentos e estímulo transmitidos, não só durante a elaboração deste trabalho, mas desde a nossa entrada como aluno desta Faculdade.

- ao Dr. Nelson Rebanda por toda a colaboração, conselho e companheirismo sem o qual este trabalho não teria sido possível.

- ao Dr. Lino Augusto Tavares Dias que pela sua disponibilidade e apoio, como Director do ex-S.R.A.Z.N. e da Escola Profissional de Arqueologia, encorajou o desenvolvimento deste trabalho.

- ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e à Direcção Regional do Norte, na pessoa da sua Directora, Arq. Margarida Santos Coelho pela possibilidade que nos conferiram a possibilidade de desenvolver este estudo integrado nas actividades do Instituto.

- à Associação do Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo e a todos os colegas que participando nas actividades do Projecto de Investigação: "A Região de Moncorvo na Idade Média", contribuíram para a execução deste trabalho, entre os quais gostaríamos de referir: Drs. Ricardo Teixeira, Paulo Gomes, Alexandra Lima, Higinio Tavares, Carlos Abreu, e ainda Manuel, João Félix e Adriano Pereira.

- à Câmara Municipal de Moncorvo, na pessoa do seu Presidente, Eng^o Aires Ferreira, pelo apoio financeiro e logístico à realização dos trabalhos arqueológicos.

- ao Sr. Joaquim Morais Vaz, proprietário dos terrenos em que se

⁵ Para além das escavações já referidas, entre 1987 e 1993 foram realizadas as seguintes intervenções arqueológicas, da responsabilidade do IPPC/IPPAR, em sítios com ocupação medieval:

1987 – Castelo de Ansiães – direcção do Doutor F. Sande Lemos

1987/88 – Castelo de Miranda do Douro – direcção do autor

1989–91 – Sé de Braga – direcção de A. Lebre, N. Rebanda, R. Alfenim e do autor

1990 – Casa da Roda (Braga) – direcção de A. Lebre, R. Alfenim e do autor

1992 – Necrópole de Bornes (Macedo de Cavaleiros) – direcção de N. Rebanda

1992–93 – Igreja de Meinedo (Lousada) – direcção do autor

implantam os dois sítios arqueológicos aqui estudados (Baldoeiro e Sta Cruz da Vilariça), pela sua autorização e colaboração no desenvolvimento das escavações arqueológicas.

– a diversos investigadores que de diversas formas contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho: Drs. Orlando de Sousa, Anabela Lebre e Gilda Pinto (Direcção Regional do Porto do IPPAR), Doutor Francisco Sande Lemos (U.A.U.M.), à Escola Profissional de Arqueologia pela disponibilização de meios técnicos e, ainda, pelo desenho de materiais: Rosário Figueiredo, Alfredo Barbosa, António Ferrão e Luís Filipe Oliveira.

1. INTRODUÇÃO

Sendo a cerâmica o artefacto mais abundante, e muitas vezes o único, recolhido nas escavações arqueológicas, o seu estudo tem, evidentemente, um papel fundamental para o conhecimento das comunidades investigadas.

Assume por outro lado frequentemente um papel de fóssil director, no sentido em que permite a atribuição de cronologias com base nas diferentes tipologias observadas. Esta situação pressupõe a prévia existência de estudos que permitam o estabelecimento de tipologias com base cronológica, como se verifica por exemplo para as cerâmicas do período romano, em que a presença de cerâmicas de prestígio de produção limitada, standartizada e efectuada em centros de produção bem conhecidos permitiu a constituição de corpus documentais. Mesmo para os períodos pré e proto-históricos existem estudos actualizados de âmbito regional que permitem o conhecimento de tipologias e evoluções cronológicas dos materiais cerâmicos.

Pelo contrário, rareiam ainda no nosso país os trabalhos sobre arqueologia medieval e em particular sobre ceramologia medieval que permitam a realização de estudos comparativos e a integração dos materiais exumados em tipologias cronologicamente bem definidas.

Acresce que a cerâmica medieval é normalmente originária de produções de âmbito local, apresentando permanências tecnológicas, formais e decorativas com raízes pré-medievais e que se prolongam pela Idade Moderna, tornando pouco operativas as comparações tipológicas entre centros de produção distantes e dificultando o estabelecimento de cronologias finas.

O quadro das dificuldades fica completo se dissermos que principalmente para o período que vai até meados do século XII, são quase inexistentes os elementos, nomeadamente as moedas que permitam o estabelecimento de cronologias absolutas.

No entanto a investigação em Arqueologia Medieval, no Norte de Portugal, tem vindo a crescer significativamente, a exemplo aliás do que sucede noutros países, nomeadamente, na vizinha Espanha⁶. Encontram-se actualmente

⁶O recente desenvolvimento dos estudos de Arqueologia Medieval e especificamente de Cerâmica Medieval está patente na realização, desde 1978, de 5 Congressos Internacionais sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, na criação em 1985 da Associação Espanhola de Arqueologia Medieval e consequente edição do seu Boletim e realização de 4

em desenvolvimento diversos Projectos de Investigação em Arqueologia Medieval (Projectos, 1989: p.85-117) e têm vindo a incrementar-se as intervenções arqueológicas de emergência em locais com ocupação medieval. Em 1980 realizaram-se apenas 3 escavações arqueológicas, em sítios medievais, no Norte de Portugal, em 1989 efectuaram-se 11 intervenções com essas características⁷.

A realização nos últimos anos de frequentes intervenções de emergência, principalmente em sítios urbanos que normalmente apresentam uma cronologia longa de ocupação, confrontam os arqueólogos com a necessidade de gerir o estudo de grandes quantidades de espólio.

Efectivamente quase sempre os financiamentos e a calendarização destas acções de emergência se limitam praticamente à execução da escavação propriamente dita, não prevendo o necessário tratamento e estudo de materiais, conduzindo à acumulação de grandes quantidades de espólios arqueológicos ainda por estudar. É uma situação que tem vindo a verificar-se noutros países e que tem sido objecto de reflexões que apontam normalmente para a necessidade de aliar o trabalho de campo ao estudo de gabinete e laboratório, infraestruturas indispensáveis à investigação arqueológica, e para a utilização de processos de registo sistemáticos e informatizados que permitam uma gestão eficaz de grandes quantidades de informação (Martí 1991).

1.1. OBJECTIVOS E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

O desenvolvimento do Projecto de Investigação intitulado "A Região de Moncorvo na Idade Média", já anteriormente referido (cf. Preâmbulo), no âmbito do qual se realizaram diversas intervenções arqueológicas, colocou-nos face à necessidade de proceder ao estudo dos materiais recolhidos, nomeadamente dos materiais cerâmicos.

Este trabalho incide assim no estudo dos espólios cerâmicos de dois povoados medievais: Sta. Cruz da Vilarça e Baldoeiro, situados a curta distância entre si e com ocupações cronologicamente distintas e definidas.

Congressos de Arqueologia Medieval Espanhola e na edição em 1989 de um conjunto de estudos reunidos em volume sobre a Cerâmica medieval no Norte e Noroeste Peninsular (Gutierrez Gonzalez, 1989)

⁷Ver anexo com listagem das intervenções arqueológicas realizadas em sítios medievais no Norte de Portugal.

O sítio medieval do Baldoeiro, como se verá mais adiante, é uma fortificação da Reconquista com um terminus de ocupação localizado no final do século XII e início do XIII. Sta. Cruz da Vilariça é uma vila nova, edificada a partir do reinado de Sancho I e desertificada no início do século XIV.

A proximidade de localização, a quase sucessividade cronológica, mas também o facto de se tratar de formas de povoamento estruturalmente distintas e situadas num momento de viragem nas estratégias de povoamento na região, reforça o interesse do estudo destas estações arqueológicas.

A quantidade do espólio recolhido, se por um lado era garante da existência de uma quantidade apreciável de informação, colocava no entanto problemas de executibilidade prática de um estudo sistemático da totalidade do espólio.

Pretendia-se, a partir dos conjuntos cerâmicos em estudo, determinar tipologias técnicas, formais e decorativas das cerâmicas de produção local dos séculos XII e XIII no Sul do actual distrito de Bragança. Por outro lado, ao estudar dois povoados, característicos de dois modelos de ocupação do território cronologicamente sucessivos, procurava-se verificar até que ponto as alterações verificadas na estrutura do povoamento se reflectiam na cultura material e especificamente nas produções cerâmicas.

Iniciamos o trabalho por efectuar uma revisão dos estudos existentes sobre cerâmicas medievais no Noroeste Peninsular. Com base nos estudos da especialidade e nas fontes históricas e etnográficas procuramos definir terminologias para a utensilagem cerâmica a estudar e explicitar a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo dos materiais cerâmicos.

Como introdução aos dois sítios arqueológicos investigados, fazemos a caracterização histórica e geográfica da região. Aborda-se em seguida especificamente cada um dos povoados, descrevendo-se o local e as condições de jazida e recolha do material em estudo. Partindo da análise efectuada procura-se caracterizar os dois espólios do ponto de vista técnico, formal e decorativo, procurando integrar o estudo ceramológico na interpretação da globalidade do registo arqueológico.

Finalmente, efectua-se a comparação entre os dois conjuntos, e estabelecem-se paralelos com materiais e produções de características idênticas.

1.2. BREVE ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE CERÂMICAS MEDIEVAIS

1.2.1. NORTE E CENTRO DE PORTUGAL

Os trabalhos sobre espólios cerâmicos medievais são entre nós ainda muito poucos e limitam-se, na maior parte das vezes, a pequenas referências com poucas indicações cronológicas. A situação agrava-se no que respeita ao período anterior ao século XII, para o qual não existem praticamente nenhuns materiais publicados no Norte de Portugal. A ausência, até meados da década de 70, de investigação em Arqueologia Medieval e de estudos ceramológicos em particular, levou mesmo à atribuição de cronologias equívocas a cerâmicas de origem medieval.

Em 1973 D. Domingos Pinho Brandão apresenta ao Colóquio Portuense de Arqueologia (Brandão, 1973), um conjunto de cerâmicas medievais (a que atribui cronologia pré-romana), provenientes do **Alto do Castelo** (Penha Longa - Marco de Canaveses) e que consta de asas em fita com decoração por puncionamento e incisão, fragmentos de grandes vasos decorados com cordões plásticos digitados e fragmentos decorados com linhas incisas onduladas. Ficamos a indicação da ocupação medieval do local e da presença de cerâmicas com decorações características do período medieval.

A reocupação, durante o período medieval, de locais fortificados de construção anterior conduz por vezes à recolha, nos níveis superiores destas estações, de materiais medievais.

No castro da **Curalha** (Chaves), sítio com ocupação documentada dos períodos romano e pré-romano, o Prof. Santos Júnior e o Dr. Adérito Freitas recolheram e publicaram (Freitas, 1977, 1980, 1982 e 1984, Júnior, 1985), um conjunto significativo de cerâmicas medievais, atribuindo-lhes embora uma cronologia diversa. O conjunto inclui cerâmica decorada com cordões plásticos com digitações e incisões, normalmente associada a vasos de grandes dimensões, e asas de fita decoradas com puncionamentos. Não são referidos quaisquer elementos que nos possam indicar uma cronologia mais exacta para as peças recolhidas.

Escavações arqueológicas na cidade de **Recezinhos** (Penafiel) permitiram

a exumação de fragmentos de alguns vasos cerâmicos medievais (Soeiro, 1986), encontrando-se representadas as seguintes formas: panela, alguidar, tigela e prato. Predominam as pastas cinzentas, as decorações com cordões plásticos com digitações e as asas em fita. Não foram encontrados associados, quaisquer materiais que permitam a atribuição de cronologias rigorosas. A autora sublinha a sua similaridade com materiais provenientes de outras estações (Sto Estevão da Facha) datáveis dos séculos XII e XIII.

O primeiro estudo que analisa globalmente um conjunto de cerâmicas medievais e que permanece ainda como referência incontornável no estudo das cerâmicas medievais do Norte de Portugal é a publicação das escavações arqueológicas de **Santo Estevão da Facha** (Ponte de Lima) (Almeida, 1981). Face à ausência de elementos cronológicos seguros, os autores propoem uma datação para os materiais exumados "ao redor do século XII e primeira metade do século XIII" (Almeida, 1981: 26) baseando-se na documentação historiográfica do Castelo de Sto Estevão e em paralelos conhecidos de outras regiões da Europa⁸.

Foram detectados dois momentos de ocupação medieval (Horizontes I e II), verificando-se que as únicas varáveis de assinalar são o aumento do número de jarros e uma diminuição dos alguidares com fundo em disco, o que leva os autores a considerar a possibilidade de, a exemplo do que sucede em outros locais⁹, se verificar uma vulgarização dos jarros apenas a partir do século XIII.

Nos dois horizontes encontra-se ainda a predominância das olas e a presença escassa de púcaros ovóides. As asas são quase exclusivamente de fita, apresentado-se frequentemente decoradas com puncionamentos e incisões. As formas de decoração dominantes são os cordões com digitações e incisões e as linhas incisas onduladas.

Obra fundamental de referência é a publicação da *Cerâmica Comum local e regional de Conímbriga* (Alarcão, 1974), nomeadamente o conjunto cerâmico classificado como *Grés*. Embora integrando-as no grupo das

⁸ Eram praticamente inexistentes na altura publicações nacionais com referências a espólios cerâmicos medievais, com excepção dos já anteriormente referidos no texto e das cerâmicas publicadas por Jorge de Alarcão (1975) e provenientes das escavações arqueológicas de Conímbriga e a que nos referiremos posteriormente.

⁹ Os autores referem-se especificamente a exemplos ingleses (Barton, 1979).

cerâmicas tardo-romanas, Alarcão não deixa de alertar para a possibilidade de se tratar de cerâmicas de cronologia posterior, apontando mesmo o facto de serem idênticas a cerâmicas datáveis do séc. XII (Alarcão, 1974: p. 113, n.r. 1).

Esta perspectiva tem vindo a confirmar-se como correcta, constituindo o referido conjunto a principal publicação sistemática de um espólio cerâmico medieval, e sendo um catálogo fundamental para o estudo comparativo da cerâmica medieval, nomeadamente nos aspectos formal e decorativo.

Em 1986, M. Barroca e A. Morais (1986) publicam, integradas num estudo sobre a Terra de Aguiar de Pena, materiais cerâmicos exumados nas escavações arqueológicas do **Castelo de Aguiar**. Os autores datam globalmente este conjunto "da segunda metade do século XIV e centúria seguinte" (Barroca, 1986: 75). Predominam as olas e os potes, encontrando-se também representados os alguidares, talhas, jarros e púcaros. As decorações mais representadas são, nos potes e olas, as linhas incisas rectilíneas e curvilíneas; nas talhas e alguidares, os cordões com impressões digitadas; nas asas de fita, os puncionamentos. De destacar a presença, em 3 asas e numa ola, de uma impressão com um pentalfa inserido num círculo.

Em **Castelo de Matos (Baião)**, numa fortificação medieval, foram recolhidos fragmentos de ola e pote com decorações incisas rectilíneas e curvilíneas e de alguidares com fundo em disco. M. Barroca (1988) data este conjunto cerâmico de meados do séc. XI, baseando-se no contexto estratigráfico, na análise comparativa das cerâmicas e na caracterização histórico-documental do sítio em estudo.

Os trabalhos até agora citados referem-se a intervenções arqueológicas em contextos medievais rurais. A primeira publicação de um espólio cerâmico medieval recolhido em contexto urbano, no Norte de Portugal, foi efectuado por A. Gaspar (1985) e é proveniente de escavações arqueológicas na **Rua de N^aSra. do Leite**.

O aspecto mais interessante deste trabalho, foi a detecção de um grupo de cerâmicas, datadas do final do séc. XIII – início do séc. XIV, que se caracteriza por aspectos técnicos, formais e decorativos distintos das produções até aqui conhecidas.

Apresentam nomeadamente, para além de pastas homogêneas, bem cozidas e de paredes finas, um conjunto simultaneamente diversificado e

coerente de elementos decorativos. Assim, as técnicas decorativas mais utilizadas são: as caneluras, obtidas através da rotação da peça à roda; as incisões, extremamente finas, executadas através de uma lâmina; as perfurações, obtidas através da aplicação de um punção e que aparecem aplicadas, essencialmente, nas asas e nos bordos e os cordões plásticos com dedadas, mais ou menos salientes e frequentemente aplicados verticalmente. Estes motivos decorativos podem associar-se de diversas formas na peça, o que contribui para uma significativa diversidade dentro de uma linguagem decorativa homogênea.

Esta produção cerâmica que como já vimos apresenta elementos formais e decorativos que permitem uma identificação relativamente fácil, tem vindo a ser detectada em diversas escavações medievais realizadas no Entre-Douro-e-Minho, em contextos rurais e urbanos (Barroca, 1993: 166).

Recentemente foi proposto por M. Barroca (1993) o centro oleiro de Prado/Cervães, como área de origem deste tipo de produção cerâmica. A sua argumentação assenta essencialmente no facto de estar bem documentada a existência nesta área de produção de olaria durante a Idade Média e, posteriormente, na Idade Moderna (Barroca, 1993: 163) e pelo facto de as recolhas até agora efectuadas deste grupo de cerâmicas, se situarem em torno desta área de produção (Barroca, 1993: 166).

Integradas nos relatórios de intervenções arqueológicas em sítios com ocupação medieval têm, nos últimos anos sido publicadas referências a diversos espólios cerâmicos, geralmente de quantidade reduzida e com poucos elementos indicativos de cronologias seguras.

Na publicação dos primeiros resultados da escavação arqueológica da igreja de **Dume** (Fontes, 1987) são referidas algumas das cerâmicas medievais exumadas. Nomeadamente, cerâmicas do tipo das encontradas na Rua de N^a Sra. do Leite (Gaspar, 1985), encontradas num contexto tardo-medieval e cerâmicas de outro tipo integradas num contexto datável do final do séc. IX ao início do século XII.

As escavações arqueológicas realizadas nas necrópoles de **S. Caetano** (Chaves) e de **Vila dos Sinos** (Mogadouro), permitiram recolher um reduzido espólio cerâmico de características medievais, muito fragmentado e descontextualizado (Lemos, 1987; Lemos e Marcos, 1984 e 1985).

Em 1993, foi publicado o espólio cerâmico medieval recolhido no **Buraco**

da Moura de S. Romão (Varandas, 1993). Trata-se de uma gruta calcária, com ocupações dos períodos Calcolítico e Bronze e com uma ocupação medieval datada pelo autor entre a 2ª metade do séc. XIV e a 1ª metade do séc. XV. A cerâmica exumada apresenta-se muito pouco decorada, predominando as olas e potes e encontrando-se ainda talhas e taças.

Na região de Lisboa, em contextos não islâmicos, refira-se a escavação de emergência realizada no **Casal do Geraldo** (Cascais) que permitiu a recolha de materiais dos sécs. XIV a XVI. Verifica-se um predomínio das panelas, encontrando-se bem representadas formas abertas como pratos, tigelas, malgas e taças (Cardoso e Encarnação, 1990). Nos municípios de Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991), Sintra (Amaro, 1992) e Almada (Sabrosa e Espírito Santo, 1992) escavações arqueológicas urbanas, têm vindo a permitir a recolha de um significativo espólio medieval, ainda não totalmente divulgado.

Da análise bibliográfica ressaltam alguns aspectos :

1 – A definição de uma produção cerâmica bem caracterizada, com origem na área Prado/Cervães (Gaspar, 1985 e Barroca, 1993), datável da Baixa Idade Média e que se encontra presente num número significativo de assentamentos medievais.

2 – Homogeneidade formal e decorativa nos espólios cerâmicos, de origem rural e cronologicamente datáveis dos séculos XII e XIII (Sto Estevão da Facha, Recezinhos, Alto do Castelo, Curalha). Verifica-se nomeadamente uma predominância das cozeduras redutoras; das formas fechadas: panela, pote e ola; das asas de fita com puncionamentos; das decorações de cordões plásticos com digitações e de linhas incisas onduladas.

3 – Deficiente conhecimento das cerâmicas dos sécs. XII e XIII, por um lado devido à aparente homogeneidade das produções deste período, por outro o ainda reduzido número de escavações em sítios com ocupação deste período, não permitiram detectar linhas de alteração e evolução com parâmetros cronológicos bem definidos.

4 – Quase ausência de referências a produções cerâmicas anteriores ao século XII, nomeadamente devido à ausência de elementos que permitam a atribuição de cronologias absolutas.

5 – Detecção de alguns elementos apontados como arcaizantes: fundos em disco, cordões plásticos com digitações e utilização da roda baixa.

6 – Detecção de elementos considerados como sinais de modernidade: aumento da percentagem de jarros e das formas abertas (pratos, tigelas, tachos e

taças) e presença de cozedura oxidante,

1.2.2. ZAMORA E GALIZA (ESPANHA)

A proximidade da área em estudo da região espanhola de Zamora (Castela-Leão) permite e aconselha à utilização dos estudos ceramológicos efectuados nessa região. Efectivamente estão bem documentados os contactos durante a Idade Média entre as regiões fronteiriças dos dois países, nomeadamente e a nível arqueológico, pela abundante presença de numismas castelhano-leoneses nos sítios arqueológicos medievais do Nordeste Trasmontano¹⁰. Por outro lado os estudos em Arqueologia Medieval e mais especificamente em Cerâmica Medieval encontram-se aí mais desenvolvidos, permitindo já a elaboração de tipologias evolutivas com parâmetros cronológicos relativamente bem definidos.

Reflexo desta situação é a colectânea sobre cerâmica medieval do Norte e Noroeste Peninsular (Gutiérrez Gonzalez, 1989) em que se procura fazer o ponto da situação da investigação ceramológica, procurando demonstrar paralelos e divergências entre as produções cerâmicas das diversas regiões e apontar linhas de evolução gerais e regionais.

Saliente-se o artigo de Larrén (1989), integrado nessa colectânea, respeitante à cerâmica medieval da província de Zamora. São analisados espólios cerâmicos recolhidos à superfície e outros referidos documentalmente. Verifica-se a presença de algumas variáveis já detectadas no Norte de Portugal e mais concretamente na área em estudo neste trabalho, como por exemplo: a preponderância das olas, a existência de cordões plásticos com dedadas e de linhas incisas rectilíneas e onduladas. No entanto verifica-se também a presença significativa de elementos decorativos e formais praticamente desconhecidos no Norte de Portugal, nomeadamente: as rectículas incisas¹¹, as decorações brunidas e as pequenas jarras com asa e carena baixa.

Recentemente, foram publicadas diversas referências a espólios cerâmicos medievais, da província de Zamora (Sanz e Viné, 1991) (Martín, 1991) (Salvador et alii, 1991) (Rubio et alii, 1991).

Estes novos dados têm vindo a confirmar e a completar as ideias existentes

¹⁰ Moedas castelhano-leonesas dos séculos XIII e XIV foram recolhidas nas escavações arqueológicas de Santa Cruz da Vilariça, Baldoeiro e Bornes.

¹¹ Esta decoração, predominante em terras leonesas (Gutiérrez e Benítez, 1989: 228-229), tem aqui uma presença escassa (Larrén, 1989: 270).

(Larrén, 1989) sobre as cerâmicas medievais da região. No aspecto decorativo predomínio dos brunidos¹² e das incisões "penteadas", presença de cordões plásticos com impressões, normalmente associados a vasos de grandes dimensões, e de caneluras feitas ao torno. De referir o aparecimento de vasos com decoração pintada¹³ a branco (Martín e Lárren, 1991).

No que respeita à forma, olas e jarras são as formas mais representativas apresentando uma grande diversidade morfológica. Verifica-se ainda a presença de talhas, alguidares, pratos e tigelas.

Os fundos marcados, presentes em grande número de jazidas medievais, foram objecto de um artigo específico (Larrén, 1991), em que é feito um levantamento exaustivo de todos os fundos marcados encontrados na província de Zamora¹⁴.

Na Galiza os a investigação em ceramologai nedieval encontra-se menos desnvolvida, sendo poucos os trabalhos específicos sobre o assunto. Destaque-se o artigo sobre a Cerâmica medieval na Galiza incluído na colectânea já referida (Suárez et alii, 1989: 285-301) em que se procura descrever o estado dos conhecimentos e caracterizar as produções oleiras do séc. IX ao XI e do XI ao XIII. No primeiro período predominam as pastas de tons avermelhados, verificando-se a presença de acabamentos polidos e espatulados. A partir do séc. XI dominam as cozeduras redutoras que conferem às pastas tons acinzentados.

Refira-se ainda na Galiza os trabalhos de Fariña (1974), Bonilla (1988) e Pereira(1988).

¹² As decorações brunidas, presentes nas províncias de Zamora, Leão (Gutiérrez e Benítez, 1989: 230-231) e Palencia (Peñil, 1987: 620), têm datações que vão do século XII aos inícios do XIII (Sanz e Viñé, 1991: 44).

¹³ Este tipo de decoração é pouco frequente no Norte Peninsular. Datável normalmente do séc. XII (Gutiérrez e Bohigas coord., 1989: 309).

¹⁴ As marcas existentes nos fundos de alguns vasos, são, normalmente, cruciformes ou formam uma roda com vários raios, estes motivos que apresentam tamanhos variados, podem estar inseridos num círculo (Larrén, 1991). A razão da existência destas marcas parece estar ligada ao processo de elaboração da peça, nomeadamente a elementos em relevo gravados no disco do torno com o objectivo de assegurar a estabilidade da peça (Gutiérrez e Bohigas coord., 1989: p. 309).

2. A ANÁLISE DOS ESPÓLIOS CERÂMICOS

2.1. METODOLOGIA

Face à situação de desconhecimento em que nos encontrávamos, no que respeita às tipologias técnicas e morfológicas adaptáveis aos materiais em estudo, optou-se no início do trabalho pela utilização de critérios analíticos de inventário tendentes ao posterior estabelecimento de tipologias. Foi assim efectuado um registo sistemático e individualizado de todos os fragmentos que apresentavam características relevantes, nomeadamente bordos, bases, asas, testos e decorações, tendo sido elaboradas fichas de registo específicas.

A triagem dos materiais teve em consideração a espessura, a cor das superfícies externa e interna e do cerne, o tipo de acabamento e a composição das pastas.

Considerando o carácter fragmentado da quase totalidade das peças a estudar, optou-se pela elaboração de uma ficha de inventário que permitisse registar eficaz e rapidamente as principais características analíticas e tipológicas do objecto na linha do proposto por Martí (1991: 269). Para a elaboração desta ficha e nomeadamente sobre os descritores a utilizar para os aspectos analíticos, foram considerados os trabalhos de Laenhardt (1969), Seronnie-Vivien (1969), Matthys (1973), Balfet (1983). Todo o arquivo foi informatizado em base de dados (Excel).

Procurou-se analisar os fragmentos nos seguintes aspectos:

Bordo – diâmetro da boca, espessamento (externo ou interno), inclinação do bordo em relação ao eixo vertical da peça (vertical, horizontal, esvasado ou introvertido), forma (amendoada, triangular, em cabeça de prego, arredondado, plano, de secção ovoide), inclinação do lábio e ligação colo/bordo.

Colo – diâmetro, altura entre o colo e extremidade do bordo, perfil (direito, convexo ou côncavo), inclinação das paredes em relação ao eixo vertical do vaso (paralelas, convergentes ou divergentes), ligação colo/bojo.

Bojo – diâmetro máximo.

Base – diâmetro, forma do fundo (plano, convexo ou côncavo), ligação base/bojo, ângulo formado pela parede em relação ao fundo.

Asa – Largura, espessura e implantação (vertical ou horizontal). De acordo

com a secção, as asas podem ser planas (ou de fita), rectangulares, ovais ou circulares (de rolo).

Pretendeu-se obter um registo que permitisse simultaneamente o estudo da peça individual e a análise global dos conjuntos.

Este sistema de trabalho tornou-se evidentemente bastante moroso mas dotou-nos de valiosos instrumentos de análise que facilitarão o posterior estudo de outros conjuntos cerâmicos.

2.2. DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS DESCRITIVOS UTILIZADOS

Importa antes de iniciar a descrição pormenorizada das cerâmicas estudadas, definir os termos descritivos a utilizar. Para esse efeito utilizaram-se diversos manuais sobre metodologia de análise cerâmica (Shepard, 1956; Leenhardt, 1969; Matthys, 1973; Seronie-Vivien, 1982; Balfet et alii, 1983; Marti, 1991; Martins e Ramos, 1992), as principais publicações portuguesas sobre cerâmicas medievais (Alarcão, 1974; Almeida et alii, 1981; Gaspar, 1985 e Barroca e Morais, 1986) e também os estudos de carácter etnográfico sobre cerâmicas tradicionais, nomeadamente da região em que se situam as jazidas em estudo (Peixoto, 1900; Júnior, 1940; Rodrigues, 1958; Belarmino, 1981; Macedo e Freitas, 1988; Carneiro, coord, 1990; Chaves, s/d.) .

2.2.1. MORFOLOGIA

Os autores portugueses nem sempre são concordantes nos termos utilizados para designar os diversos tipos de formas cerâmicas. Adoptámos o critério de utilizar designações claras e actuais para as diversas formas detectadas, de acordo com as suas características funcionais e morfológicas, procurando definir objectivamente cada um dos tipos apresentados. Foram essencialmente considerados os critérios referidos por Luis Chaves (s/d: 1988-216), Jorge de Alarcão (1974: 32-35) e Alexandra Gaspar (1985: 68-72).

O estado fragmentado dos materiais estudados dificultou e muitas vezes impediu a determinação de perfis completos, pelo que a análise morfológica se baseou essencialmente na forma dos bordos. Esta situação levou-nos a optar por um número relativamente reduzido de grupos morfológicos, tornando assim cada um deles mais abrangente.

Para cada um dos tipos procurar-se-à também apontar outras possíveis

designações, de carácter regional e popular que possam designar formas incluídas nesse grupo-tipo. A utilização das designações tradicionais para designar formas cerâmicas nem sempre se revela clara e precisa, uma vez que existem muitas variantes regionais (Júnior, 1940: 224-225) e que o mesmo termo pode designar formas distintas em locais diversos.

Por outro lado, como já foi referido pelo Prof. Jorge de Alarcão (1975: 32), é frequente que os estudos etnográficos se limitem a uma apresentação genérica das designações das diversas peças, sem a necessária descrição morfológica e utilitária e/ou sem apresentação de ilustrações¹⁵.

Prato

Peça destinada a servir alimentos sólidos. Apresentam o fundo plano e paredes baixas e direitas. O diâmetro varia entre 16 e 18 cm.

Os pratos são peças pouco representadas nos espólios cerâmicos do Norte Peninsular, saliente-se os exemplares de Puente Castro (Leon), datados do século XII (Gutiérrez e Benítez, 1991: 213,234 e 246), da Rua de S. Torcato (Zamora (Rubio et alii, 1991).

Prato covo

Peça destinada a servir alimentos sólidos e líquidos. Recipiente muito aberto e pouco profundo com diâmetro de boca entre 15 e 25 cm.

Tigela

Peça destinada a servir alimentos ou para iluminação¹⁶. Neste grupo foram incluídas uma série de formas de perfil semi-esférico ou semi-elíptico, de capacidades variáveis. Apresentam um diâmetro do bordo variável entre 9 e 18 cm e sempre de dimensão superior ao diâmetro do fundo.

Podem ser designadas também por malgas e conforme a sua capacidade

¹⁵ Existem no entanto alguns trabalhos que por apresentarem circunstanciada ilustração dos tipos designados, deverão ser referidos. Nunes, 1900: 165 (ilustração sobre as diversas peças produzidas pela olaria de Serpa); Macedo e Freitas, 1988(Catálogo, com registo fotográfico, das cerâmicas do Felgar – Moncorvo).

¹⁶ A utilização de pequenas tigelas para iluminação está bem documentada na cerâmica tradicional, podiam conter sebo, azeite ou cera. Apresentavam um bordo circular ou um ou mais bicos, destinados a suportar a torcida e, por vezes, uma pequena asa de suspensão. (Peixoto: 1905: 171-172, figs. 2 a 5; Ribeiro, 1968; Nunes, 1900: 165). Permanece até aos nossos dias a utilização, nos cemitérios, de tigelinhas de barro cheias de cera e com um pavio ao centro.

"desde as *tigelinhas* e *grisetas* (de Trás-os-Montes) para iluminações a sebo, até às grandes *baqueadeiras*, da Beira, *barranhas* ou *barrenhas*, *pelanganas* ou *palanganas*, para usos culinários." (Chaves, s/d: 200).

Encontra-se quase ausente dos espólios cerâmicos medievais anteriores ao séc. XIV. Exceptuam-se alguns exemplares provenientes de Conímbriga (Alarcão, 1974: est. XXXV). No Casal do Geraldo (Cascais) exumaram-se uma série significativa de tigelas e malgas, com cronologias do séc. XIV ao XVI (Cardoso e Encarnação, 1990), também em Tafalla (Navarra), aqui com datações dos sécs. XIV-XV (Jusué e Tabar, 1991:17).

Tacho e frigideira

Peças destinadas a cozinhar alimentos. Embora se trate de dois tipos de peças distintos e destinados a fins culinários igualmente diversos, foi decidido inclui-las num mesmo grupo, uma vez que o facto de dificilmente encontrarmos peças inteiras impossibilita quase sempre a distinção entre as duas formas. Conforme é referido por J. Alarcão, os tachos "têm muitas vezes o mesmo perfil das frigideiras, das quais divergem apenas por serem mais fundos" (1974: 33).

Apresentam normalmente paredes pouco esvasadas ou mesmo verticais, de formato direito ou ligeiramente convexo. Os fundos são planos.

Este tipo morfológico persiste ainda na cerâmica tradicional, nomeadamente nas cerâmicas negras de Bisalhães e nos barros vidrados da zona de Barcelos. Pode ser designado por *caçarola*, *caçoila* ou *caço*.

Encontra-se praticamente ausente dos espólios medievais do Noroeste Peninsular. Existem alguns exemplares em Conimbriga, de paredes convexas e pouco abertas. (frigideiras). Parece ser mais frequente na Catalunha (Ollich, 1980 e 1984), conhecendo-se peças de fundo convexo e com uma ou mais asas (Bazzana, 1978: 201 e 216).

Peças com esta funcionalidade são frequentes nos espólios cerâmicos de origem islâmica nomeadamente das estações de Mértola (Torres, 1987: nº9 e Macias, 1991: 412-413), Silves (Gomes, 1988: 188-189) e Beja (Correia, 1991:375 e 383), no Sul de Portugal,

Peças com perfurações

Peças de paredes esvasadas, ligeiramente convexas, Com diâmetro de boca entre 16 e 24 cm e cerca de 10 cm de altura e perfurações regulares nas paredes e na base.

Não foi possível encontrar paralelos inequívocos que possibilitassem uma

definição exacta da funcionalidade destas peças. Subsistem assim duas hipóteses:

A solução mais provável é tratar-se de recipientes destinados a conservar e transportar brasas para efeitos de aquecimento (*braseiras*). São extremamente raras as peças conhecidas com este tipo de utilização. Apenas foi encontrado um paralelo formal numa peça proveniente da Crypta Balbi (Roma), datada do séc. VIII e com o interior vidrado (Cipriano et alii, 1991: 108–110).

A única referência a uma peça deste tipo na cerâmica tradicional está inserida no trabalho de Dias Nunes sobre a olaria de Serpa (1900: 165), com o nome de braseira, trata-se no entanto de uma peça de paredes mais baixas não referindo o autor se possui perfurações.

A outra hipótese é serem *queijeiras*, destinando-se as perfurações a permitir o escoar do soro do leite.

Taça

Vasilha destinada a conter, preparar e servir alimentos. Embora com algumas semelhanças formais e funcionais com os alguidares, as taças apresentam as paredes mais arqueadas e, pelo facto de se destinarem a servir alimentos à mesa, têm frequentemente um acabamento mais aperfeiçoado.

Este tipo de recipientes não são muito frequentes nos espólios medievais. No Norte de Portugal conhecem-se exemplares provenientes do Castelo de Aguiar com cronologias dos sécs. XIV–XV (Barroca e Morais, 1986).

Alguidar

Peça destinada a guardar alimentos sólidos e à preparação de alimentos¹⁷. Apresentam um formato tronco-cónico invertido, de paredes mais ou menos abertas, direitas ou ligeiramente curvas. O diâmetro do bordo varia entre 18 e 35 cm, podendo portanto variar significativamente a sua capacidade. Os fundos são normalmente planos, havendo alguns casos de fundos em disco.

De acordo com o tamanho, serventia e a região do País, variam as designações dadas a estes recipientes. Os mais pequenos são *covilhetes* e *almofias*; os maiores, *balaíos*, *barranhões* (Trás-os-Montes), *masseiras* ou *tendereiro* (Chaves, s/d: 210).

¹⁷ Na cerâmica tradicional a funcionalidade dos alguidares podia variar com o seu tamanho. Serviam normalmente para amassar farinha, para por a massa do pão a levedar, para recolher o sangue da matança do porco, para preparar e guardar os enchidos, mas também como recipientes para lavar roupa e louça (Macedo e Freitas, 1988: 19–20).

Os alguidares encontram-se sistematicamente presentes nos espólios medievais, sendo a sua morfologia pouco variável.

Púcaro

Vasos de pequenas dimensões destinados a conter, servir e ingerir líquidos. Apresentam um perfil em "S", o bordo é circular ou com bico e com um diâmetro inferior a 12 cm e com uma asa vertical no lado oposto ao bico.

Esta é uma forma sempre presente na cerâmica tradicional, servindo para a ingestão directa de líquidos, podia mesmo ser vendido juntamente com o conteúdo. Como acontecia nas estações da linha do Douro, cheios com água fresca, antes do advento de vidros e plásticos. Em Vila Real faz-se, no dia 29 de Junho (dia de S. Pedro), a Feira dos Pucarinhos¹⁸.

Jarro

Vaso destinado a conter, transportar e servir líquidos. Incluem-se neste grupo os exemplares com bordo trilobado ou com bico, colo normalmente cilíndrico, relativamente alto e decorado com caneluras feitas ao torno. Apresentam uma asa vertical no lado oposto ao bico.

O perfil pode variar, de um perfil em "S", semelhante ao do púcaro, apenas maior (*bicado*), até exemplares de colo alto e normalmente canelado (*pichel*). Pode ter também o nome de *infusa* (Peixoto, 1900: 107).

Panela e Pote

Peças destinadas a guardar (*pote*) e cozinhar (*panela*) alimentos. Apresentam um tamanho variável adaptado à função específica desempenhada, têm um perfil em "S", diâmetro do bordo variável entre 12 e 26 cm, fundo normalmente plano. É provável que as peças de menor capacidade (*panelas*) se destinassem preferencialmente à confecção de alimentos (são frequentes os vestígios de fuligem, indicativos de a peça ter sido utilizada ao lume), enquanto as de maiores dimensões serviriam para conservar e guardar alimentos (*potes*).

São as peças mais abundantes em qualquer espólio cerâmico medieval, no entanto no que respeita aos fabricos tradicionais foi quase abandonada a sua

¹⁸ Os oleiros de louça negra de Bisalhães faziam especialmente para esta feira, miniaturas destinadas a serem oferecidas, atadas com fitas, às moças pelos seus namorados (Chaves, s/d: 204). Em Bragança celebra-se, em 3 de Maio, a Feira das Cantarinhas, com significado semelhante, e para a qual eram igualmente produzidas miniaturas pelas oleiras de Pinela (Belarmino, 1981: 86).

produção, principalmente das peças destinadas à confecção de alimentos, devido à introdução da utensilagem em metal.

Popularmente podem ter ainda os nomes de *asado*, se tem duas asas¹⁹, *pote*, quando é de maiores dimensões ou ainda *panelo*, *boia* e *boião* (Chaves, s/d: 202) . O termo *panelas* pode designar genericamente a generalidade das peças produzidas por um oleiro²⁰ (Peixoto, 1905a: 184).

Talha

Peça de grandes dimensões destinada a guardar alimentos sólidos (enchidos, azeitonas, carnes, sebo, feijão, castanhas, queijo) e líquidos (azeite, vinho, água, mel). Apresenta normalmente um enorme corpo ovóide, variando as características da boca. Desde o perfil em "S", com colo baixo (semelhante às panelas na forma mas de maiores dimensões) até aos recipientes sem colo, de formato ovóide e bordo apenas espessado, passando pelos exemplares de colo alto e vertical, por vezes com rebordo interno para assentamento do testo.

A espessura de paredes é superior a 8 mm. e é frequente a existência de cordões plásticos com impressões, dispostos quase sempre na horizontal e que, para além do aspecto decorativo, servem para reforçar as paredes da peça.

Nos exemplares exumados não foi possível identificar a presença de nenhum orifício destinado a servir de torneira rudimentar, para retirar líquidos. Sabemos no entanto que na olaria tradicional era frequente a existência, com esse fim, de uma perfuração na parede, junto à base da peça (Chaves, s/d: 206).

Este tipo de peça pode também ser designada por *tarefa* ou *pote* (Chaves, s/d: 206). Em Trás-os-Montes a talha pequena toma o nome de *talhão* (Macedo e Freitas, 1988: 25) ou *talhoca* (Belarmino, 1981: 87).

¹⁹ Na olaria do Felgar (Torre de Moncorvo), a forma *panela* tem normalmente uma asa, boca circular sem bico e colo cilíndrico e uma altura de cerca de 20cm, destinando-se a cozer alimentos. Existe uma variante, um pouco maior, com cerca de 30 cm de altura, designada *panela de ordenhar* e que se destinava a recolher o leite. A *asada* tem um perfil semelhante sendo no entanto de maiores dimensões (altura de cerca de 40 cm) e apresentado duas asas de fita colocadas em oposição, destinava-se a conservar alimentos (Macedo e Freitas, 1988: 27-28; il. 36-38).

²⁰ A generalização do termo *panela* à globalidade da produção cerâmica está patente no facto de, por vezes, se designarem os oleiros por *paneleiros*, como está documentado, por exemplo, em Ossela (Peixoto, 1908: 316) ou em Mirandela (Sales, 1983: 132).

Pote ovóide

Peças destinadas provavelmente à confecção e conservação de alimentos. Vasos de dimensões médias, apresentando forma globular, bordo inclinado interiormente com lábio arredondado e fundo plano.

Este tipo de formas encontra-se quase ausente dos tipos cerâmicos tradicionais. Pela morfologia e pela funcionalidade aproxima-se dos tachos, embora seja mais alta e possua um bordo fechado.

2.2.2. DECORAÇÕES

A classificação e sistematização dos diversos elementos decorativos pode variar de acordo com o aspecto tecnológico ou estilístico que se pretenda destacar: o instrumento utilizado e a forma de aplicação (Jorge, 1986) a morfologia da marca efectuada sobre a pasta (Vivien, 1982: 38-53) ou o tipo de alteração introduzido pela decoração na parede do vaso (Balfet, 198 :304-305).

Pareceu-nos que os dois primeiros critérios referidos colocam problemas de concretização. No primeiro caso porque se trata privilegiar um elemento ausente (o instrumento) e cuja morfologia e forma de utilização nem sempre são perceptíveis. No segundo caso porque parece permitir situações de carácter indefinido, nomeadamente quanto aos puncionamentos.

Foi decidido utilizar portanto o último dos critérios referidos por nos parecer o de mais clara e simples aplicação.

Foram definidos os seguintes grupos de acordo com a forma de concretização do elemento decorativo sobre a peça: 1) decoração por deformação da parede da peça; 2) decoração obtida através de deslocação de matéria da peça; 3) decoração obtida pela aplicação de matéria

A) Decoração por pressão sobre a pasta

1. *Brunido*

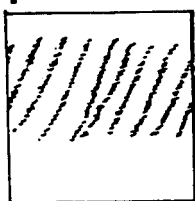
Aplicação de um seixo sobre a pasta seca, desenhando motivos lineares de aspecto alisado e brilhante. Ocorre em peças de cor negra, com bom acabamento,

A decoração brunida está praticamente ausente nos materiais cerâmicos publicados no Norte de Portugal²¹, encontrando-se bem representada nos

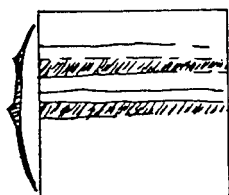
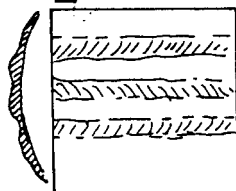
²¹ Nas escavações da gruta de S. Romão foi exumado um pequeno pote de pasta vermelha

TECNICAS DECORATIVAS

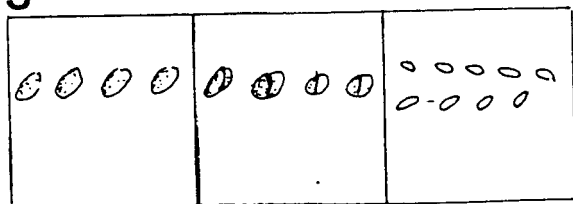
1



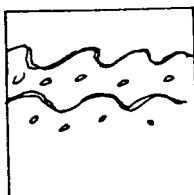
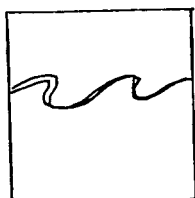
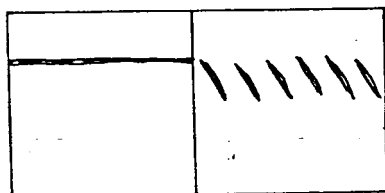
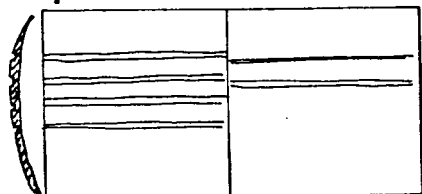
2



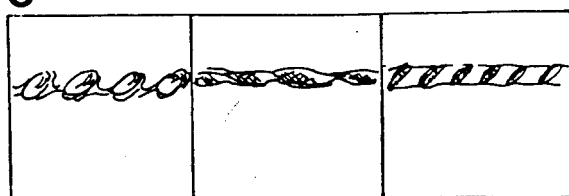
3



4



5



espólios recolhidos em escavações das províncias de Zamora (Larrén 1989: p. 279) e Léon (Gutierrez 1989: p. 230–231), em contextos datados da 2ª metade do século XII (Peñil 1987: p. 620).

Por outro lado as cerâmicas tradicionais da zona de Vila Real (Bisalhães), de cor negra apresentam ainda hoje este tipo de decoração.

2. Cordão anelado

Decoração em relevo, obtida ao torno, podendo apresentar-se isoladamente ou cobrindo parte da peça, conferindo à parede da peça um relevo ondulado, mais ou menos proeminente.

A ocorrência de decorações aneladas no colo de jarros e de outras formas destinadas a servir líquidos (púcaros e jarras globulares) aparece em contextos cronológicos diversos, normalmente posteriores ao século XI. No Castelo de Aguiar (Barroca e Morais, 1986: p. 76) num contexto datado pelos autores do final do século XIV/séc. XV, encontraram-se jarros de colo alto com cordões anelados no colo. Em Conímbriga verifica-se a presença deste tipo de decoração em vários púcaros (Alarcão, 1974: Est. XLII e XLIII).

3. Impressões

3.1. Impressão com punção

Aplicação na pasta ainda fresca, por pressão perpendicular ou oblíqua, de um punção cuja extremidade pode apresentar diversas formas: pontiaguda, circular, triangular, rectangular, amendoada ou espatulada. Produzindo uma marca de tamanho, forma e profundidade variáveis.

3.2. Impressão digitada e ungulada

Aplicação dos dedos ou unhas sobre a pasta fresca.

Motivo decorativo pouco utilizado isoladamente. Aparece normalmente associado aos cordões plásticos.

3.3. Estampilhagem

Aplicação sobre a pasta fresca de uma matriz com um motivo mais ou menos complexo. Nos espólios estudados não foi detectada nenhuma peça com este tipo de decoração.

Esta técnica decorativa, relativamente abundante nas cerâmicas tardo-romanas e visigóticas, é pouco frequente nos espólios cerâmicos posteriores. No com decoração brunida sobre o colo (Varandas, 1993: 159).

Norte de Portugal apenas se conhecem alguns exemplares provenientes do Castelo de Aguiar (Barroca e Morais, 1986: 76, Est. X, XVIII e XIX), com um motivo semelhante ao encontrado na Necrópole de Bornes. Decorações estampilhadas têm sido encontradas, mas em quantidade diminuta, em Leon²² (Gutierrez e Beneitez, 1989: 232, fig. VI,5), Valladolid²³ (Saez et alii, 1989: 163, fig. III) e Santander²⁴ (Bohigas et alii, 1989: 120, fig. XIII-6)

B) Decoração por deslocação de matéria

4. Incisão

Linha incisa, de perfil em "V", produzida através da aplicação de um estilete ou outro instrumento aguçado, na pasta ainda fresca.

As incisões constituem uma das técnicas decorativas mais utilizadas. Dividem-se em três grandes grupos, homogêneos entre si. As *incisões rectilíneas horizontais* podem ter uma largura variável entre 1 a 3mm e ser utilizadas isoladamente ou em número variável, raramente no entanto preenchendo toda a peça. As *incisões curvilíneas*, apresentam-se sempre dispostas horizontalmente, formando meandros regulares e com uma largura que raramente excede um milímetro. Aparecem, na maior parte dos casos, isoladamente, podendo no entanto ocorrer associadas a outro tipo de motivos, nomeadamente a impressões. As *incisões curtas e profundas* encontram-se essencialmente nas asas.

Este tipo de decoração encontra-se na maioria dos conjuntos de cerâmica medieval conhecidos no Norte Peninsular, no entanto apenas no Norte de Portugal e Galiza se constitui como uma das decorações mais representadas²⁵,

²²Alguns exemplares em Valle de Mansilla e Puente Castro com motivos circulares e em Valencia de Don Juan rosetas inscritas em círculos, semelhantes a outras encontradas em Santillana del Mar (Peñil et alii, 1986: 364-365, fig.1-3, 2-5), datáveis do final do séc. XII e séc. XIII.

²³ Em Fuenteungrillo foi encontrado um motivo estampilhado composto por uma cruz inserida num círculo.

²⁴Em Santillana del Mar foi encontrado um motivo composto por uma roseta inserida num círculo

²⁵As decorações incisas, rectilíneas e meandros, são referidas como sendo das mais frequentes nas seguintes intervenções: Castelo de Aguiar, presente em potes (Barroca 1986: p. 76); Sto Estevão da Facha - cerca de 37% dos fragmentos decorados, ocorre em potes e panelas (Almeida 1981: p. 24); Conímbriga em alguidares, púcaros, cântaros e potes (Alarcão

encontrando-se aplicada mais frequentemente em potes e panelas. A sua utilização ultrapassa mesmo o âmbito cronológico medieval, para se estender desde o período romano até à cerâmica tradicional actual.

C) Decorações por aplicação

5. *Aplicações plásticas*

5.1. *Cordão plástico com impressão*

Aplicação de cintas de barro, posteriormente à modelação da peça e sobre as quais são efectuadas impressões.

As impressões sobre os cordões são normalmente digitações e, em alguns casos, ungulações ou puncionamentos. Podem dispor-se transversal ou obliquamente em relação ao cordão plástico. Apresentam por vezes marcas de tecido que seria enrolado na matriz.

São o tipo de decoração dominante nos espólios estudados. Dispõem-se geralmente na horizontal, havendo alguns exemplos de disposição vertical, circular e formando motivos cruzados. Podem encontrar-se isolados, em conjunto ou em associação com outros motivos decorativos, nomeadamente com linhas incisas onduladas e com impressões.

Este tipo de decoração ocorre principalmente em peças de médias e grandes dimensões, uma vez que para além de ter uma função decorativa serve igualmente para reforçar as paredes dos vasos.

O predomínio dos cordões com impressão e a sua presença nas formas acima referidas é concordante com o que acontece na maioria dos espólios cerâmicos medievais no Norte de Portugal e na Galiza. Em Conímbriga, Sto. Estevão da Facha (62,74% dos fragmentos decorados) e Castelo de Aguiar este é o tipo de decoração mais frequente e ocorre em alguidares, potes grandes e talhas, com os cordões dispostos horizontalmente. Exceptuam-se neste aspecto apenas alguns espólios provenientes de meios urbanos, nomeadamente da cidade de Braga que apresentam características diversas²⁶.

1974: p. 113). Na Galiza as incisões encontram-se presentes ao longo de toda a Plena e Baixa Idade Média (Suarez 1989: p. 288-289)

²⁶As cerâmicas medievais de Braga, nomeadamente as provenientes das escavações da Rua da Sra. do Leite (Gaspar 1985), das escavações da Sé de Braga (Rodrigues 1989) e da Casa da Roda, apresentam elementos decorativos qualitativa e quantitativamente distintos. Assim, predominam as caneluras que por vezes ocupam toda a parede da peça, as incisões e perfurações e só depois os cordões com impressões que aparecem normalmente em peças de grandes dimensões (potes grandes e bacias) e aplicados verticalmente.

3. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: STA. CRUZ DA VILARIÇA E BALDOEIRO

3.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Os povoados medievais de Santa Cruz da Vilariça e do Baldoeiro situam-se actualmente na freguesia da Adeganha, concelho de Moncorvo, distrito de Bragança. Implantam-se em locais com boas condições de defesa e vigilância, situados na linha de relevo que limita, pelo Este, o Baixo vale da Vilariça. Este amplo vale que se estende no sentido Norte – Sul, numa extensão de cerca de 25 km, desde o rio Douro até às faldas da serra de Bornes, constitui uma estrada natural de comunicação entre as Terras Frias Trasmontanas e a Região Duriense. É constituído essencialmente por terrenos com características aluviais que possuem uma elevada potencialidade agrícola.

Os dois povoados distam entre si cerca de 1500 m em linha recta e são separados por uma portela que permite a comunicação entre os vales da Vilariça e do Sabor.

Situam-se portanto numa boa posição estratégica, dominando visualmente não só o vale da Vilariça mas também o Baixo vale do Sabor desde a sua foz no rio Douro.

3.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A informação histórica sobre a área específica em estudo, para a Alta Idade Média, é praticamente inexistente, no entanto se integrarmos esta área no contexto mais alargado do Alto Douro podemos encontrar alguma documentação bastante expressiva.

Durante um largo período que vai da conquista árabe ao final do séc. IX, são quase nulos os nossos conhecimentos sobre esta região, a documentação escrita não existe e apenas se iniciaram as investigações arqueológicas. Parece provável que nesta área, sempre parca em população, tenham então subsistido comunidades auto-suficientes, organizadas em povoados fortificados e estrategicamente situados (Mattoso, 1992: 455). Dos mais importantes (Trancoso, Moreira, Longóbriga, Numão, *Vacinata*, Almendra, Penedono,

Alcobria, Sernancelhe (?), Caria e outras)²⁷ temos notícia da sua doação efectuada em 960, por Dona Chamôa Rodrigues²⁸, ao Mosteiro de Guimarães.

Com a progressiva expansão para Sul da Reconquista cristã, é atingido o Douro no reinado de Afonso III (866–910). Em 939, Ramiro II (931–950) derrota o Califa de Córdoba em Simancas, avançando a reconquista para Sul do Douro e povoando Salamanca e Ledesma.

Paralelamente e em conexão com a expansão militar dá-se um movimento de repovoamento ou mais provavelmente de presúria que se concretiza na posse de terras e povoações pelos membros das famílias condaís recém chegadas do Norte.

São presúrias realizadas em terras de fronteira (*in ipsa stremadura*) de que resulta a posse de castelos (*castella*) e doutras fortificações e povoados (*penelas e populaturas*).

As campanhas de Almançor, no final do século X, , vão provocar um interregno na expansão cristã para Sul. É apenas com Fernando Magno que regressa o domínio cristão ao Sul do Douro. Mas é ainda um domínio perene e instável, para assegurar a fidelidade das comunidades autónomas aí presentes, Fernando Magno, vai conceder entre 1057 e 1065, forais às povoações de S. João da Pesqueira, Penela, Paredes, Linhares e Ansiães²⁹.

Estamos perante uma evolução complexa em que, no espaço de um século e na mesma região, se nos deparam realidades tão diversas como a propriedade da aristocracia condal e por outro lado, comunidades autónomas provavelmente dominadas por cavaleiros–vilãos e dedicadas à pecuária (Mattoso, 1986: 341).

No entanto o tipo de implantação dos povoados no território parece ser semelhante em todos os casos e tem por base o incastelamento.

A documentação dos séculos XII e XIII permite-nos conhecer melhor os diversos poderes regionais. Por outro lado desde a primeira metade do século XII, verifica-se o processo de implantação de um novo poder supra-regional, o do Infante/Rei de Portugal que para disputar à coroa leonesa a posse do território trasmontano, vai procurar assegurar a fidelidade desses poderes regionais.

²⁷ P.M.H. – D.C., 81; identificação dos topónimos seg. Lindley Cintra, 1984: XXXVII.

²⁸ Membro da aristocracia condal, sobrinha de Mumadona Dias e bisneta de Afonso *Betote* – repovoador do Minho inferior na época de Afonso III e, provavelmente, conde de Tui, além de conde de Deza (região de Lalim na Galiza) (Mattoso, 1981: 153)

²⁹ P.M.H. – Leg.: 343–348.

Na parte Norte deste território dominava a linhagem dos Braganços pelo menos a partir do final do séc. XI. Em 1128, Fernão Mendes surge como *Tenente Bragancia*, a confirmar um documento do Infante D. Afonso³⁰. Se até aqui, de acordo com documentos dos inícios do séc. XII, esta região surge integrada nos territórios leoneses de Astorga e Zamora³¹, a partir desta altura, os Braganços, e a região por eles dominada, aparecem ligados a Portugal. Vão desempenhar cargos de importância na corte real e aparecem frequentemente a confirmar documentação régia³².

Significativo da importância e poder desta família é o facto de um neto de Fernão Mendes, com o mesmo nome, ter casado com uma irmã de Afonso Henriques, D. Sancha, que para o efeito a separou do seu legítimo marido³³.

A implantação regional desta linhagem originária da região de Bragança alargava-se para Sul, como demonstra a carta de foral concedida, em 1130, por Fernão Mendes aos habitantes de Numão (*civitate Noman*)³⁴ e a doação pelo seu neto, Fernão Mendes II, do castelo de Longroiva à Ordem do Templo (Viterbo, 1962: II, 581, nota1).

As Inquirições de 1258 referem ter Fernão Mendes II, povoado a vila de Santo Estevão, por mandado do rei, e seu filho Pedro Fernandes doado ao

³⁰D.M.P. – D.R.: I, 92 e 116.

³¹L.F.: 6 e 410; cf. Mattoso, 1986: I, 186.

³²O filho de Fernão Mendes, Mendo Fernandes, governador de Bragança (L.F., 419) foi alferes-mor de Afonso Henriques entre 1146 e 1147 (D.M.P. – D.R., I, 214, 220–264 e 271). O rei de Leão consegue atraí-lo para a sua corte tornando-o, entre 1157 e 1159, seu primeiro alferes-mor (D.M.P. – D.R., I, CXXII). Desde 1145 surge o filho de Mendo Fernandes, Fernão Mendes, como tenente da terra de Bragança (D.M.P. – D.R., I, 210 e 260). O seu filho Pedro Fernandes, novo senhor da terra de Bragança, foi mordomo-mor do futuro rei Sancho entre 1169 e 1175 (D.M.P. – D.R., I, 294, 383–424). O sucessor da linhagem, Fernão Fernandes foi tenente da terra de Bragança, cargo que parece ter acumulado com a tenência das terras de Penaguião e Panóias (Bragança: D.S., 76, 121, 128; Penaguião: D.S., 102; Panóias: D.S., 126, 132 e 139). No entanto em 1209, surge como tenente em Estremadura pelo rei de Leão, Afonso IX, ao confirmar os foros de Csatelo Rodrigo, outorgados por este rei (Lindley Cintra, 1984: 128 e 133; Azevedo, 1962: 264, nota 37). Regressa à vassalagem do rei de Portugal pois confirma, em 1217 com Afonso II o foral de Miranda da Beira (P.M.H. – Leg.: 374). Em 1225 surge como alferes-mor, ao confirmar o foral de Santa Cruz da Vilariga outorgado por Sancho II (P.M.H. – Leg.: 604).

³³L.F.: 540–567; cf. Viterbo, 1962: II, 587, nota 1.

³⁴P.M.H. – Leg.: 368–370.

mosteiro de Bouro a vila de Santa Comba da Vilariga, ambas as povoações situadas no vale da Vilariga³⁵.

No século XIII, sobretudo nos reinados de Afonso II e D. Dinis, dominados pelo processo de centralização política, verificam-se alterações na sucessão hereditária do cargo de tenente da terra (Mattoso, 1986: II,127). O governo do último Braganção detentor do cargo, Fernão Fernandes é interrompido quando este apoia Afonso IX de Leão, sendo substituído por Ponço Afonso de Baião. Posteriormente, em 1233, era tenente da terra, Vasco Mendes. Sucedem-lhe Martins Afonso (1243), Fernando Lopes de Baião (1253), Afonso Teles (1256), Martins Afonso (1258) e Nuno Martins de Chacim (1266) (Alves, 1934: I, 296 e segs.)

Na parte meridional do actual distrito de Bragança e no Vale do Douro, um outro poder existia que os reis portugueses vão procurar enquadrar e fidelizar. São as comunidades autónomas já referidas anteriormente e a quem vão ser concedidas cartas de foral. Afonso Henriques confirma e reforma os forais concedidos na região do Douro por Fernando Magno³⁶ e outorga, entre 1152 e 1182, forais a Freixo de Espada-à-Cinta³⁷, Mós³⁸ e Urros³⁹. Sancho I concede forais a Penas Roias (1187)⁴⁰, Bragança (1187)⁴¹, Junqueira da Vilariga (1201)⁴² e Rebordãos (1208)⁴³.

Afonso II dá foral a Vilarinho da Castanheira (1218)⁴⁴ e Sancho II outorga

³⁵ P.M.H. – Inq. 1258: 1274 e 1275

³⁶ P.M.H. – Leg.: 343–348.

³⁷ P.M.H. – Leg.: 378–381.

³⁸ P.M.H. – Leg.: 390–391.

³⁹ P.M.H. – Leg.: 424–436.

⁴⁰ D.S.: 23.

⁴¹ D.S.: 24.

⁴² D.S.: 137.

⁴³ D.S.: 179.

⁴⁴ P.M.H. – Leg.: 582–583.

forais a Santa Cruz da Vilariça (1225)⁴⁵ e Abreiro (1225)⁴⁶.

A leitura das Inquirições de 1258 elucida-nos sobre outros poderes regionais existentes na primeira metade do século XIII. Assim, os mosteiros de Castro de Avelãs, do Bouro, de S. Martinho da Castanheira e de Moreirola, estes dois últimos com sede em Leão, as Ordens Militares do Hospital e do Templo e o arcebispo de Braga, possuem numeroso património espalhado por toda a região. São também frequentes as referências a senhores nobres, alguns leoneses⁴⁷, e outros de pequena ou média condição, indicadores do alastrar da senhorialização em Trás-os-Montes na primeira metade do século XIII.

Abordando mais concretamente a área em estudo parece ser possível com os dados disponíveis, traçar um quadro da evolução do povoamento, para os séculos X a XIV.

Tomamos como referência, para além da documentação já citada, os testemunhos materiais de uma série de habitats medievais, detectados através de prospecção de campo.

Estes povoados situam-se nas margens do vale da Vilariça, sobre esporões rochosos sobranceiros ao vale ou em pequenos vales encaixados, situados a meia encosta. São locais estratégicos, com boas condições naturais de defesa e visibilidade, apresentando quase sempre estruturas defensivas: Castelo da Mina⁴⁸, Sra. do Castelo da Adeganha⁴⁹, Cortinha da Fonte⁵⁰, Alfarela⁵¹.

⁴⁵ P.M.H. – Leg.: 601–604.

⁴⁶ P.M.H. – Leg.: 604–605.

⁴⁷ No julgado de Algosó são feitas referências a D.Nuno de Zamora e a D. Pedro Ponço, rico-homem de Leão (P.M.H. – Inq.1258: 1280–1286).

⁴⁸ Fortificação roqueira, situada sobre um esporão sobranceiro ao vale da Vilariça, onde foram descobertas moedas portuguesas medievais.

⁴⁹ Situado sobre um esporão sobranceiro ao vale da Vilariça, com vestígios de 2 linhas de muralhas, eventualmente de origem pré-romana. No interior do recinto muralhado e num pequeno vale próximo foram encontrados fragmentos de cerâmica medieval e moedas portuguesas medievais.

⁵⁰ Pequeno vale encaixado situado nas proximidades da actual povoação da Junqueira. Foram recolhidos fragmentos de cerâmica medieval. Junto a este habitat encontram-se vestígios de uma pequena torre (Cabeço das Pombas). A poucas centenas de metros encontra-se uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha.

⁵¹ Cabeço de formato cónico junto à Foz do Sabor. Foram encontrados fragmentos cerâmicos

Sabemos ainda pouco sobre estes habitats. A prospecção de superfície permitiu recolher fragmentos cerâmicos que indiciam uma ocupação medieval, escasseiam no entanto os elementos que nos permitam atribuir uma cronologia mais segura e precisa.

Por outro lado não existem referências documentais inequívocas, embora a documentação dos séculos XII e XIII cite diversas povoações, ainda não identificadas, e que poderiam corresponder a alguns destes povoados.

Poderão ser estes locais ser testemunhos da presença de um povoamento datável da Alta Idade Média, caracterizado pela existência de pequenos povoados autónomos, de origem local⁵², situados em locais estratégicos. A sua localização na *Extremadurii*, zona de fronteira entre cristãos e mouros e junto a um vale que como já foi referido constitui uma via natural de comunicação entre o Norte e o Sul⁵³, terá obrigado à sua fortificação ou pelo menos à reutilização de estruturas defensivas anteriores, como forma de protecção face às frequentes razias e pilhagens (cf. Almeida, 1978:5-6)

São ainda hipóteses de trabalho que carecem de ser confirmadas pelo desenvolvimento da investigação nesta área, nomeadamente através de sondagens arqueológicas que permitam caracterizar a ocupação destes povoados.

3.3. O POVOADO MEDIEVAL DO BALDOEIRO

O sítio arqueológico do Baldoeiro localiza-se de acordo com as seguintes coordenadas de Gauss, tomando como referência um ponto central da estação: M - 287,8 e P - 473,2⁵⁴.

de origem medieval e romana. No topo da elevação existem vestígios de uma atalaia circular construída com lajes de xisto, na encosta encontra-se uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha.

⁵² Não temos dados suficientes que nos esclareçam sobre a origem destes povoados. Nomeadamente saber se se trata de populações com origem no povoamento local de época romana ou se são povoadores trazidos do Norte por acção da Reconquista nos secs. X e XI. No entanto é de salientar o facto de existirem junto a todos estes povoados, normalmente no vale, habitats com ocupação romana bem documentada: Castelo da Mina -- Vila Maior; Sra. do Castelo -- Olival das Fragas; Cortinha da Fonte -- Cevadeiras; Alfarela -- vestígios de ocupação romana no próprio cabeço.

⁵³ Tem sido normalmente considerado que uma via romana procedente das Beiras atravessaria o Douro junto à foz do Sabor e continuaria para Norte através do Baixo Vale da Vilarça (Alarcão, 1988:fig.20).

⁵⁴ Segundo a Carta Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1:25

A estação implanta-se na encosta SW do planalto da Adeganha, a uma altitude média de 280 metros, sobranceira ao vale da Vilarça que lhe fica a Oeste e ao vale encaixado do Sabor, a Sul.

Do ponto de vista geológico a estação encontra-se localizada exactamente numa área de contacto entre granitos alcalinos, responsáveis pelo relevo vigoroso do planalto da Adeganha e xistos grauvaques que se estendem para Sul até ao sopé da serra do Reboredo, num relevo ondulado formado por colinas de baixa altura⁵⁵.

A estação abrange um pequeno vale ,com orientação e pendente Norte/Sul, no extremo do qual se situam os vestígios de um templo românico, e um esporão sobranceiro ao vale da Vilarça, constituído por grandes fragas graníticas e sobre o qual se ergueria uma torre roqueira de formato quadrangular.

A área de dispersão dos vestígios arqueológicos à superfície é significativa, sendo possível desde logo identificar dois grandes momentos cronológicos de ocupação, através dos materiais de superfície: a Pré-história Recente⁵⁶ e a Idade Média. Considerando a similitude da dispersão dos materiais arqueológicos dos dois períodos parece haver uma coincidência nas áreas de povoamento, o que aliás tem vindo a ser confirmado pela escavação.

Entre 1987 e 1990 (Lima 1988 e 1988a) foi escavada a área da igreja românica de S. Mamede, edifício que nunca foi concluído, e parte da necrópole que lhe está associada. Em 1990 e 91 foi efectuada uma sondagem numa plataforma situada junto à referida Torre roqueira e que possibilitou a recolha do conjunto cerâmico que é objecto deste estudo.

3.3.1. AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O sítio do Baldoeiro é uma estação arqueológica notável, pela presença de vestígios arqueológicos de cronologias diversas que atestam a continuidade da ocupação humana do local. São vários os autores que se referiram ao local. A primeira referência surge num manuscrito de 1627-35, referindo a existência de

000, fl. 118 (Castedo).

⁵⁵Segundo a Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50 000, fl. 11-C (Torre de Moncorvo)

⁵⁶As cerâmicas pré-históricas desta estação foram objecto de um trabalho efectuado no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto (Rodrigues e Rebanda, 1991), indiciando a presença de ocupações datáveis do Calcolítico e do Bronze Final / Ferro Inicial .

uma ara dedicada a Júpiter existente no interior de uma "ermida dedicada ao glorioso pastor Mamede" (Cruz, 1935). Vários autores se referiram posteriormente a este achado que se tornou notado por ter sido dedicado pela *Civitas Baniensis* (Magalhães, 1845; Vasconcelos, 1896; Encarnação, 1975).

Santos Júnior visitou várias vezes a estação, alertando para a existência de gravuras rupestres serpentiformes, ainda hoje bem visíveis em várias fragas graníticas, e que interpretou como sendo de origem castreja (Júnior, 1931 e 1975). As primeiras referências modernas à ocupação medieval do local e nomeadamente à existência de uma sepultura escavada na rocha, foram efectuadas por Adriano V. Rodrigues e D. Domingos P. Brandão na sequência de uma visita de estudo ao local (Rodrigues e Brandão, 1961).

3.3.2. A IGREJA ROMÂNICA DE S. MAMEDE

A escavação do edifício românico permitiu verificar que o programa inicial de construção nunca foi completado. O aparelho de feição românica, constituído por grandes silhares de granito, muitos deles com siglas, só foi utilizado na capela-mor e no início da nave. A construção foi concluída com um aparelho rústico, com paredes de espessura variável e utilizando alvenaria de xisto e granito de forma e tamanho irregulares.

Os elementos arquitectónicos recolhidos indiciam estarmos na presença de um edifício integrável no chamado românico bracarense e que apresenta notáveis semelhanças com a igreja românica de S. Salvador de Ansiães.

Na área envolvente da Igreja existe uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha. As suas formas variam entre o antropomórfico, trapezoidal e sub-retangular. Foram escavadas apenas algumas destas sepulturas, tendo sido recolhidos vestígios osteológicos "in situ" (Lima et alii, 1988a).

3.3.3. A TORRE ROQUEIRA

A Norte da Igreja românica e numa situação topográfica sobranceira, ergue-se um conjunto rochedos graníticos dos quais se destaca a chamada Fraga do Corvo. Esta elevação, de difícil acesso e com uma óptimas condições de defesa e visibilidade, é constituída por um enorme penedo, de forma ovalada, sobre o qual se erguia uma torre roqueira e por outras fragas de dimensões mais

reduzidas que se erguem ao lado e sobre o grande penedo.

3.3.3.1. ESTRUTURAS

A Torre, de que são visíveis os entalhes feitos na rocha para assentamento das paredes, tinha uma forma quadrangular, com cerca de 8 metros de lado, sendo os lados orientados sensivelmente pelos pontos cardeais. As paredes teriam cerca de 1,5 m de espessura e eram constituídas por silhares de granito (alguns dos quais se encontram derrubados na base do penedo) formando dois paramentos com enchimento no interior.

A Norte do penedo principal existem duas cisternas, de forma rectangular e parcialmente escavadas na rocha. Em diversas fragas são visíveis entalhes destinados ao assentamento de estruturas de madeira.

Entre o penedo da Torre e as cisternas, com um desnível de cerca de 2 metros, encontra-se uma pequena plataforma de terra situada entre penedos, onde se realizou a sondagem arqueológica que propiciou a recolha do espólio agora estudado.

Nesta plataforma existiu um edifício, coberto com telha de meia cana, anexo à torre propriamente dita. Foi detectado um muro, colocado entre duas fragas (o penedo da Torre e outra fraga mais pequena a Norte) e que corresponderia à parede Este do edifício.

Associado a esta parede foi encontrado um lajeado, construído com grandes lajes de granito. Esta edificação ocuparia a totalidade do espaço existente entre o penedo da torre e as cisternas, aproveitando as diversas fragas aí existentes como paredes e os entalhes como pontos de apoio dos travejamentos do telhado e eventualmente de um sobrado intermédio.

Tratar-se-ia de um espaço coberto, bem protegido e que deveria ter dois pisos: um andar superior, à cota e com acesso a partir do topo da fraga da Torre; um andar inferior, cujo acesso se faria a partir do andar superior e que teria como piso o lajeado referido anteriormente.

Parece provável que toda esta área fosse utilizada, não apenas como fortificação mas também como zona habitacional.

3.3.3.2. ESTRATIGRAFIA

Detectaram-se as seguintes unidades estratigráficas relacionadas com a ocupação medieval:

u.e. 001 – Camada superficial de terra humosa, de cor castanha, não compacta, com raízes, granito desfeito, telha e cerâmica muito fragmentadas.

u.e. 002 e 003 – Camada de terras castanhas com compactidade mediana, muita telha fragmentada, pedras de tamanho pequeno a médio e areão. É o nível estratigráfico com maior potência de terras e corresponde à destruição e posterior abandono do local.

u.e. 004 – Piso construído com grandes lajes de granito, de forma irregular, encontrando-se a face superior polida pela utilização. Este piso encontra-se parcialmente destruído, preservando-se apenas no quadrado R2.

u.e. 005 – Camada de terra castanha escura, compacta, com muita telha e pedras de tamanho médio. Corresponde à utilização e posterior abandono da ocupação relacionada com o piso 006. O seu nível superior serviu como preparação para o lajeado 004.

u.e. 006 – Piso de cor castanha muito escura, muito compacto com pontos negros de carvão. Na sua preparação foram utilizadas pedras de tamanho médio, não se encontram fragmentos de telha e a cerâmica recolhida. pelas suas características, é datável do Bronze Final / Idade do Ferro Inicial.

Definiram-se assim duas fases de ocupação medieval:

Fase I – (U.E. 005) Um primeiro momento que é definido por um piso de terra batida sobre o qual foram recolhidos materiais medievais, correspondendo ao início da ocupação medieval e cuja cronologia permanece indefinida.

Fase II – Um segundo momento correspondente à última fase de ocupação do local que é definido pela construção do referido edifício, do lajeado que lhe está associado (U.E. 004) e pelo posterior abandono do local (U.E's 001, 002 e 003). Os materiais recolhidos correspondem, portanto à fase final da ocupação que datamos da 2ª metade do século XII.

A ocupação medieval desta plataforma encontra-se estreitamente associada à utilização da Torre que fica situada sobre um dos penedos delimitadores da plataforma e em relação à qual este espaço funcionaria como anexo e de passagem uma vez que se situa exactamente entre a Torre e a cisterna.

3.3.4. CRONOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO MEDIEVAL

O vale da Vilariga constituiu desde sempre um motivo de atracção das populações, já pelas características da fertilidade dos solos, mas também pela sua situação de estrada natural⁵⁷ no sentido Norte/Sul. Como alertou C.A. Ferreira de Almeida para o Entre-Douro e Minho é "nos locais das portelas, sobre a foz de rios e ao longo dos grandes caminhos de tradição romana" (Almeida, 1978: 44) que se vão situar povoados e fortificações colocados em locais estratégicos. Condições triplamente satisfeitas pela situação estratégica do povoado do Baldoeiro que se encontra sobranceiro aos vales da Vilariga e Sabor, junto à portela que permite a comunicação entre eles e com domínio visual sobre a foz do Sabor.

O sítio arqueológico do Baldoeiro apresenta características que o diferenciam dos outros povoados medievais acima referidos.

A edificação de uma torre com a utilização de silhares de granito e posteriormente a tentativa de erguer uma igreja românica, recorrendo necessariamente a artífices vindos de fora, dificilmente poderão ser entendidas como resultado da acção de uma pequena comunidade rural.

Por outro lado parece ser uma evidência que as comunidades rurais autónomas constroem preferencialmente cercas muralhadas que permitem acolher no seu interior a totalidade da população e os seus rebanhos. Estas cercas podem ser edificadas em volta da própria povoação ou em alguns casos situar-se em locais próximos com boas condições defensivas, sendo que neste caso se verifica frequentemente uma reutilização de fortificações anteriores⁵⁸.

Deverão portanto ser consequência de um poder de tipo senhorial. Esta ideia é reforçada pelo facto de, associados à torre, terem sido encontrados vestígios de um edifício com funções provavelmente habitacionais, se atendermos ao espólio cerâmico em que são preponderantes as formas destinadas a preparar e servir alimentos (panelas, jarros e púcaros).

Parece então ser possível caracterizar o povoado do Baldoeiro, como uma fortificação de origem senhorial, edificada durante a Reconquista (sécs. XI–XII),

⁵⁷ A importância desta área como corredor de passagem entre as Beiras e Trás-os-Montes encontra-se bem documentada através dos tempos. O vale da Vilariga

⁵⁸ Nas proximidades do Baldoeiro temos exemplos deste dois tipos de fortificação: Sta Cruz da Vilariga, Mós, Torre de Moncorvo, são exemplos de povoações com cerca muralhada; Castelo da Cizonha, Castelo da Mina, Castelo da Junqueira e N.ª Sra. do Castelo da Adeganha são exemplos de fortificações que deverão ter sido utilizadas para refúgio das populações e gados em tempo de guerra.

correspondendo ao avanço para Sul de poderes senhoriais originários do Norte Trasmontano, e à volta da qual se desenvolveu uma pequena povoação.

O despovoamento deste povoado deverá ter ocorrido no início do século XIII. A esta situação não deverá ser estranha a emergência, a partir dos finais do século XII, da vila de Santa Cruz da Vilariga. Espaço muralhado, com melhores condições de defesa e principalmente com privilégios concedidos em foral por D. Sancho II (1225).

Ao abandono do local deverá estar associada a interrupção das obras de construção da Igreja românica, cujo início deverá ter ocorrido na segunda metade do século XII.

Esta situação ajuda a compreender a ausência de referências documentais⁵⁹, nomeadamente à igreja que embora inconcluída no seu programa inicial foi completada num aparelho rústico funcionando provavelmente apenas como ermida, não sendo por isso referenciada no Catálogo das Igrejas de 1320.

⁵⁹ Tem sido levantada a hipótese de este povoado corresponder à Torre de Ferreira (Lima et alii, 1988a: 194), povoação que ficaria na área da Vilariga e que o foral da Junqueira da Vilariga refere como tendo tido um foral que serviu como modelo ao próprio foral da Junqueira (D.S.: nº 137: "...et ideo hoc forum de Ferreira vobis do et concedo ut terram de Junqueira quibus forum do populetis..."). Mais tarde é feita nova referência a esta povoação nas Inquirições de 1258, sob o nome de *Turre de Ferreira* (P.M.H. – Inq. 1258:1275). O estado actual dos nossos conhecimentos não permite no entanto afirmar conclusivamente esta identidade. Pelo contrário, o facto de ser Ferreira uma povoação com foral entra em contradição com a hipótese levantada pelas escavações, de ser o Baldoeiro uma fortificação de origem senhorial.

3.4. CERÂMICAS MEDIEVAIS DO BALDOEIRO / TORRE

O espólio cerâmico proveniente das escavações arqueológicas do Baldoeiro-Torre, aqui em análise, foi recolhido na sua grande maioria em camadas estratigráficas correspondentes à destruição e abandono da Torre e edifício anexo (Fase II).

Apenas uma pequena parte do espólio é procedente da Fase I de ocupação o que dificulta, para esta fase, as observações por métodos estatísticos.

A situação topográficamente elevada deste local e a inexistência de vestígios de reocupações recentes deste local, leva-nos a pensar que o espólio exumado na última fase de ocupação (Fase II), deverá datar na sua globalidade do momento de abandono deste local: final do século XII / início do XIII.

A Fase I, contemporânea da ocupação inicial do local, deverá corresponder à edificação da Torre, cuja datação permanece indefinida, devendo ser sempre anterior a meados do séc.

A análise das cerâmicas revela-nos um conjunto muito heterógeneo no que respeita às características técnicas e formais.

Devido a este factor dificilmente conseguimos definir tipos de fabrico, sendo essa mesma diversidade um dos factores caracterizadores deste espólio e que por isso, contrasta significativamente com o que se verifica nas produções cerâmicas do séc. XIII recolhidas em Santa Cruz da Vilariga.

Esta diversidade parece apontar, por um lado, para a inexistência de um centro de produção dominante e por outro para, um período relativamente longo de ocupação do local.

3.4.1 CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Não foram até ao momento efectuadas análises microscópicas das pastas, no entanto foi possível determinar a presença genérica dos componentes do granito nos desengordurantes. Verifica-se que na maioria das pastas existe uma preponderância dos elementos micáceos. Noutro grupo de pastas predominam os grãos de quartzo, frequentemente de grandes dimensões e visíveis na superfície da peça.

As pastas são na maior parte dos casos pouco homogêneas, apresentando

em 60% dos fragmentos elementos não plásticos de calibre superior a 1 mm.

Verifica-se grande semelhança entre os dados percentuais obtidos para as características técnicas das cerâmicas das Fases I e II, sendo que a principal diferença reside nas espessuras dos fragmentos recolhidos..

Utilizando como único critério a cor exterior e do cerne dos fragmentos, verificou-se que 50,6% dos fragmentos apresentavam indícios de cozedura redutora e pós-cozedura oxidante⁶⁰ (superfícies acastanhadas e avermelhadas, cerne cinzento) e 49,4% de cozedura redutora (superfícies cinzentas e negras, cerne da mesma cor).

No entanto, se analisarmos apenas os fragmentos que permitem determinar uma forma, verificamos que sómente 33% apresentam vestígios de pós-cozedura oxidante.

O acabamento exterior é, em 80% dos casos, efectuado através de um simples alisamento, sendo frequentes as peças que apresentam as paredes interiores não alisadas. Encontraram-se ainda 4% de peças com superfícies exteriores polidas e/ou espatuladas⁶¹ e 14% de peças com a superfície exterior rugosa.

Quanto à espessura das paredes, elemento que pode contribuir para uma análise indirecta das dimensões das peças, encontraram-se na fase I: 20,1% de fragmentos com menos de 6 mm, 34,6% com espessura entre 6 e 8 mm, 19% entre 8 e 10 mm e 26,4% de fragmentos com espessura superior a 10 mm. No segundo momento de ocupação verifica-se uma diminuição significativa da espessura dos fragmentos: 16,9% para >6mm, 49,1% para espessuras entre 6 e 8mm, 25% para 8 a 10mm e 9,1% de fragmentos com mais de 10mm de espessura.

⁶⁰ Este tipo de cozedura, também designado de redutora parcial (Martins e Ramos, 1992: 98), consiste numa cozedura inicial de tipo redutor e num posterior arejamento do forno permitindo uma oxidação parcial da peça, uma vez que esta se processa progressivamente do exterior para o interior (Balfet et alii, 1983: 72). Este processo de cozedura permite atingir temperaturas elevadas com pouco combustível, através da utilização de um forno não arejado inicialmente, produzindo peças de boa qualidade, e, simultâneamente obter uma cor clara ou alaranjada no exterior das peças.

⁶¹ Este tipo de acabamento encontra-se em peças de cor exterior negra e castanha. Consiste na aplicação sobre a pasta ainda fresca de um seixo ou outro utensílio, conferindo-lhe um polimento espatulado, algo irregular e em que são visíveis os movimentos do utensílio. Cerâmicas com acabamento espatulado encontram-se bem identificadas na Catalunha, com uma cronologia que vai do século VIII ao XII (Riu i Barrera, 1991). Na Galiza, cerâmicas com este tipo de acabamento têm sido datadas dos sécs IX a XI (Suárez et alii, 1989: 287-288)

Esta alteração parece indicar uma diminuição do tamanho dos recipientes, mas também provavelmente uma melhor capacidade técnica de fabrico. Esta observação, associada ao facto de nestas camadas terem sido exumados uma quantidade significativa de grãos de cereal carbonizados⁶², sugere a utilização deste local para armazenamento de produções agrícolas.

A grande maioria das peças apresenta vestígios de ter sido feita ao torno lento, uma vez que as estrias visíveis nas paredes das peças nem sempre se apresentam rectilíneas, existem no entanto peças elaboradas à mão e vestígios, no interior de peças feitas ao torno, de acabamento feito manualmente.

Apesar de ser difícil, como já foi referido a classificação tipológica das peças a partir das pastas, importa referir a existência de um grupo de peças bem definido do ponto de vista do acabamento e que são as cerâmicas polidas e/ou espatuladas exteriormente. São executadas através de cocção redutora, tendo na maior parte dos casos uma pós-coção oxidante assumindo nesse caso o tom exterior acastanhado. Outros exemplares têm cor exterior negra produto de pós-coção redutora.

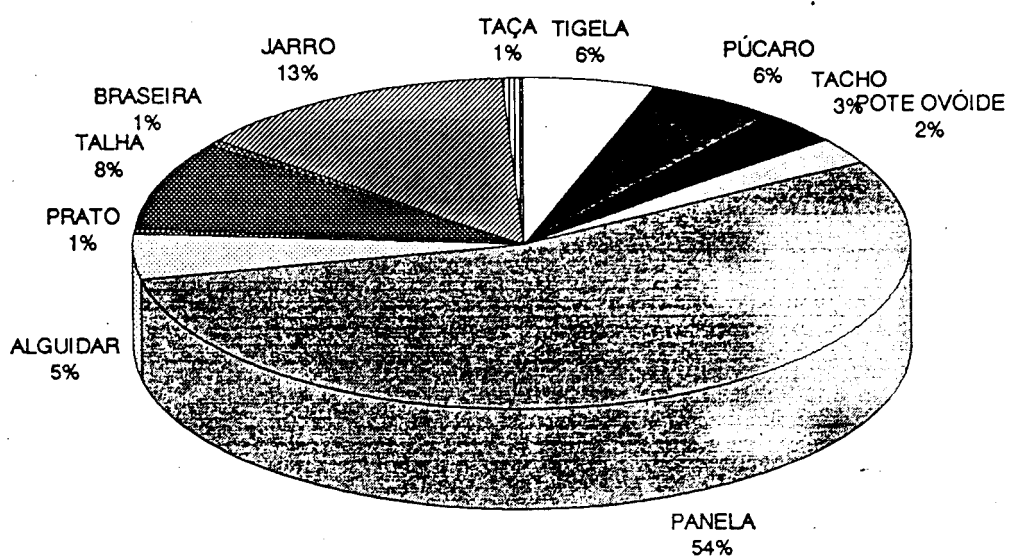
Peças com este tipo de acabamentos e com tonalidades acastanhadas e negras, têm sido referenciados em estações arqueológicas galegas, sendo normalmente consideradas como produções dos sécs. IX a XI (Suárez et alii, 1989: 287 e 288). Este carácter arcaico destas produções parece ser confirmada pelo facto de em Sta Cruz se terem recolhido fragmentos com estas características em quantidade muito reduzida e exclusivamente nas camadas mais antigas.

3.4.2. FORMAS

A determinação da forma revestiu-se de algumas dificuldades uma vez que o estado fragmentado dos materiais impossibilitou na maior parte dos casos a determinação de perfis inteiros, baseando-se a análise morfológica essencialmente na forma dos bordos. Num total de 2199 fragmentos analisados foi possível determinar a forma de 177 (8,1%).

⁶² Não foi ainda possível efectuar a análise microscópica destes cereais, no entanto são imediatamente identificáveis grãos de trigo e centeio.

Distribuição das formas cerâmicas no sítio do Baldoeiro / Torre



Prato	1	0,6 %	Púcaro	10	5,6 %
Tigela	10	5,6 %	Jarro	24	13,6 %
Tacho	6	3,4 %	Panela	97	54,8 %
Forma c/ perf.	1	0,6 %	Talha	15	8,5 %
Taça	1	0,6 %	Pote ovóide	4	2,3 %
Alguidar	8	4,5 %			

Prato

Foi encontrado apenas um prato, da Fase I de ocupação, de paredes direitas e quase verticais, com 3cm de altura, 19cm de diâmetro e fundo plano (BTor/R3-005-1820). Apresenta semelhanças com pratos, também não decorados, recolhidas em Puente Castro (León) e datados do séc. XII (Gutiérrez e Benítez, 1989)

Tigela

Identificaram-se 10 (5,6%) fragmentos de tigelas que têm entre si diferenças morfológicas significativas. Todos as tigelas são provenientes das camadas da Fase II com excepção de um exemplar pertencente ao grupo 1.

A – grupo com pós-cocção oxidante, de peças de formato tronco-cônico invertido, apresenta paredes direitas, pouco esvasadas e bordo com cerca de 15 cm de diâmetro e ligeiro espessamento exterior (BTor/Q3-001-72 e R3-005-2622).

B – grupo com superfícies de cor cinzenta ou negra, perfil geralmente sub-esférico, paredes curvas, com um diâmetro de bordo entre 9 e 12 cm e cordões plásticos obtidos por repuxamento da pasta, por vezes com impressões. Peças de pequenas dimensões com pouca profundidade, sendo provável que algumas fossem destinadas à iluminação.

C – exemplar com carena angulosa e saliente e lábio côncavo (BTor/A-001-53), 16 cm de diâmetro de boca.

D – exemplar de paredes curvas, com ligeiro esvasamento e cordão plástico com digitações (BTor/R3-002-1242). Diâmetro do bordo de 18cm. Pequena escudela.

Tacho

Detectaram-se 6 exemplares (3,4%), todos nas camadas da Fase II e com cozedura redutora e pós-cocção oxidante. Apresentam paredes direitas e apenas ligeiramente esvasadas, bordo com diâmetro superior a 15 cm e lábio horizontal por vezes com espessamento exterior e/ou interior. Apenas uma peça se apresenta decorada, com uma linha incisa e impressões sub-circulares.

Forma com perfurações

Foi encontrado apenas um exemplar (BTor/R3-002-2077). Trata-se de uma peça com paredes pouco esvasadas e ligeiramente convexas, diâmetro de boca de 16 cm, altura de 10,5 cm. Apresenta diversas perfurações de forma oval, exactamente iguais, dispostas de forma regular nas paredes e na base da peça.

O único paralelo formal conhecido para esta peça é o exemplar já anteriormente referido proveniente da Crypta Balbi (Roma), classificado como braseira e datado do séc VIII (cf. cap. 2.1. Morfologia).

Taça

Apenas foi encontrado um exemplar (BTor/Q3-003-150), de cocção redutora, com paredes abertas e convexas, lábio amendoado horizontal e apresentando-se decorado com caneluras na parte superior do corpo.

Como paralelo formal refira-se alguns exemplares provenientes do Alfar de Arroyo (Palencia), datados dos sécs. XI-XII, (Bohigas et alii, 1989: 145)

Alguidar

Foram encontrados fragmentos de 8 alguidares (4,5%). Apenas um exemplar é proveniente da Fase I de ocupação, apresenta cozedura redutora, paredes esvasadas e ligeiramente côncavas e lábio espessado exteriormente (BTor/R3-005-1876).

Os restantes exemplares, todos com pós-cocção oxidante, possuem pastas compactas e homogêneas e superfícies alisadas. Apresentam formato tronco-cónico invertido, paredes esvasadas e direitas, por vezes decoradas com cordão plástico com digitações, bordo ligeiramente espessado e lábio extroverso ou horizontal. Foram encontrados fragmentos de dois alguidares com fundo em disco, decorados com digitações, integráveis neste grupo. Paralelos para este tipo de fundos com impressões digitadas encontram-se em Sto Estevão da Facha, com datações do séc. XII (Almeida et alii, 1981:fig.XIV)

Púcaro

Peça com perfil em "S", com asa (2 exemplares com asa de fita vertical), boca circular, por vezes com bico, algumas peças apresentam colo cilíndrico, diâmetro da boca entre 6 e 14 cm, espessura das paredes abaixo dos 8 mm. Todas as peças apresentam um corpo globular, verificando-se algumas diferenças na orientação do colo e bordo.

Apenas uma peça se apresentava decorada, com linhas brunidas paralelas entre si e oblíquas em relação ao bordo (BTor/R3-002-956).

Jarro

Encontraram-se 24 exemplares (13,6%), não tendo sido reconstituído nenhum perfil completo. Foi no entanto possível verificar a existência de duas tipologias formais distintas.

Normalmente, o bordo apresenta-se esvasado e o lábio é arredondado. A maioria das peças teve uma cozedura redutora (76,19%) e têm uma espessura de paredes inferior a 8 mm (85,71%). Embora não tenham sido encontradas asas associadas, todas estas peças deveriam possuir uma asa vertical.

A – Grupo mais numeroso constituído por exemplares com bico trilobado ou pelo menos com o bico bem marcado. Apresentam geralmente vestígios de utilização de torno lento, e de alisamento exterior irregular (BTor/Q3-001-2777).

B – Grupo constituído por peças de colo alto e cilíndrico, ligeiramente esvasado e com decoração anelada. O bordo pode apresentar-se inflectido para o exterior (BTor/R3-005-1781, R3-002-979). Este tipo de jarros com colo decorado por cordões anelados encontra-se presente frequentemente nos espólios medievais. Citem-se os casos de Sto Estevão da Facha (Almeida et alii, 1981: fig. XII) e do Castelo de Aguiar (Barroca e Morais, 1986: 76).

Panela e Pote

É o grupo mais numeroso, com 97 peças (54,8%) o que corresponde à situação que se verifica na maioria dos espólios medievais: predomínio absoluto das formas fechadas de perfil em "S" (panelas, potes e púcaros).

As panelas apresentam um corpo ovóide ou globular, contracurvando-se no colo e formando um perfil em "S". O diâmetro de boca varia entre 12 e 26 cm, predominam as peças apenas com cozedura redutora (70%), e espessura de paredes inferior a 8 mm (81,6%).

O lábio apresenta-se normalmente com uma forma convexa (54,44%) e menos frequentemente direita (18,89%), côncava (14,44%) ou arredondada (12,22%). Encontraram-se poucas peças com decoração associada: incisões onduladas, impressões no ombro e sobre o bojo,

As peças com características idênticas mas com diâmetro de boca superior a 26 cm foram incluídas nas talhas.

Definiram-se 3 grupos de peças com base, essencialmente na morfologia do bordo, uma vez que são quase inexistentes os perfis completos para estas peças:

A – Grupo de peças com cozedura redutora, corpo globular, colo curto e pronunciado, bordo tendendo para a horizontalidade e lábio vertical. O diâmetro do bordo varia entre 12 e 20 cm. Representa cerca de 20% da totalidade das panelas (BTor/S4-003-2748)

B – Grupo mais numeroso, constituído por cerca de 60% das peças, com cozedura redutora. Apresentam bordo esvasado, com colo alongado e por vezes ligeiramente cilíndrico (BTor/R3-002-951). O lábio é oblíquo ou vertical e convexo ou plano. A ligação entre o bordo e o colo é normalmente contínua (BTor/R3-005-1748 e 1749) O diâmetro do bordo varia entre 15 e 23 cm.

C – Grupo pouco numeroso (8%) constituído predominantemente por peças com cozedura redutora e pós-cocção oxidante. Bordo horizontal formando uma aba, lábio vertical e arredondado. Formado essencialmente por peças de pequenas e médias dimensões com diâmetro de boca entre 15 e 20 cm.

Talha

Recipientes de grandes dimensões, de corpo bojudo, paredes sempre com espessura superior a 8 mm e frequentemente decorados com cordões plásticos com impressões. Encontraram-se 3 tipos de talhas:

A – Forma mais frequente, com perfil em "S", corpo bojudo e diâmetro de boca superior a 26 cm. Pastas pouco homogêneas com desengordurantes de grandes dimensões, acabamento alisado irregular, com frequentes marcas dos dedos no interior da peça. Cozedura redutora, por vezes com pós-cocção oxidante. Decoração de cordões com impressões (BTor/R3-002-1110)

B – Recipiente de colo alto e bordo verticais, lábio introvertido e com rebordo interno para assentamento de testo, decorado com impressões (BTor/

C – Talha que classificariamos como "pote de mel". É uma vasilha de grandes dimensões, de corpo bojudo, sem colo, com o bordo introvertido e triangular. Como característica específica apresenta um rebordo exterior, junto ao bordo, decorado com impressões digitadas e que se destinaria a conter água,

Este pormenor destinado a proteger o conteúdo do vaso dos insectos, encontra-se ainda hoje em peças da olaria tradicional, localizando-se normalmente o rebordo mais abaixo, sobre o início do ombro. Em Moveros, povoação da província de Zamora, nas proximidades da fronteira portuguesa, encontrámos exemplares de potes de mel ainda fabricados actualmente, de acordo, segundo a oleira, com modelos antigos⁶³ e que apresentam notáveis similitudes com os encontrados no Baldoeiro.

Pote ovóide

Exumados 4 potes ovóides (2,3%), com pós-cocção oxidante, apresentam perfil arqueado e ligeiramente fechado e decoração anelada em todo o corpo (BTor/R3-001-134). Um dos exemplares tem uma perfuração circular, feita antes da cozedura, na parte inferior do corpo (BTor/R3-004-1597)

3.4.2.1. BASES

Apenas foram encontrados fundos planos, sendo a ligação entre o bojo e o fundo ligeiramente angulosa mas sem quebra exteriormente e mais suave por vezes mesmo continua no interior. Foram encontrados apenas dois exemplares de fundo em disco, pertencentes a alguidares que se apresentam decorados com digitações.

⁶³ A povoação de Moveros localiza-se a cerca de 2 Km da fronteira portuguesa, junto ao Santuário da Sra. da Luz, no concelho de Miranda do Douro. Foi um centro oleiro de grandes dimensões em que era utilizada a roda baixa para fabrico das peças e fornos de ambiente oxidante. Hoje encontra-se reduzido apenas a uma oleira que continua a fabricar segundo os modelos tradicionais, tendo mesmo recuperado algumas formas caídas em desuso. É o caso dos potes de mel, assim designados no local, segundo a oleira, foi possível retomar o seu fabrico por terem sido descobertos exemplares em escavações arqueológicas efectuadas nas proximidades da aldeia.

Peças provenientes deste centro oleiro, principalmente cântaros e talhas, encontram-se ainda hoje um pouco por todo o Planalto Mirandês, e nomeadamente no Museu da Terra de Miranda, em Miranda do Douro.

3.4.2.2. Asas

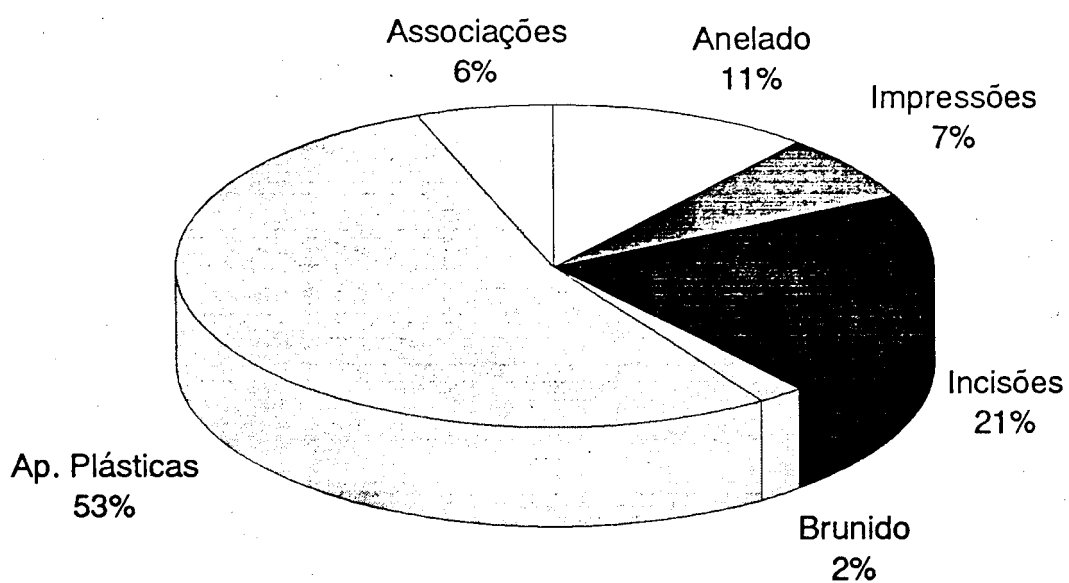
Foram encontrados 24 fragmentos de asa, 10 (41,7%) dos quais com decoração. Predominam as asas de fita, de suspensão vertical (22 exempl.), com uma largura que varia entre 2,8 e 5,7 cm e que apresentam decorações feitas por incisão e digitação. Existem dois exemplares de asas de rolo decorados com incisões profundas no centro da asa (BTor/B1-001-153).

3.4.3. DECORAÇÃO

De um total de 2 199 fragmentos estudados, 258 (11,73%) apresentam decoração. Agruparam-se as decorações encontradas em 5 grupos segundo as características técnicas de execução:

1 – Brunido	5	(1,9%)
2 – Cordão Anelado	29	(11,2%)
3 – Impressões		
a) Digitadas	1	(0,4%)
b) Unguladas	3	(1,2%)
c) Amendoadas	6	(2,3%)
e) Rectangulares	<u>7</u>	<u>(2,7%)</u>
Total	17	(6,6%)
4 – Incisões		
a) Rectilíneas	27	(10,5%)
b) Curvilíneas	18	(7%)
c) Incisões na asa	<u>10</u>	<u>(3,9%)</u>
Total	55	(21,3%)
5 – Aplicações plásticas		
a) Cordão simples	6	(2,3%)
b) Cordão com impressões	<u>131</u>	<u>(50,8%)</u>
Total	137	(53,1%)
– Incisões curvilíneas associadas a impressões	9	(3,5%)
– Outras associações	6	(2,3%)

Técnicas decorativas nas cerâmicas do sítio do Baldoeiro – Torre



1 – Brunido

Este tipo de decoração encontra-se apenas em 5 fragmentos (1,9%) da Fase II de ocupação. Consiste em linhas brunidas paralelas, verticais ou oblíquas em relação ao bordo. Ocorre em peças de cor negra, com bom acabamento, situando-se normalmente sobre o ombro. O único fragmento que permitiu uma identificação morfológica pertencia a um púcaro (BTor/R3-002-956).

2 – Cordões anelados

Verificou-se a presença deste motivo decorativo em 29 fragmentos (11,2%). Ocorre principalmente em vários jarros (BTor/R3-002-979 e 005-1781), ocupando todo o colo (4 exemplares), aparecendo ainda a decorar algumas formas abertas: alguidares (BTor/R3-002-881), taças (BTor/Q3-003-148) e potes ovóides (BTor/R3-001-134 e 004-1597). 80% dos fragmentos com esta decoração têm espessura inferior a 8 mm.

3 – Impressões

As decorações impressas (digitações, ungulações, amendoadas, circulares e rectangulares) ocorrem em 17 casos localizando-se normalmente no ombro de peças de dimensões reduzidas (púcaros e panelas), com espessura de parede inferior a 8 mm (76,5% dos casos) e de cozedura redutora (66,7%). Com apenas uma excepção, os fragmentos com esta decoração são provenientes da Fase II.

4 – Incisões

As incisões constituem a segunda técnica decorativa mais utilizada, a seguir às aplicações plásticas, com cerca de 21% de exemplares. Dividem-se em dois grandes grupos, homogêneos entre si: as incisões rectilíneas horizontais, que podem ter uma largura variável entre 1 a 3mm e que podem utilizadas isoladamente ou em número variável, raramente no entanto preenchendo toda a peça. As incisões curvilíneas apresentam-se sempre dispostas horizontalmente, formando meandros regulares e com uma largura que raramente excede um milímetro.

As asas com incisões representam 41,4% (10 asas) do total de asas encontradas. 6 dos exemplares (4 asas de fita e 2 de rolo) apresentam incisões profundas formando uma linha no centro da asa. Em dois casos, de asas de fita, com mais de 5 cm de largura, as incisões encontram-se dispersas por toda a face exterior da asa. Este motivo decorativo tem paralelos em exemplares exumados em Conímbriga (Alarcão, 1974: Est. XLI a XLVI) e em Castillo de

Camargo (Cantabria) (Bohigas e Sarabia,1987: 320).

Numa outra asa aparecem incisões associadas a digitações. Um exemplar apresenta várias incisões paralelas dispostas em bandas transversais entre si..

Aparecem, na maior parte dos casos, isoladamente, podendo no entanto ocorrer associadas a outro tipo de motivos, nomeadamente a impressões (9 exemplares – 3,5% ; BTor/S4-003-2748)

Nas cerâmicas recolhidas no Baldoeiro, a decoração incisa ocorre quase exclusivamente (em 95% dos casos) em peças cuja espessura das paredes não ultrapassa os 8 mm, com cozedura oxidante ou redutora (cerca de 50% para cada um dos casos) e sendo possível determinar a sua presença no bojo e/ou ombro de panelas, potes e púcaros.

5 – Aplicações plásticas

As aplicações plásticas são exclusivamente representadas pelos cordões, quase sempre colocados horizontalmente.

Os cordões plásticos com impressões são o tipo de decoração dominante, encontraram-se em cerca de 50% dos exemplares. Dispõem-se geralmente na horizontal, havendo um exemplo em semi-círculo (BTor/R3-002-1110) e podem encontrar-se isolados, em conjunto ou em associação com outros motivos decorativos, nomeadamente com linhas incisas onduladas e com impressões de forma amendoada. As impressões sobre os cordões são normalmente digitações e, em alguns casos, ungulações e puncionamentos, podendo apresentar-se transversal ou obliquamente em relação ao cordão, apresentando por vezes marcas de tecido que seria enrolado na matriz. Encontram-se aplicados sobre fragmentos predominantemente com pós-cocção oxidante (64,89%) e que em mais de 60% dos casos têm espessura superior a 8 mm e apenas em 5% têm espessura inferior a 6 mm. Como indicam os índices de espessura, este tipo de decoração ocorre principalmente em peças de médias e grandes dimensões, uma vez que para além de ter uma função decorativa serve igualmente para reforçar as paredes dos vasos. Foi possível identificar a presença de cordões com impressões em tigelas (BTor/ R3-002-1242), alguidares e talhas (BTor/R3-002-1110).

Nas cerâmicas recolhidas nas camadas da Fase I representam 54% dos fragmentos decorados, enquanto na fase II encontram-se apenas em 48% dos casos.

3.4.4. CONCLUSÕES

Da análise deste conjunto cerâmico importa desde já realçar alguns aspectos:

Verificamos que se mantêm constantes muitas das variáveis observadas noutras estações arqueológicas medievais, nomeadamente e se compararmos com os materiais provenientes do Castelo de Aguiar, de Santo Estevão da Facha e de Conímbriga, o predomínio dos potes e púcaros, a presença de alguidares, jarros, pratos e cântaros. a quase ausência de fundos em disco, as asas em fita com decorações puncionadas e incisas, o predomínio das decorações em cordão com impressões e das linhas incisas onduladas.

Não temos indícios cronológicos seguros que nos permitam conhecer a duração temporal da ocupação deste local, no entanto o facto de se encontrar uma grande diversidade de fabricos, de tal maneira que se torna inviável o estabelecimento de tipologias, parece querer indiciar uma ocupação longa deste local e também o acesso a produtos provenientes de diferentes locais de produção. Significa também a inexistência, neste período (secs. XI–XII) de qualquer centro de produção dominante.

A produção oleira deveria assentar portanto em pequenos artesãos não especializados, com pequenas produções de âmbito muito local. Verifica-se a permanência de uma tradição anterior de fabrico de cerâmicas de tonalidades claras e alaranjadas, o que, face à provável inexistência de fornos de cozedura oxidante⁶⁴ obrigava à utilização da pós-cocção oxidante.

Refira-se a presença de um tipo de fabrico caracterizado pelas superfícies polidas e/ou espatuladas. Este tipo de acabamento tem paralelos em materiais cerâmicos galegos com cronologias dos sécs IX a XI (Suarez et alii, 1989)

Saliente-se ainda a predominância de formas destinadas a cozinhar e servir alimentos (panelas, púcaros e jarros), confirmando a ideia de que esta fortificação não seria apenas uma atalaia de utilização pontual, mas sim um espaço de residência,

Esta conclusão parece permitir reforçar a ideia de ser a torre do Baldoeiro

⁶⁴Os fornos de cozedura oxidante obrigam a um maior domínio das técnicas de construção de fornos, sendo estruturas fixas, necessitando portanto de um maior investimento inicial. Por outro lado obrigam à utilização de uma maior quantidade de combustível para atingir as mesmas temperaturas dos processos redutores de cocção. São portanto fornos característicos de centros de produção desenvolvidos como os existentes no período da romanização e a partir da Baixa Idade Média.

uma fortificação edificada durante a Reconquista, por um senhor local, com objectivos de habitação e defesa e à volta da qual se vai desenvolver uma pequena povoação.

A recolha, nas camadas da Fase I de ocupação, de grande quantidade de grãos de cereais associada ao presumível aumento do tamanho dos recipientes (cf. cap. 5.1.1) sugere a ideia da utilização deste espaço como local de armazenamento previamente à construção da fortificação.

Concluindo, da análise destas cerâmicas resulta claramente que se trata de produções tecnicamente pouco evoluídas, com paralelos formais e técnicos que apontam claramente para datações anteriores ao século XIII e, em algumas situações, mesmo anteriores ao séc. XII.



3.5. A VILA MEDIEVAL DE SANTA CRUZ DA VILARIÇA⁶⁵

O povoado de Santa Cruz da Vilariça localiza-se, de acordo com as coordenadas hectométricas de Gauss: M – 287,5 e P – 471,6⁶⁶.

Situa-se num cabeço, entre o vale da Vilariça e o rio Sabor, com a cota máxima de 245 metros e insere-se na área de xistos grauvaques anteriormente referida.

A povoação situa-se no interior de uma cerca muralhada, construída em xisto que rodeia todo o cabeço. Existem vestígios apenas de uma porta situada no lado Oeste do povoado e que era protegida por dois torreões cilíndricos e maciços. São ainda visíveis o traçado de algumas ruas e as ruínas de vários edifícios, nomeadamente da Igreja que se erguia no centro do povoado, no local mais elevado. Junto da cabeceira da Igreja existem algumas sepulturas escavadas na rocha.

3.5.1. A INFORMAÇÃO DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA

Dizem-nos as inquirições de 1258 que o *Castellum* de Santa Cruz teria sido povoado no reinado de Sancho I por homens trazidos, pelo mordomo real de nome *Aparicius*, das vilas de Cernadela e Cortiços (actualmente no concelho de Macedo de Cavaleiros)⁶⁷. O urbanismo da povoação e nomeadamente a localização da igreja no ponto mais elevado e central do povoado indiciam efectivamente tratar-se de uma construção planeada, provavelmente a *villa nova* a que se referem os limites do foral da Junqueira da Vilariça em 1201.

Por outro lado as escavações arqueológicas não forneceram até ao momento quaisquer dados que contrariem esta hipótese. Não foram detectados

⁶⁵ As escavações arqueológicas na vila medieval de Sta Cruz da Vilariça decorreram entre 1989 e 1992 sob a direcção do Dr. Nelson Rebanda a quem agradecemos a cedência do material cerâmico para a realização deste estudo e bem como todas as indicações sobre a estação e as escavações arqueológicas realizadas (Rebanda, 1982; 1990 e 1991).

⁶⁶ Segundo a Carta Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1:25 000, fl. 118 (Castedo).

⁶⁷ P.M.H: – Inq. 1258: 1271 e 1274

quaisquer vestígios de ocupações anteriores ao período medieval.

Em 1225, Sancho II concede foral à vila de Santa Cruz da Vilariga⁶⁸, demarcando-lhe um extenso termo que abrange todo o vale da Vilariga, incluído outras comunidades, nomeadamente o já referido concelho da Junqueira da Vilariga..

A transferência das funções político-administrativas para Torre de Moncorvo que recebe foral de D.Dinis em data anterior a 1286, vão conduzir ao despovoamento de Sta Cruz da Vilariga. Em 1320 surge ainda como paróquia no Catálogo das Igrejas (Almeida, 1967-1971: IV, 90-144), mas em 1468 encontra-se completamente despovoada há já muito tempo sendo solicitada autorização ao rei, pelo concelho de Moncorvo, para a utilização da cerca como recinto para guardar gado (Alves, 1934: IV,299-300).

O sítio da "Vila Velha" ou "Derruida", como é conhecido popularmente, sempre foi identificado com a antiga povoação de Sta Cruz da Vilariga, referida na documentação dos sécs. XIII e XIV.

Desde o século XVIII que são várias as referências bibliográficas ao local (Costa, 1706: 419; Cardoso, 1758; Pereira, 1908: 74-74; Alves, 1934; Santos Júnior, 1983) e ao seu foral (Viterbo,1962; Soares, 1963; Reis, 1991).

3.5.2. AS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

As escavações arqueológicas iniciadas em 1989, sob a direcção do dr. Nelson Rebanda⁶⁹, têm vindo a ser realizadas no lado Sul do povoado e constaram da abertura de uma vala de sondagem perpendicular à muralha que neste local tem um orientação Este/Oeste.

Foi implantada uma quadrícula, orientada de acordo com o Norte magnético, com quadrados de 3x3 metros, designados por uma letra (eixo Norte/Sul) associada a um algarismo (eixo Este/Oeste). Foram assim implantados 6 quadrados incritos num rectângulo de 6 x 9 metros, cuja extremidade Sul ficou sobre a própria muralha, neste ponto bastante enterrada.

⁶⁸ P.M.H. – Leg.: 601.

⁶⁹As escavações arqueológicas, ainda não publicadas, foram objecto de relatórios, entregues no IPPAR e que nos foram amavelmente disponibilizados pelo autor, servindo de base à elaboração do capítulo sobre as escavações arqueológicas em Sta. Cruz da Vilariga.

Com vista ao registo tridimensional foi definido um ponto zero. A escavação processou-se segundo o processo estratigráfico, seguindo as camadas naturais de deposição e efectuando-se um registo rigoroso de cada Unidade Estratigráfica, através de ficha, desenhos e fotografias. Os materiais foram registados em relação à Unidade Estratigráfica de origem. Foram efectuados registos dos diversos perfis estratigráficos.

Optou-se inicialmente, pela estratégia de abrir quadrados alternados, optando-se numa segunda fase pela abertura em área.

Com esta sondagem foi possível obter uma leitura estratigráfica sobre a ocupação da estação.

3.5.2.1. ESTRUTURAS

Na área escavada foi detectada a face inferior da muralha. Verificou-se que a muralha é composta por dois muros paralelos, em xisto, sendo o espaço entre os muros cheio com pedras e terra⁷⁰.

Paralelamente à muralha, a Norte, foi encontrado o muro I (u.e. B1-005) também em xisto, com cerca de 0,90m de largura e orientação Este/Oeste. Não foi ainda possível determinar se este muro se articulava com a muralha, definindo entre eles um espaço coberto, ou se, pelo contrário, pertenceria a um edifício situado para Norte.

No espaço a Norte do muro I foram encontrados vestígios de duas fogueiras com cinzas e carvões, e com restos de escória de ferro associados (u.e. A1-008).

Detectaram-se vestígios do muro II (u.e. C1-009), construído com lajes de xisto, com cerca de 50 cm de largura e com uma orientação Norte/Sul. Este muro situa-se entre a muralha e o muro I e tem uma orientação perpendicular a eles. Encontra-se muito danificado devendo a sua destruição ter precedido a construção do muro I, uma vez que o seu topo e respectivo estrato de derrube (u.e. C1-010) estão ao nível do alicerce deste último.

⁷⁰ A escavação parcial deste enchimento (U.E. C1-005), permitiu recolher algum espólio cerâmico.

3.4.2.2. ESTRATIGRAFIA

Detectaram-se as seguintes unidades estratigráficas:

u.e. 001 – Camada superficial de terra arável de cor amarelada, frequentemente remexida por trabalhos agrícolas. Foram encontrados poucos materiais e muito fragmentados.

u.e. 002 – Camada de terra castanha-acinzentada, com cerca de 10 cm de espessura.

u.e. 003 – Camada de derrubes constituída por grande quantidade de lajes de xisto provenientes da queda da muralha e de outros edifícios. Corresponde ao abandono definitivo do povoado, devendo portanto a sua deposição ter-se iniciado no século XIV. Foi possível determinar a existência de sucessivos níveis de derrubes. Esta camada sela os estratos inferiores.

u.e.'s A1-005 e B1-004 – Camada de abandono, de cor castanha clara. Assenta sobre o topo do muro I tendo-se a deposição efectuada imediatamente após à sua destruição. A destruição deste edifício deve corresponder a um momento de regressão do povoamento dentro do espaço muralhado, datável da fase final do povoado: final do século XIII – início do séc. XIV.

Esta área deverá então ter servido como lixeira, como é atestado pela quantidade significativa de espólio exumado e pelo seu relativamente bom estado de conservação.

u.e. A1/B1-006 – Piso de circulação de cor cinzenta clara, compacto. Camada contemporânea da utilização do muro I.

u.e.'s A1/B1-007 e C1-008 – Camada de cor amarela-esverdeada relacionada com a utilização do muro I

u.e. A1/B1-008 – Fogueiras situadas a Norte do muro I, com muito carvão e cinzas

u.e. C1-005 – Enchimento da muralha constituído por terra e lajes de xisto.

u.e. B1/C1-010 – Camada de derrube, situada a Sul do muro I, constituída por lajes de xisto provenientes da queda do muro II.

u.e. C1-011 – Camada de ocupação e abandono, situada a Sul do muro I, correspondente à utilização do muro II e selada pelo nível de derrube 010. Cor acinzentada e com carvões.

u.e. C1-012 – Vala de fundação da muralha. Sem materiais arqueológicos.

A análise da estratigrafia permitiu detectar as seguintes fases de ocupação:

Fase I – Construção da cerca muralhada e de um pequeno muro (II) perpendicular à cerca, posteriormente derrubado. Níveis de construção, circulação e derrube (u.e.'s C1-005, B1/C1-010, C1-011 e C1-012). Esta fase data do início da ocupação do povoado que se encontra documentalmente datada no final do séc. XII (cf. cap. 4.4.1. A informação documental).

Fase II – Construção do muro I, paralelo à cerca. Utilização do espaço a Norte do muro I como área de fundição (presença abundante de escória de ferro, cinzas e carvões). Níveis de construção e ocupação. (u.e.'s A1/B1-006, A1/B1/C1-007, A1/B1/C1-008). Fase principal de ocupação da estação cronologicamente datável do séc. XIII.

Fase III – Destruição planeada do muro I, uma vez que não existe um estrato de derrube associado. Provável abandono desta área do povoado que deverá ter sido utilizada para despejo de detritos, tendo em conta o elevado número de fragmentos cerâmicos e o seu bom estado de conservação. Nível de abandono com muitos materiais arqueológicos (u.e.'s A1-005, B1-004 e C1-004). Fase final de ocupação do povoado datável do final do séc. XIII, início do séc. XIV.

Fase IV – Abandono do povoado e derrube parcial da cerca muralhada que é datável do início do séc. XIV. Nível de derrube com muitas lajes de xisto provenientes da muralha e camada superficial de terra arável (u.e. 003).

3.6. CERÂMICAS MEDIEVAIS DE STA CRUZ DA VILARIÇA

Foram recolhidos 5123 fragmentos provenientes das 4 fases de ocupação detectadas: Fase I – 151 fragmentos (3%); Fase II – 722 fragmentos (14,1%); Fase III – 3157 fragmentos (61,6%); Fase IV – 1093 (21,3%).

Encontraram-se 456 bordos (8,9%), 281 bases (5,5%), 96 asas (1,9%) e 419 fragmentos com decoração (8,2%).

O conjunto apresenta uma significativa homogeneidade técnica e mesmo formal.

3.6.1. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

A análise dos fragmentos exumados revelou a presença de pastas homogêneas com desengordurantes, provenientes da desagregação do granito, de tamanho médio ou pequeno. É frequente a presença à superfície de minúsculas palhetas de mica branca.

O torno lento é o método de fabrico mais utilizado, verificando-se no entanto vestígios da utilização do torno rápido ou pelo menos a existência de peças de produção mais evoluída e perfeita⁷¹.

Predomina a cozedura redutora (92%) em todas as fases de ocupação, verificando-se que algumas peças apresentam uma pós-cocção também redutora. A utilização de pós-cocção oxidante encontra-se apenas em 8% dos fragmentos, aumentando ligeiramente nas fases mais recentes.

As superfícies das peças com cocção redutora têm tonalidades que variam do cinzento ao negro. Os fragmentos com pós-cocção oxidante apresentam superfícies com cores que vão do castanho avermelhado ao laranja.

O acabamento é predominantemente feito apenas através do alisamento das superfícies, podendo em alguns casos estas apresentarem-se rugosas. Nas Fases I e II de ocupação foram encontrados alguns fragmentos (9% na Fase I; 1% na

⁷¹ A determinação do tipo de torno utilizado através apenas da observação macroscópica dos fragmentos nem sempre é fácil. Sabemos através da observação dos métodos de fabrico de oleiros actuais que utilizam ainda o torno lento (Bisalhães, Fazamões, Pinela, Tondela, etc.) que a perfeição das peças depende muito, para além do tipo de roda utilizado, da capacidade técnica e até da força muscular do artesão ao imprimir velocidade à roda de oleiro.

Fase II), de cor castanha, com vestígios de polimento e/ou espatulamento, trata-se de um fabrico de características bem definidas e que já havia sido identificado no espólio proveniente do Baldoeiro.

No que respeita à espessura dos fragmentos, 19,6% tem menos de 6 mm, com espessura entre 6 e 8 mm registaram-se 60%, de 8 a 10 mm de espessura 16,7% e, finalmente, com mais de 10 mm apenas 3,7% dos fragmentos.

Embora o conjunto cerâmico se tenha revelado na sua globalidade bastante homogêneo, indiciando desde logo a existência de poucos locais de fabrico e/ou a contemporaneidade da maior parte dos materiais exumados, foi no entanto possível identificar alguns grupos que pelas suas características técnicas comuns indiciam sem dúvida uma mesma proveniência.

Tipo A – grupo constituído por pastas homogêneas, bem cozidas, com cocção e pós-cocção redutora, pasta de cor cinzenta e superfícies negras, bem alisadas. Neste grupo encontraram-se jarros, púcaros, panelas, tachos e taças. Juntamente com o tipo B são as produções dominantes no espólio cerâmico

Tipo B – Grupo de cerâmicas de cor negra, cozedura redutora, pasta de cor cinzenta escura, superfícies mal alisadas ou rugosas, com muitas palhetas de mica branca. A principal forma detectada são as panelas.

Tipo C – Grupo de cerâmicas, idênticas a um grupo identificado no Baldoeiro, com pastas homogêneas e compactas, cozedura redutora e pós-cocção oxidante. A superfície exterior encontra-se polida e/ou espatulada, a cor da superfície é castanha avermelhada. Encontra-se apenas e em pouca quantidade, nas fases I e II.

Tipo D – Peças com cozedura oxidante, pasta homogênea e compacta, superfícies de cor avermelhada. Aparece unicamente em alguidares.

3.6.2. FORMAS

No conjunto dos 5123 fragmentos exumados foi possível identificar 393 formas (7,7%), assim distribuídas:

Prato	8	2 %	Alguidar	14	3,6 %
Tigela	33	8,4 %	Púcaro	20	5,1 %
Prato covo	9	2,3 %	Jarro	49	12,5 %
Tacho	23	5,9 %	Panela	209	53,2 %
Forma c/ perf.	2	0,5 %	Talha	17	4,3 %
Taça	8	2 %	Pote ovóide	1	0,3 %

Prato

Foram encontrados 8 exemplares (2,1%) com grande homogeneidade técnica, decorativa e formal. Apresentam fundo plano, paredes ligeiramente esvasadas, diâmetro de boca entre 18 e 20 cm e altura entre 1,5 e 2 cm. O lábio, com inclinação para o exterior, é sempre decorado com impressões sub-circulares (SCV/A1-005-1601). Um exemplar é decorado interiormente com uma linha incisa ondulada (SCV/A1-005-1684).

Peças exumadas na rua de S. Torcato em Zamora (Rubio et alii, 1991: 299) apresentam semelhanças formais e decorativas, nomeadamente na decoração interior, com os pratos aqui identificados.

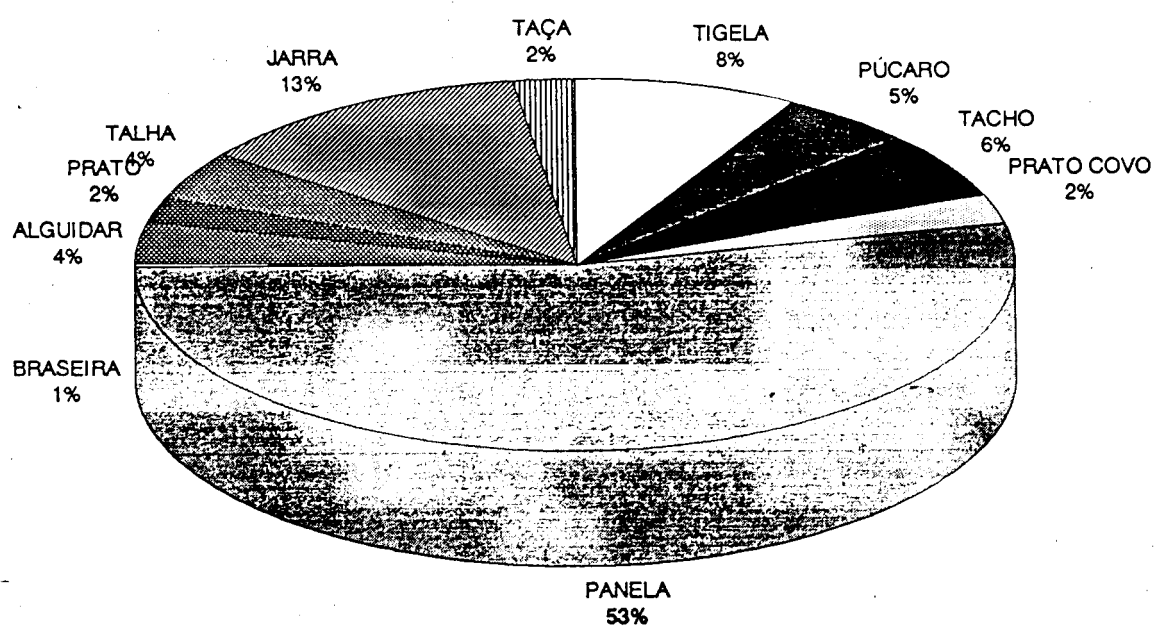
Prato-covo

Identificaram-se 10 peças (2,7%), com diâmetro de bordo entre 14 e 22 cm, existindo algumas variantes. A maioria dos exemplares apresenta paredes muito esvasadas e ligeiramente convexas, bordo extrovertido e lábio normalmente convexo e horizontal (SCV/A1-005-2732 e 2760). Encontraram-se ainda peças de perfil sub-esférico e bordo introvertido (SCV/A1-005-2250).

Tigela

Foram encontradas 34 tigelas (9,1%) verificando-se uma acentuada variabilidade morfológica. O tipo mais frequente apresenta dimensões reduzidas, com diâmetro de boca entre 9 e 13 cm e altura inferior a 5 cm. Tem paredes pouco abertas e carena baixa pouco pronunciada, o bordo é extrovertido e o lábio convexo (SCV/B1-004-4216). Este tipo pode variar ligeiramente

Distribuição das formas cerâmicas no povoado de Sta. Cruz da Vilarça



aparecendo exemplares mais esvasados (SCV/A1-005-1526) ou sem carena (SCV/A1-005-1181). Peças com perfil semelhante foram encontradas em Tafalla (Navarra), tendo sido atribuída uma datação de finais do séc. XIV (Jusué e Tabar, 1989: 40).

Identificou-se um outro grupo de peças, de maiores dimensões, de paredes quase verticais, bordos espessados e lábios côncavos. Apresentam geralmente um cordão anelado decorado com impressões, situado abaixo do bordo (SCV/A1-005-842).

Formas com perfurações

Identificaram-se 2 peças (0,53%) de perfil esvasado, com perfurações circulares abertas com a pasta ainda fresca e distribuídas regularmente pelo corpo (SCV/A1-005-900 e B1-006-5059). O único paralelo conhecido é o exemplar já referido anteriormente, designado como *braseira* (cf. cap. 2.2.1. Morfologia), proveniente da Crypta Balbi (Roma), datado do séc. VIII e com o interior vidrado (Cipriano et alii, 1991: 108-110).

Tacho

Foram encontrados 22 recipientes (6,9%) atribuíveis a esta forma. Quase todos os exemplares, embora com dimensões distintas, apresentam soluções formais e decorativas idênticas, factores que associados à homogeneidade de fabrico (cozedura redutora, cor cinzenta escura das superfícies e da pasta, alisamento irregular no interior e exterior, desengordurantes de calibre inferior a 0,5mm e presença de palhetas de biotite à superfície), indicia estarmos na presença de peças provenientes de um mesmo atelier se não de um mesmo artesão. Saliente-se que estas constantes formais e decorativas se encontram também em algumas taças. Quase todas estas peças foram recolhidas nas camadas da fase III.

Estes tachos apresentam paredes convexas, pouco esvasadas, terminando em bordo vertical ou mesmo ligeiramente introverso. O bordo é amendoado, em forma de cabeça de prego ou apenas espessado exteriormente, terminando num lábio horizontal, convexo ou aplanado. O diâmetro da boca varia entre 18 e 28 cm e a altura da peça entre 6 e 10 cm.

A maioria das peças está decorada com uma linha incisa ondulada situada imediatamente abaixo do bordo (SCV/A1-005-2048 e B1-004-3765)

Taça

Encontraram-se 9 exemplares (2,2%), com diâmetros entre 20 e 28 cm e grandes semelhanças técnicas e formais entre si. Apresentam paredes abertas e convexas, terminando num bordo quase vertical, em formato de cabeça de prego ou apenas espessado e com lábio horizontal e convexo. Duas das peças são decoradas com linhas incisas onduladas junto ao bordo e com impressões circulares junto à base (SCV/C1-010-3062 e A1-005-1722). Este tipo de taças têm grandes semelhanças técnicas, decorativas e mesmo morfológicas com exemplares classificados como tachos (cf. ponto 5 – tachos), residindo a principal diferença nas paredes menos esvasadas e na menor profundidade.

Um dos exemplares, exumado nas camadas da Fase I, apresenta o bordo em aba, podendo ser utilizado como pegadeira (SCV/C1-005-3182). Tem paralelo formal num recipiente encontrado em Conímbriga (Alarcão, 1974: n° 779)

Duas taças têm perfurações na parede, decoradas exteriormente por um mamilo aplicado de forma cilíndrica (SCV/C1-004-2385 e C1-008-3033). Estas perfurações com mamilo apresentam semelhanças com um fragmento de talha exumado em Castrogonzalo (Zamora) e datado dos sécs. XII-XIII (Larrén, 1989: 271 e 282 e Gutiérrez, 1990).

Alguidar

Foi possível identificar 18 alguidares (4,8%). Trata-se essencialmente de peças de dimensões pequenas e médias, com uma abertura entre 20 e 30 cm, exceptua-se um exemplar de grandes dimensões, com fundo em disco e diâmetro do bordo com 36 cm (SCV/A1-005-2711).

Existem três tipos de recipientes:

A – Peças de cor avermelhada, com cozedura oxidante, pasta homogênea e compacta, com superfícies bem alisadas. As paredes são esvasadas e direitas, os bordos espessados ou amendoados e os fundos em disco. Verifica-se a ocorrência de decoração digitada e incisiva sobre os bordos e de cordões plásticos com impressões nas paredes da peça (SCV/A1-005-1344 e 2711). Este tipo de alguidares encontra-se na maior parte dos sítios arqueológicos medievais, verificando-se a sua utilização durante um largo período cronológico. Exemplares, com paralelos formais e decorativos, existem em Conímbriga (Alarcão, 1974: Est. XXXVI), Sto Estevão da Facha (Almeida, 1981: Fig. XIV), com uma cronologia apontada para os sécs. XII-XIII e na Catedral de Zamora

(Martín e Larrén, 1991: 267), aqui com datações mais tardias: sécs. XIV–XVI.

B – Grupo de peças de cor cinzenta escura, cozedura redutora, superfícies ligeiramente rugosas.. Apresentam paredes direitas e esvasadas, bordo em forma de cabeça de prego e lábio extroverso. Nenhum exemplar apresenta decoração (SCV/B1004–3384).

C – O outro grupo, bastante homogêneo entre si, tem perfis menos esvasados, paredes côncavas e bordos muito espessados, com lábio convexo e extrovertido. Apresentam-se decorados com impressões sub-circulares no lado exterior do bordo (SCV/A1–005–1598 e C1–007–2652). Têm uma pasta cinzenta escura, pouco homogênea, com desengordurantes de grande calibre (diâmetro superior a 1 mm), superfícies de cor negra, alisadas e com vestígios de um polimento rudimentar.

Púcaro

Encontraram-se 18 púcaros (4,8%), são peças de pequenas dimensões, com perfil em "S" e normalmente com uma asa de rolo. Distribuem-se por dois tipos morfológicos distintos:

A – Púcaros de corpo globular, colo alto esvasado, bordo direito, acompanhando a orientação do colo e lábio extroverso. Possuem uma asa de rolo, normalmente com incisões. O bordo é circular podendo ter um pequeno bico colocado em oposição à asa. Todos os exemplares foram executados com cocção redutora (SCV/A1–005–2067)

B – Púcaros com pós-coção oxidante. Apresentam colo alto, pouco esvasado e bordo horizontal, virado para o exterior, o lábio é arredondado. Nos exemplares recolhidos não se encontrou nenhuma asa (SCV/B1–003–3285 e A1–005–886).

Jarro

Foram exumadas um total de 47 jarros (12,5%), apresentando pouca diversidade formal, normalmente com colo esvasado, corpo ovóide e com uma asa. Foram definidos 3 grupos:

A – Grupo mais representado, constituído por exemplares com colo, sobre o cilíndrico, ligeiramente esvasado, com cerca de 3 cm de altura e decorado com cordão anelado, sobre o qual são, por vezes, executadas impressões triangulares.

O bordo, com diâmetro entre 10 e 18 cm, apresenta-se inflectido para o exterior e o lábio é arredondado. Possuem uma asa de fita, decorada com incisões curtas e profundas que arranca junto do bordo (SCV/A1-005-2738 e B1-003-3228). Os bordos são circulares, sendo possível que possuam um bico colocado em oposição à asa. Na estação do Baldoeiro foram encontrados exemplares com semelhanças formais com este grupo (BTor/R3-002-979).

B – Grupo constituído por exemplares com alisamento exterior muito perfeito. Apresenta alguma semelhanças com o grupo anterior. São no entanto formas mais abertas, constituídas por um corpo ovóide com ombros pouco marcados e colo esvasado decorado com cordão anelado. O bordo, com diâmetro entre 14 e 20 cm, apresenta uma inflexão vertical sendo o lábio arredondado ou plano. Possuem uma asa de fita e, provavelmente, um bico colocado em oposição, inserido numa boca circular (SCV/A1-005-1370).

C – Grupo constituído por exemplares de colo baixo, esvasado, corpo ovóide com ombros direitos e bojo colocado em baixo. Possuem uma asa que arranca horizontalmente junto ao bordo. O bordo acompanha a orientação esvasada do colo e o lábio é plano (SCV/A1-005-2122).

Panela e Pote

É o grupo morfológico dominante com 193 exemplares (51,5%), praticamente todas as peças foram produzidas com cozedura redutora, existindo vários exemplares com vestígios de pós-cocção também redutora. O diâmetro dos bordos varia entre 12 e 26 cm e a espessura dos fragmentos é, geralmente, inferior a 8 mm.

Têm perfil em "S", corpo globular e uma altura que, normalmente, ultrapassa em pouco o diâmetro do bordo. O bordo e o lábio têm inclinação e forma variável

A maioria das peças não apresenta qualquer decoração, havendo no entanto exemplares decorados com linhas brunidas (SCV/CI-005-3198 e 3176), impressões (SCV/A1-005-1973) e linhas incisas (SCV/B1-003-3597).

Partindo essencialmente da morfologia dos bordos definiram-se 3 grupos:

A – Grupo constituído por peças de formato globular, com colo curto, côncavo e simétrico, bordo espessado, tendencialmente horizontal e lábio vertical ou ligeiramente introvertido. Representa cerca de 43% do total das

panelas encontradas. Diâmetro do bordo entre 13 e 26 cm. Este conjunto apresenta semelhanças formais com o grupo A das panelas, da estação do Baldoeiro

B – Grupo que integra cerca de 41% dos exemplares. Peças com colo alto, côncavo e esvasado, bordo aberto continuando a orientação do colo. Diâmetro de bordo entre 13 e 24 cm Este grupo tem semelhanças formais com o grupo B da estação do Baldoeiro.

C – Grupo pouco representado (3%), constituído por recipientes com bordo sem espessamento e inclinação horizontal formando uma aba, com lábio arredondado. Estas peças apresentam características técnicas idênticas, sendo provavelmente originárias de um mesmo centro produtor.

Talha

Foram encontradas 18 peças deste tipo (4,8%), sendo frequente a utilização de cordões plásticos com impressões em todo o corpo da peça (SCV/B1-008-5320). Não existindo perfis completos, foram definidos 3 grupos, tomando como referência o formato dos bordos:

A – Grupo mais numeroso constituído por peças de perfil semelhante às panelas, mas de maiores dimensões. Apresentam colo curto e bordo muito esvasado, quase horizontal. diâmetro de boca superior a 26 cm. Decoração com impressões e com cordões plásticos com impressões (SCV/A1-005-1541)

B – Grupo de peças de cor negra, com cocção e pós-cocção redutoras, com colo alto e vertical ou ligeiramente esvasado, frequentemente decorado através de um cordão plástico com impressões. O bordo é triangular e o lábio apresenta-se horizontal (SCV/A1-005-879).

C – Talhas de grandes dimensões, de cor negra com cozedura e pós-cocção redutoras, O colo, muito curto, e o bordo, muito espessado, são verticais. O lábio é horizontal (SCV/C1-007-2681).

3.6.2.1. Asas

Encontraram-se 96 asas, sendo 52 delas com decoração (54,2%). Predominam, de uma forma absoluta, as asas planas (82,3%) com uma largura

que varia entre 20 e 64 cm⁷² e uma espessura entre 9 e 12 cm. Apresentam com frequência incisões curtas e profundas alinhadas no centro da peça, mais raramente podem ocorrer puncionamentos ou impressões digitadas. Há um exemplar com um cordão plástico com impressões colocado longitudinalmente (SCV/A1-005-626). A maior parte destas asas, de dimensões médias, deveria pertencer a jarros.

Asas de secção rectangular representam 8,3%, com uma largura que vai dos 15 aos 26 cm e uma espessura dos 10 aos 14 cm. São frequentemente decoradas com puncionamentos (SCV/A1-005-2771) ou com incisões.

Asas de rolo foram encontradas apenas 6 (6,3%) com um diâmetro que varia entre 12 e 15 cm. Algumas são decoradas com puncionamentos e/ou incisões curtas e profundas. estas asas pertenceriam a púcaros

Encontraram-se ainda 3 exemplares de asas de secção oval (3,1%), uma delas decorada com incisões.

3.6.2.2. Bases

Foram encontradas 281 bases, todas de fundo plano. A ligação entre a base e a parede da peça é angulosa no exterior e mais suave e, por vezes, contínua no interior.

O diâmetro das bases varia entre 6 e 23 cm, sendo mais frequente entre 8 e 15 cm. A inclinação da parede da peça em relação ao fundo varia entre 96° e 136°.

3.6.2.3. Testos

Foram encontrados fragmentos apenas de 4 textos. Dois deles com decoração impressa e incisa e com vestígios de possuírem uma pequena asa horizontal com dois pontos de fixação (SCV/A1-005-2739 e 1596).

3.6.2. DECORAÇÃO

Foram encontrados 464 fragmentos com decoração (9,1% do total), verificando-se o predomínio dos motivos impressos (37,7%), dos cordões com impressões (26,7%) e das incisões (22%).

⁷² As larguras mais frequentes situam-se entre os 30 e 45 cm.

1 – Brunido	2	(0,4 %)
2 – Cordão Anelado	49	(10,6 %)
3 – Impressões		
a) Amendoadas	83	(17,9 %)
b) Rectangulares	16	(3,5 %)
c) Circulares e triangulares	57	(12,3 %)
d) Puncionamentos nas asas	12	(2,6 %)
e) Digações nas asas	2	(0,4 %)
Total	170	(36,6 %)
4 – Incisões		
a) Rectilíneas	15	(3,2 %)
b) Curvilíneas	46	(9,9 %)
c) Incisões na asa	36	(7,7 %)
Total	97	(20,9%)
5 – Aplicações plásticas		
a) Cordão com impressões	140	(30,2 %)
– Incisões curvilíneas associadas a impressões	6	(1,3 %)

1 – Brunidos

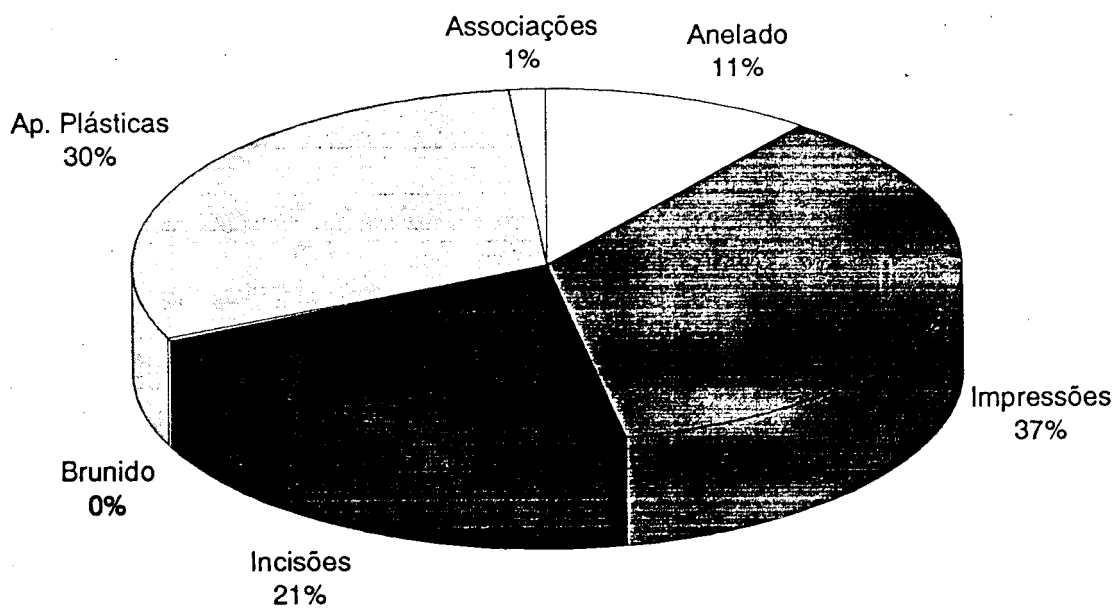
Nas camadas da Fase I foram encontradas 2 panelas decoradas com linhas brunidas sobre o ombro. São motivos semelhantes aos encontrados em fragmentos provenientes do Baldoeiro. O facto de não se encontrar este tipo decorativo nas camadas mais recentes indicia que se trata de um motivo cujo periodo principal de utilização deverá ser, nesta região, anterior a meados do séc. XIII (SCV/C1-005- 3175 e 3198). Como paralelo pode ser referido uma panela com decoração brunida exumada nas escavações do Buraco da Moura de São Romão, com cronologia entre os sécs. XII e XIV (Varandas, 1993).

2 – Cordão anelado

Este motivo encontra-se em tigelas, púcaros e principalmente jarros, sendo mais frequente nas camadas mais recentes. Localiza-se normalmente no colo ou imediatamente abaixo do bordo.

O aumento significativo da sua representatividade em relação ao espólio do Baldoeiro e nas camadas mais recentes indica uma maior utilização a partir

Técnicas decorativas nas cerâmicas do povoado de Sta. Cruz da Vilariaça



de finais do séc. XIII, associado nomeadamente a jarros do tipo A e B. Sendo um motivo feito ao torno é possível que a utilização de um torno mais rápido tenha facilitado a sua execução.

3 – Impressões

A impressão é a técnica decorativa mais utilizada nas cerâmicas recolhidas em Santa Cruz da Vilariga. Encontram-se impressões de formato circular, triangular, amendoado e rectangular. Ocorrem sobre o bordo de pratos e talhas, no bojo e ombro de panelas e jarros, e abaixo do bordo em tigelas.

Estes motivos encontram-se normalmente organizados em faixas horizontais, sendo executados através da aplicação sucessiva de um punção sobre a parede da peça que se encontra em rotação lenta ao torno. Obtém-se assim uma repetição quase exacta do mesmo motivo. Esta semelhança estende-se frequentemente a diversas peças, por vezes mesmo morfologicamente distintas, o que indica a presença de uma produção sistemática e tecnicamente evoluida.

Os fragmentos têm normalmente uma espessura inferior a 8mm. Esta técnica decorativa verifica-se, quase exclusivamente, em fragmentos recolhidos nas Fases III e IV.

Se compararmos a representatividade das impressões nos espólios do Baldoeiro e de Santa Cruz verificamos um aumento muito significativo, de 6,6% para 36,6%. Este aumento reflecte não só uma maior utilização a partir de meados do séc. XIII, mas também a maior presença de peças em que ocorre este tipo de decoração (pratos, tigelas e panelas).

Encontraram-se 11 asas com punctionamentos, geralmente localizados no centro da asa e dispostos e alinhados longitudinalmente (SCV/A1-005-2771).

4– Incisões

Identificaram-se incisões em 97 fragmentos (20,9%), predominando as linhas onduladas e as incisões curtas e profundas feitas sobre a asa. O primeiro destes motivos encontra-se em tigelas, tachos, alguidares, púcaros e panelas. Localiza-se normalmente no espaço abaixo do bordo ou no bojo.

As incisões nas asas situam-se sempre no centro e estão alinhadas longitudinalmente (SCV/C1-004-2345 e A1-005-2738).

5 – Aplicações plásticas

Identificaram-se exclusivamente cordões com impressões que se

encontram aplicados geralmente em recipientes de média e grande dimensão (alguidares e talhas), desempenhando uma dupla função de decorar e de reforçar as paredes da peça. Os fragmentos com este tipo de decoração têm, em cerca de 60% dos casos, espessura superior a 8 mm.

As impressões são normalmente digitações, mas podem igualmente, ser feitas através da aplicação de um punção, por vezes envolvido em tecido.

Os cordões são normalmente aplicados horizontalmente, existem no entanto vários fragmentos com cordões plásticos cruzados (SCV/B1-003-3237, A1-005-1402 e 1721)

4 . A EVOLUÇÃO DAS PRODUÇÕES CERÂMICAS DOS SÉCULOS XII-XIII

O estudo efectuado dos espólios cerâmicos dos povoados do Baldoeiro e de Santa Cruz da Vilariça permite-nos visualizar continuidades e rupturas nas produções oleiras do século XII ao início do século XIV.

Uma análise global dos materiais evidencia desde logo diferenças significativas nas características dos dois conjuntos. Por um lado, do espólio do sítio arqueológico do Baldoeiro ressalta uma grande heterogeneidade de pastas, técnicas e formas, indiciando, como já foi referido, a inexistência de um centro de produção dominante e também, em muitas peças, um domínio imperfeito das técnicas de produção oleira.

Pelo contrário as cerâmicas recolhidas em Santa Cruz da Vilariça relevam de uma significativa homogeneidade, especialmente no que respeita às pastas e técnicas de fabrico. Verificando-se a presença de vários recipientes idênticos e a existência de formas distintas com características que as permitem identificar como provenientes do mesmo centro de produção (pasta, cozedura, decoração, elementos morfológicos)⁷³. Estamos portanto perante produções bem definidas, provenientes de oleiros com um bom domínio dos aspectos técnicos do fabrico.

O contraste entre os dois conjuntos cerâmicos é atenuado pela similitude dos níveis de representatividade das diversas formas-tipo e de em certa medida dos próprios motivos decorativos.

Não pudemos também de deixar de considerar o facto de se tratar de sítios arqueológicos com características diferentes. Por um lado, uma fortificação roqueira utilizada como habitação, provavelmente de iniciativa senhorial, e com uma cronologia de ocupação ainda não completamente definida, nomeadamente no que se refere ao início da ocupação. Por outro lado, a vila aforalada de Sta Cruz da Vilariça, um povoado muralhado de criação régia com uma ocupação bem delimitada no tempo.

Acresce ainda que as condições de jazida dos próprios materiais são

⁷³ Referimo-nos concretamente à existência de uma série de peças de forma variável (taça, tacho, prato covo) mas que apresentam características técnicas (integráveis no grupo A), decorações (linhas incisadas onduladas) e bordos (amendoados ou em forma de cabeça de prego) semelhantes.

também distintas. Em Santa Cruz da Vilariga, a parte mais significativa dos materiais foi exumada em camadas cuja deposição resultou da utilização do local como lixeira⁷⁴. No Baldoeiro os materiais encontraram-se em camadas de destruição e abandono, sendo de excluir, devido à situação elevada do local e à utilização deste espaço restrito como habitação, que qualquer destes estratos tenha resultado da deposição voluntária de detritos⁷⁵.

4.1. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

De uma forma geral, e analisando globalmente cada um dos dois espólios, verificamos que existe nas cerâmicas de Santa Cruz uma melhor qualidade técnica, expressa em melhores acabamentos, maior homogeneidade e compacticidade das pastas e menor espessura das paredes das peças.

Se no conjunto cerâmico do Baldoeiro se torna difícil encontrar peças semelhantes que permitam a determinação de séries de produção, pelo contrário em Sta. Cruz, no interior de vários tipos morfológicos (pratos, tachos, taças, jarros e panelas), encontramos uma repetição de padrões técnicos, formais e decorativos que nos permitem identificar a presença de produções sistemáticas.

No que respeita às pastas, verifica-se a presença em ambos os casos de desgordurantes provenientes da desagregação do granito e uma predominância à superfície de palhetas de biotite. No entanto, e analisando os conjuntos globalmente, as dimensões desses elementos são significativamente menores nas cerâmicas provenientes de Santa Cruz da Vilariga, o que confere a estas pastas uma maior homogeneidade.

Quanto ao fabrico predomina a utilização do torno lento, tendo sido encontrados no Baldoeiro alguns recipientes fabricados à mão. É visível uma maior perfeição técnica de execução nas cerâmicas de Santa Cruz que se

⁷⁴ U.E's A1-005, B1-004 e C1-004., tendo sido recolhidos 3157 fragmentos, representando 61,6% do total.

⁷⁵ Como é evidente diferentes formas de deposição dos materiais arqueológicos podem implicar diferentes tipos de materiais depositos. Assim parece provável que em depósitos tipo "lixeiros" se encontre uma maior quantidade de recipientes mais frágeis, de maior utilização e menor valor e por isso mais facilmente danificáveis e substituíveis como: panelas, púcaros, tachos, tigelas e jarros. Pelo contrário peças de maiores dimensões (alguidares, talhas e panelas grandes) ou as chamadas cerâmicas de excepção, têm necessariamente maior valor e tendem portanto a conservar-se durante mais tempo. Assim, a não ser quando se trata de vestígios resultantes de destruições rápidas, este tipo de formas encontram-se normalmente menos representadas no registo arqueológico.

expressa numa acentuada diminuição da espessura das paredes das peças⁷⁶ e na maior regularidade das estrias visíveis nas superfícies.

Uma das alterações mais significativas consiste no tipo de cozedura utilizado e nomeadamente na utilização da pós-cocção oxidante. A totalidade dos materiais exumados nas duas estações foram cozidos através de um processo redutor, no entanto, em cerca de 50% dos fragmentos do Baldoeiro foi utilizada uma pós-cocção oxidante, conferindo à peça uma cor acastanhada ou avermelhada. Este número desce para 8% nas cerâmicas de Sta. Cruz.

Esta alteração parece indiciar uma mudança significativa nas técnicas de cozedura, mas também nos gostos dos utilizadores

A utilização de uma pós-cocção oxidante ou redutora tem como único objectivo conferir à peça um determinado aspecto exterior, claro ou avermelhado num caso, negro no outro. O aspecto exterior da peça, como a forma e a decoração está ligado ao gosto dos utilizadores que por sua vez radica na tradição e nos costumes. São portanto elementos com uma longa perduração e de lenta alteração⁷⁷.

A alteração, mais ou menos brusca que se verifica no aspecto exterior da peças deverá assim ser explicada por motivos exteriores à produção em si. A partir final do séc. XII assiste-se em toda esta região a uma movimentação de populações com a criação de vilas novas, a atribuição de forais e da consequente alteração das estruturas de povoamento existentes (cf. cap. Conclusões). Parece plausível que estas alterações tenham reflexo a nível da cultura material, nomeadamente, e no caso das cerâmicas, com a introdução de inovações técnicas e a difusão de novas "modas" .

4.2. FORMAS

Comparados os dados obtidos para os dois conjuntos, verificou-se que a representatividade relativa de cada tipo morfológico considerado não sofre

⁷⁶ Em Sta Cruz, cerca de 80% dos fragmentos tem uma espessura inferior a 8 mm. No Baldoeiro os fragmentos com estas características representam 66% do total.

⁷⁷ A persistência dos métodos de fabrico e do aspecto exterior das peças é verificável em qualquer produção artesanal de cerâmica em que estes elementos são quase sempre mais perduráveis do que formas e decorações. No caso das cerâmicas do Felgar, nas proximidades de Moncorvo, as descrições existentes na documentação do sec. XVIII (Carvalho, 1721), descrevem cerâmicas com um aspecto exterior em tudo semelhante às peças actualmente fabricadas.

grandes alterações.

Predominam de modo absoluto as formas fechadas, de perfil em "S", tipo "panela", destinadas a guardar e confeccionar alimentos (57% no Baldoeiro e 54,4% em Sta Cruz). A exemplo do que sucede na generalidade dos espólios medievais (Almeida, 1981; Barroca e Morais, 1986; Rodrigues e Cabral, 1990).

Verifica-se em Sta Cruz, um aumento percentual das formas abertas destinadas a servir alimentos (pratos e tigelas), de 6 para 14 %. Pelo contrário diminuem significativamente os grandes recipientes destinados a conservar alimentos (talhas e potes ovóides) de 9 para 2 %.

Pratos

Representada com apenas um exemplar não decorado no espólio do Baldoeiro, esta forma aparece bem representada em Sta Cruz por uma série de exemplares com uma grande homogeneidade técnica, formal e decorativa, evidenciando a existência de uma produção sistemática.

Tigela

Forma com uma grande variabilidade morfológica, verificando-se um aumento sensível da sua representatividade no espólio de Santa Cruz. Devido a esta variabilidade torna-se difícil definir uma evolução linear. Será no entanto de assinalar a presença frequente, em Sta Cruz, de exemplares decorados com impressões e também, de formas pouco profundas, com bordo esvasado, e diâmetro de bordo superior a 15cm, aproximando-se morfológicamente de peças classificadas normalmente como pratos covos ou mesmo escudelas.

Tacho

Forma pouco representada no Baldoeiro, compreendendo exemplares tecnicamente heterógeneos. Em Sta Cruz esta forma está representada por peças de bordo vertical ou ligeiramente introvertido, de formato em cabeça de prego e com decorações incisas junto ao bordo e impressas no bojo. Apresentam grandes semelhanças técnicas e decorativas com exemplares classificados como taças, devendo por isso ser provenientes de um mesmo centro de produção.

Taça

No Baldoeiro apenas foi encontrado um exemplar. Em Sta Cruz as taças apresentam-se decoradas com incisões e impressões, verificando-se, como já foi referido, semelhanças significativas com os tachos.

Alguidar

Este tipo mantém uma linha formal com poucas alterações, com exemplares de paredes esvasadas e direitas, fundos em disco e decorações de cordões com impressões. Paralelamente, em Sta Cruz, surgem peças com bordos muito espessados e paredes pouco esvasadas e ligeiramente côncavas.

Panela e Pote

A quase inexistência de peças com o perfil completo dificulta a análise da evolução formal deste tipo. Não foram todavia detectadas alterações substanciais, nos aspectos técnicos e decorativos, com a presença, pouco frequente de linhas incisas onduladas e de impressões no colo e no bojo. No aspecto formal verifica-se, do Baldoeiro para a Sta Cruz, um aumento significativo dos bordos horizontais, normalmente associados a corpos mais globulares, em detrimento dos bordos simplesmente esvasados que todavia permanecem majoritários.

Jarro

São o grupo mais representado logo a seguir às panelas (13,6% no Baldoeiro e 12,5% em Sta. Cruz).

No Baldoeiro predominam os exemplares de bordo trilobado ou com bico saliente, ausentes em Sta. Cruz. As peças de colo alto decorado com anelados surgem já no Baldoeiro e tornam-se mais frequentes em Sta Cruz da Vilariça, os exemplares com perfil inteiro apresentam um corpo ovóide e uma asa de fita decorada com incisões

4.3. DECORAÇÃO

As técnicas e os motivos decorativos encontram-se, na generalidade, presentes nas duas estações. No entanto verifica-se uma variação sensível na representatividade relativa de alguns deles.

As decorações brunidas encontram-se escassamente representadas, ocorrendo sempre em panelas ou púcaros e desaparecendo nos níveis mais recentes de Sta Cruz, pelo que podemos considerar que se trata de uma técnica decorativa que deixa de ser usada, nesta região, no século XIII.

Os cordões anelados, obtidos por deformação da parede do vaso, ao torno,

encontram-se bem representados nos dois espólios ocorrendo especialmente no colo de jarros.

As decorações obtidas através de impressão constituem a grande alteração verificada entre os elementos decorativos das duas estações. Presentes no Baldoeiro apenas em 6,6 % dos casos, a sua representatividade sobe para 36,6% nas cerâmicas de Sta Cruz. A principal modificação consiste no frequente aparecimento nas cerâmicas datáveis do séc. XIII de motivos amendoados, triangulares e circulares, executados através da aplicação de um punção com a peça em movimento lento no torno, obtendo assim uma faixa decorada horizontal e que ocorre essencialmente no ombro e bojo de panelas. Os motivos apresentam com frequência, de peça para peça, uma semelhança significativa, o que indica estarmos na presença de produções oriundas de um mesmo centro de produção.

Esta técnica e especialmente os motivos referidos, surgem assim como característicos das cerâmicas do século XIII, sendo provável a sua associação a uma melhor técnica de fabrico, nomeadamente ao emprego do torno na execução da totalidade da peça, e à sistematização da produção.

As incisões manteém globalmente a mesma representatividade, no entanto verifica-se uma alteração substancial, nos motivos utilizados. As incisões lineares, bem representadas nas produções do séc XII e que apresentam normalmente espessuras, formas e execuções muito heterogéneas, diminuem significativamente nas cerâmicas de Sta Cruz. Em contrapartida aumentam as linhas incisas onduladas e principalmente as incisões curtas e profundas nas asas. Também aqui os motivos evidenciam uma maior homogeneidade formal e de execução nas cerâmicas do século XIII.

Finalmente os cordões com impressões que eram o motivo decorativo mais frequente no Baldoeiro (50,8%) tem a sua representatividade reduzida praticamente para metade (30,2%). Esta redução deve ser interpretada como resultante da menor presença dos grandes recipientes (talhas e alguidares), em que ocorrem normalmente estas decorações, no espólio do Baldoeiro e também da substituição deste motivo nos potes em favor de motivos impressos.

Podemos supor que sendo este motivo utilizado para reforçar as paredes das peças, o facto de no século XIII se verificar uma maior capacidade de execução técnica (maior homogeneidade das pastas e melhor cozedura) e consequentemente maior resistência das peças, terá contribuído para uma menor utilização, nomeadamente nos recipientes de menores dimensões.

5. CONCLUSÕES

Sabemos ainda muito pouco sobre a ocupação do Vale da Vilariga no período anterior ao século XII. A documentação escrita é, para este período, quase inexistente e as investigações arqueológicas, se já permitiram a detecção de um número significativo de sítios, permanece inconclusiva no que respeita à caracterização e definição cronológica desses povoados.

A partir de meados do século XII assistimos a um movimento de transformação do modelo de povoamento deste território.. Surgem novas povoações, a outras são concedidos privilégios. Inicia-se a estruturação do território, de acordo com novas estratégias determinadas pelo poder real e que têm como objectivo a protecção às novas fronteiras e o domínio de um território através da sua ocupação por populações fiéis.

As inquirições de 1258 dão-nos a imagem de um espaço estruturado à volta de centros administrativos (sedes de Julgado) que integram no seu território outras povoações de menor importância (paróquias, vilares, casais).

No entanto algumas das iniciativas de povoamento lançadas no final do século XII / início do séc. XIII, vão-se revelar inadequadas e com a inclusão de Riba-Côa no território nacional definem-se novas fronteiras. D.Dinis vai redefinir a estruturação do território a hierarquização administrativa das povoações, fundando e concedendo foral a novas póvoas e estabelecendo a matriz do ordenamento territorial que permaneceu até aos nossos dias.

É neste quadro de profunda reestruturação dos modelos de ocupação do território e do seu estudo que se inserem os trabalhos que temos vindo a efectuar em conjunto com outros investigadores, na região de Moncorvo, e que conduziram à elaboração desta tese de Mestrado.

Analisámos dois povoados, próximos geograficamente, mas distintos nas origens, na implantação, na cronologia e nas características da ocupação.

Ao centrarmos a nossa investigação sobre estes dois locais tentamos utilizá-los como retrato de duas realidades distintas e sucessivas:

Um povoado da Reconquista, assente ainda numa matriz de povoamento, de ocupação de locais estratégicos por pequenos grupos humanos, característica da Alta Idade Média, no caso do povoado do Baldoeiro.

Uma vila nova muralhada, criada de raiz na 2ª metade do século XII por

vontade régia, com o objectivo de congregar uma população considerável e de ser cabeça de um território e que vai ter foral em 1125, no caso de Sta. Cruz.

O interesse destes dois locais era reforçado pelo facto de ambos terem sido desertificados não tendo ocorrido posteriormente nenhuma utilização significativa do local⁷⁸.

As intervenções arqueológicas permitiram um melhor conhecimento sobre estes dois sítios e a reunião de um apreciável espólio cerâmico que importava estudar.

Surge assim a motivação deste trabalho, integrada no estudo da cultura material, a análise específica dos materiais cerâmicos dos sécs. XII–XIII no contexto das transformações que se observam na estrutura do povoamento. Procurando detectar até que ponto essas alterações se reflectem e de que maneira, na cultura material.

Importava desde logo começar por caracterizar os dois conjuntos cerâmicos em estudo. O relativo desconhecimento em que nos encontrávamos em relação a este tipo de materiais nesta região, aconselhava a realização de um levantamento analítico rigoroso dos materiais em estudo, por forma a posteriormente serem estabelecidas tipologias. Analiticamente primeiro, estabelecendo tipologias e procurando paralelos depois, finalmente comparando os dois conjuntos.

Deste trabalho resultam conclusões que nos permitem afirmar que se verificam alterações substanciais entre as produções cerâmicas detectadas nos dois locais. Diferenças que resultam não só de aspectos formais e decorativos, mas principalmente de modificações nos processos técnicos de fabrico.

Sabendo-se que são exactamente as características técnicas aquelas que mais dificilmente se modificam⁷⁹, devemos considerar que estas alterações não são o resultado de uma evolução linear e local dos sistemas de produção. Importa assim procurar em factores externos as razões das modificações, nomeadamente através da introdução de novos métodos e usos.

As fontes históricas referem aliás claramente essas movimentações

⁷⁸ No caso de Sta Cruz a documentação do século XV refere a utilização do local como curral de gado, sendo o local utilizado como terreno agrícola até aos nossos dias. No Baldoeiro, se por um lado a capela de S. Mamede deverá ter sido utilizada como ermida, pelo menos até ao século XVII, a zona do povoado e a da Torre que nos interessam especificamente para este trabalho, não conheceram mais nenhuma ocupação.

⁷⁹ Se analisarmos as produções cerâmicas tradicionais de Trás-os-Montes verificamos uma permanência dos processos técnicos de fabrico ao longo de centenas de anos. Esta situação, é patente no arcaísmo dos processos de fabrico, por exemplo, dos oleiros de Bisalhães (Vila Real) ou Fazamões (Resende), utilizando ainda o torno lento e a cozedura em soenga.

populacionais. Sabemos por exemplo que povoadores, originários de Cernadela e Cortiços, povoações do actual concelho de Macedo de Cavaleiros, participaram, no reinado de Sancho I, na formação da vila de Santa Cruz da Vilariga⁸⁰.

Sabemos das medidas régias: concessão de forais, criação de coutos de homiziados, atribuição de regalias e privilégios; no sentido de atrair povoadores e assim assegurar uma ocupação eficaz destas regiões fronteiriças, por forma a assegurar a integridade do território nacional.

Todas estas medidas evidenciam a existência de movimentações de populações e portanto a possibilidade da introdução de novos processos de fabrico⁸¹.

Resuma-se agora as conclusões obtidas da análise e da comparação dos dois conjuntos cerâmicos:

1 - Nas cerâmicas do sec. XII (Baldoeiro) evidencia-se uma grande variabilidade morfológica das diversas peças, mesmo dentro de cada tipo definido. Não sendo portanto possível determinar a existência de séries de produção semelhantes. Esta situação indicia que não existirá um centro de produção bem definido e dominante. Pelo contrário nas produções dos sécs. XIII/ início do XIV (Sta. Cruz) verifica-se uma maior homogeneidade técnica e formal que acompanhada por uma melhor qualidade técnica de fabrico parece significar a existência de um centro de produção local, tecnicamente evoluído e produzindo de uma forma sistematizada.

1 - Utilização praticamente exclusiva do processo de cozedura redutor no fabrico das cerâmicas provenientes das duas estações. Grande utilização da pós-cocção oxidante nas cerâmicas do Baldoeiro (50% dos fragmentos), reduzindo-se para apenas 9% em Sta Cruz, onde se verifica a utilização da pós-cocção redutora em algumas peças.

2- O método utilizado para fabricar a grande maioria das peças foi o torno

⁸⁰ P.M.H. - Inq. 1258: 1271 e 1274.

⁸¹ Recorrendo mais uma vez à olaria tradicional, verifica-se ser relativamente frequente que oleiros deslocados do sítio de origem, continuem a trabalhar no mesmo ofício, utilizando as técnicas do seu local de origem. Situações deste tipo ocorreram em Calvelhe (Bragança), com oleiros originários de Vilar de Nantes (Chaves); Caçarelhos (Vimioso) com oleiro de Moveros (Espanha); e em Sendim (Miranda do Douro) com oleiro de Bemposta (Mogadouro) (Rebanda e Rodrigues, 1992).

lento. Apenas no Baldoeiro foram encontradas alguns recipientes fabricados à mão.

3 – Melhor execução técnica da generalidade das cerâmicas de Sta Cruz em relação ao Baldoeiro que se expressa na menor espessura dos fragmentos, na diminuição do tamanho dos elementos não plásticos e consequentemente na maior homogeneidade e compacticidade das pastas, no melhor acabamento das superfícies interna e externa e na maior regularidade das estrias provocadas pelo movimento de rotação do torno.

4 – Predomínio absoluto, nos dois conjuntos, da forma tipo *panela* que evidencia poucas alterações nos aspectos formais e decorativos.

5 – Aumento substancial da representatividade das formas utilizadas para servir alimentos (Pratos, tigelas, pratos covos e taças) em detrimento dos recipientes destinados à conservação de alimentos (talhas, potes ovóides, panelas grandes).

6 – Evolução da representatividade das diversas técnicas de decoração, no sentido da diminuição dos cordões plásticos com impressões e do aumento das impressões. Este factor é concordante com a diminuição da representatividade das formas de menor dimensão (talhas, alguidares e panelas grandes) em que normalmente ocorre a decoração plástica. No entanto na interpretação destes dados, bem como dos referidos no ponto anterior, deve ser considerado o facto de, como já foi várias vezes referido, nos encontrarmos perante situações de deposição e jazida distintos e que portanto podem ter a sua quota parte de responsabilidade na diferente representatividade das peças.

7 – Predomínio das asas de fita de largura média, decoradas com incisões curtas e profundas, localizadas no centro da peça. Presença no Baldoeiro e ausência na Sta Cruz, de asas de fita, muito largas e com incisões colocadas desordenadamente em toda a superfície da peça.

8 – Presença, nos dois conjuntos, de alguidares com fundo em disco decorado com impressões.

9 – Evolução do formato dos jarros com predomínio, no Baldoeiro dos

bordos triobados ou com bico muito saliente e na Sta Cruz dos bordos circulares e colo esvasado e decorado com cordões anelados.

10 – Ausência da forma *cântaro* cujas atribuições funcionais deverão ser desempenhadas por jarros de maiores dimensões.

11 – Presença significativa em Sta. Cruz de formas mais características de espólios da Baixa Idade Média (pratos, tachos, taças, tigelas).

12 – Ocorrência de um tipo de pastas, caracterizado pelas superfícies com polimento espatulado que se encontra no Baldoeiro e nas camadas mais antigas de Sta Cruz e que desaparece posteriormente.

Concluído este trabalho importa fazer o balanço das interrogações que permanecem.

Após esta primeira abordagem às cerâmicas medievais da região de Moncorvo e depois de se terem determinado, pelo menos no caso de Sta Cruz, a existência de uma linha de produção bem evidente, será necessário definir melhor esse tipo de produções do sécs XII/XIII.

O alargamento da investigação ao estudo de materiais provenientes de outros sítios arqueológicos cronologicamente contemporâneos, permitirá testar e eventualmente corrigir algumas das conclusões agora obtidas e ajudará a definir a área de dispersão destas produções.

A análise química e mineralógica das pastas com vista à sua caracterização, poderá permitir definir, através da comparação com argilas da região, o local de origem destas produções.

Como já se reflectiu neste trabalho, permanecem muitas interrogações sobre a ocupação do território durante a Alta Idade Média, interrogações que são extensíveis aos materiais.

No que respeita às produções cerâmicas regionais posteriores ao século XIV, ressalta a situação do centro oleiro do Felgar/Larinho, localizado no concelho de Moncorvo e bem conhecido documentalmente a partir do séc XVII, com produções de cerâmicas alaranjadas⁸²

⁸² Na região de Moncorvo o principal centro oleiro, do qual conhecemos referências documentais a partir de meados do séc. XVII, situava-se nas freguesias vizinhas do Felgar e Larinho.

Em 1644, no Livro de Acordãos da Câmara de Moncorvo, é apresentada uma relação dos ofícios que se faziam representar na procissão da Festa do Corpo de Deus, sendo

Nas escavações urbanas realizadas na vila de Torre de Moncorvo, sob a direcção do Dr. Nelson Rebanda (Alcáçova do Castelo e Solar dos Távoras), foi possível exumar uma grande quantidade de materiais cerâmicos com cronologias de deposição bem definidas e que vão do séc. XIV à actualidade. O seu estudo lançará com certeza valiosas pistas para o conhecimento da evolução das produções regionais de cerâmica.

Insere-se este trabalho num contexto mais global de desenvolvimento dos estudos em Arqueologia Medieval que se tem verificado no Norte do País. Situação que conduzirá progressivamente a um melhor conhecimento da cultura material nesta Região. Resulta, no entanto da análise de apenas dois sítios arqueológicos, pelo que apresenta necessariamente as limitações de lidar com uma quantidade limitada de informação. Pretendeu-se fazer um ponto da situação dos dados existentes e lançar hipóteses de trabalho que carecem agora de ser confirmadas ou corrigidas pelo desenvolvimento da investigação ceramológica.

Não é portanto mais do que uma primeira abordagem desta problemática que a aportação de novos dados permitirá, espera-se que brevemente, desenvolver. Espera-se todavia que possa contribuir para um melhor conhecimento da vivência de uma sociedade que distante no tempo, aflora constantemente nas estruturas, costumes e tradições.

referidos os oleiros que iriam na procissão "com seus castelos na forma costumada" (Arq.Mun.Moncorvo, doc. 17) ao lado de outros artesãos como os moleiros ou os ferreiros.

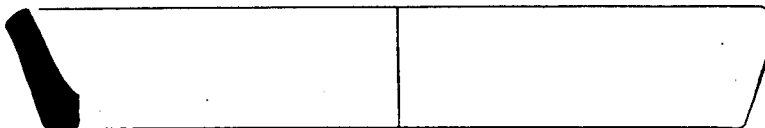
Os pontos de contacto entre as cerâmicas medievais aqui estudadas e as produções conhecidas das olarias do Felgar/Larinho, são para já muito ténues e resumem-se essencialmente à proximidade geográfica. Se conhecemos reativamente bem as últimas produções cerâmicas do Felgar, já no que respeita às cerâmicas dos sécs XVII e XVIII, apenas sabemos que no Larinho se fabricava "louça de barro vermelho de toda a casta" (Costa, 1706) e no Felgar "se fas muita louça de barro vermelho fino" (Carvalho, 1721).

6. CATÁLOGO

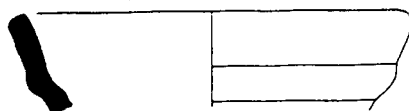
6.1. CERÂMICAS MEDIEVAIS DO BALDOEIRO (TORRE)

CATÁLOGO

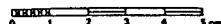
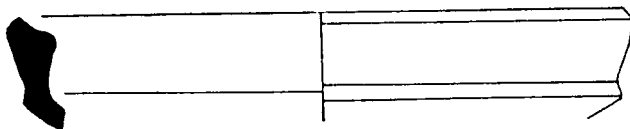
Nº inventário:	BTor/R3-005-1820
Tipo e função:	Prato – louça de mesa
Dimensões:	ø base – 18,5 cm; ø boca – 20,5; alt. – 3,1 cm.
Morfologia:	Fundo plano; paredes direitas e esvasadas
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzento escuro, alisadas; cerne cizento escuro (5YR 3/1)
Proc. Estrat.:	BaITor – fase I
Paralelos:	Gutiérrez e Benítez, 1989: 246



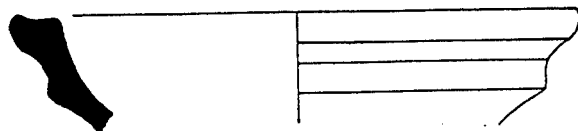
Nº inventário:	BTor/S4-002-2324
Tipo e função:	Tigela – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 10,6 cm; alt. máx. – 2,6 cm.
Morfologia:	Paredes esvasadas; bordo boleado.
Decoração:	Cordão anelado sob o bordo
Técnica:	Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies alisadas, de cor negra; cerne negro.
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



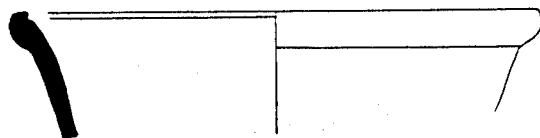
Nº inventário:	BTor/Q3-001-53
Tipo e função:	Tigela – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 16,5 cm; alt. máx. – 3 cm.
Morfologia:	Parede esvasada com carena bem marcada; bordo muito espessado, ligeiramente envasado e com lábio côncavo.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas, castanho amareladas (10YR 6/4); cerne cinzento (10YR 5/1).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



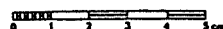
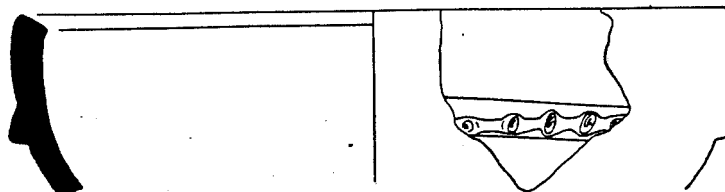
Nº inventário:	BTor/R4-001-36)
Tipo e função:	Tigela – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 15 cm; alt. máx. – 3,1 cm
Morfologia:	Paredes esvasadas, ligeiramente convexas; bordo muito espessado exteriormente e lábio côncavo.
Decoração:	Cordão de secção triangular, obtido por repuxamento da pasta.
Técnica:	Pasta pouco homogénea, compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas; cerne e superfícies cinzentos claros (5YR – 7/1)
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II.
Paralelos:	



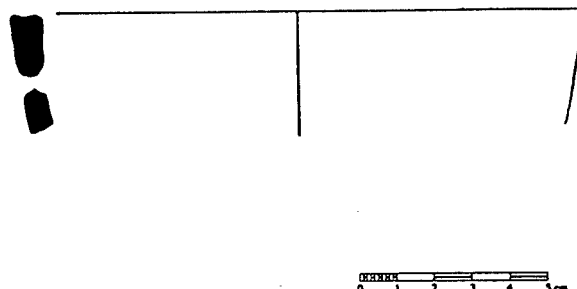
Nº inventário:	BTor/Q3-001-72
Tipo e função:	Tigela (?) – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 14 cm; alt. máx. – 3,2 cm.
Morfologia:	Formato troncocónico, paredes esvasadas e direitas; bordo de secção em semi-círculo.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogénea e pouco compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies alisadas; cerne e superfícies alaranjadas (5YR 7/8).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



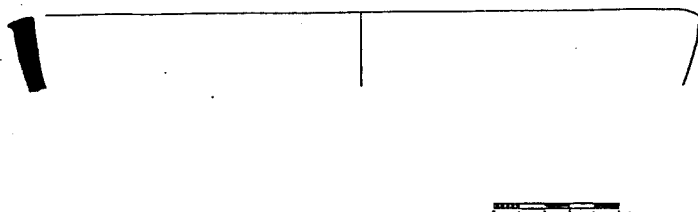
Nº inventário:	BTor/R3-002-1242
Tipo e função:	Tigela grande – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 18,6 cm; alt. máx. – 4,8 cm.
Morfologia:	Paredes arqueadas; bordo em bisel e introvertido..
Decoração:	Cordão plástico com impressões
Técnica:	Pasta pouco homogénea e pouco compacta com e.n.p. de calibre grosso; cerne e superfícies alisadas, em tom cinzento acastanhado (10YR 5/2).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



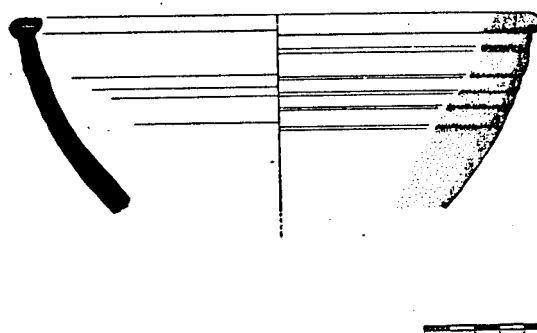
Nº inventário: BTor/R3-002-1287
Tipo e função: Tacho – louça de cozinha
Dimensões: ø boca – 15 cm; alt. – 3 cm.
Morfologia: Paredes ligeiramente esvasadas e convexas; perfuração circular (ø=5mm) efectuada pós-cozedura; bordo vertical com lábio côncavo.
Decoração:
Técnica: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas, de cor alaranjada (5YR 5/6); cerne cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase II
Paralelos:



Nº inventário: BTor/R3-001-762
Tipo e função: Frigideira (?) – louça de cozinha
Dimensões: ø boca – 27,8 cm; alt. máx. – 3,1 cm.
Morfologia: Paredes ligeiramente convexas e esvasadas; bordo em aba pouco acentuada.
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogénea e compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies bem alisadas, de cor avermelhada (2.5YR 5/6); cerne cinzento escuro (2.5YR 4/1).
Proc. Estrat.: BalTor – fase II
Paralelos:



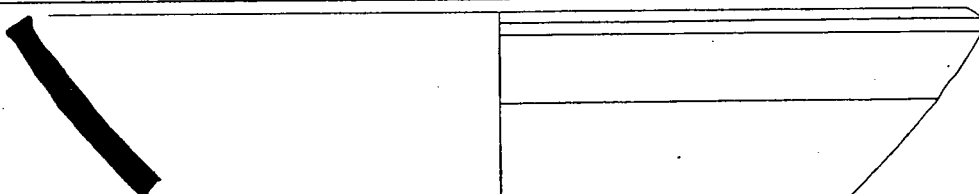
Nº inventário: BTor/Q3-003-150 (2 fragmentos)
Tipo e função: Taça – louça de mesa
Dimensões: ø boca – 21,4 cm; alt. máx. – 7,8 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas; bordo amendoado e vertical.
Decoração: Decoração anelada na parte superior da peça.
Técnica: Pasta medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas e de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.: BalTor – fase II
Paralelos: Bohigas et alii, 1989: 145



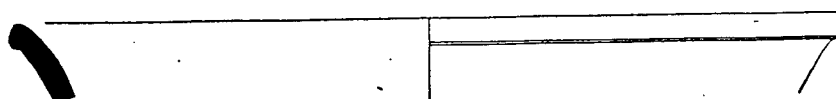
Nº Inventário:	BTor/R4-001-151
Tipo e função:	Alguidar; conservação de alimentos.
Dimensões:	■ boca - 33 cm.
Morfologia:	Bordo esvasado, espessado exteriormente e com lábio plano.; paredes esvasadas.
Decoração:	
Técnica:	Pasta compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alaranjadas, alisadas e com palhetas de mica branca; cerne alaranjado (2.5YR 5/8).
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



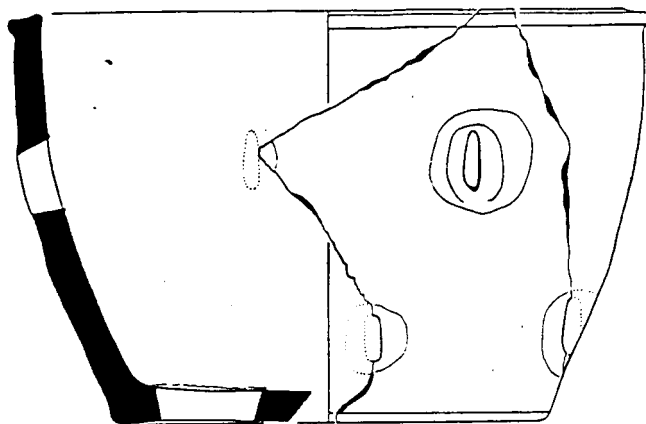
Nº Inventário:	BTor/R3-002-881
Tipo e função:	Alguidar; conservação de alimentos.
Dimensões:	■ boca - 39,2 cm; alt. máx. - 7,2 cm.
Morfologia:	Bordo triangular; paredes muito esvasadas, ligeiramente convexas.
Decoração:	Caneluras pouco salientes no interior e exterior das paredes.
Técnica:	Pasta compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies alaranjadas (7.5YR 6/6), bem alisada; cerne cinzento claro (7.5YR 6/1).
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



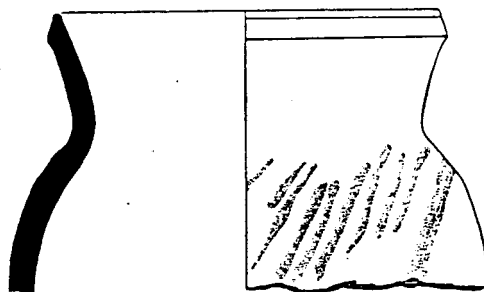
Nº Inventário:	BTor/R3-005-1876
Tipo e função:	Alguidar - conservação de alimentos
Dimensões:	■ boca - 33,4 cm; alt. máx. - 3,3 cm.
Morfologia:	Paredes esvasadas e ligeiramente côncavas; bordo boleado com espessamento exterior.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio, superfícies alisadas; cerne e superfícies cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.:	BaITor - fase I.
Paralelos:	



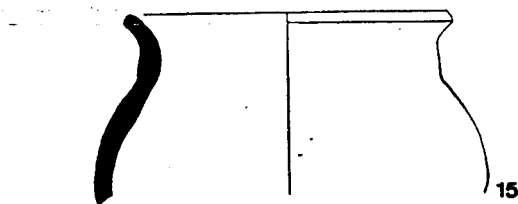
Nº inventário:	BTor/R3-002-2077 (3 fragmentos)
Tipo e função:	Braseira (?)
Dimensões:	ø boca – 16,9 cm; alt. – 10,7 cm; ø base – 11,5 cm.
Morfologia:	Fundo plano, paredes esvasadas e convexas; perfurações ovais dispostas regularmente nas paredes e fundo da peça; bordo espessado exteriormente com lábio convexo.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies cinzentas, bem alisadas; cerne cinzento (5YR 4/1).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	Cipriano et alii, 1991: 108-110



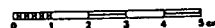
Nº inventário:	BTor/R3-002-956 (2 fragmentos)
Tipo e função:	Púcaro – conter e servir líquidos.
Dimensões:	ø boca – 10,3 cm; alt. máx. – 7,3 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo direito e pouco esvasado; bordo vertical e biselado.
Decoração:	Linhas brunidas sobre o ombro.
Técnica:	Pasta homogênea, pouco compacta com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzento escuro, alisadas; cerne cinzento escuro (5YR 3/1).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



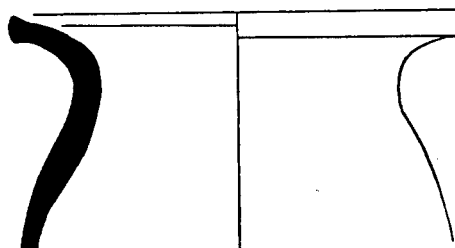
Nº inventário:	BTor/R3-003-1419
Tipo e função:	Púcaro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 8,7 cm; ø máx – 10,5 cm; alt. máx. – 5 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; bojo globular, ombros pouco marcados; colo cilíndrico; bordo boleado e esvasado
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea e pouco compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas de cor alaranjada com manchas negras no exterior; cerne alaranjado (7.5YR 7/8).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



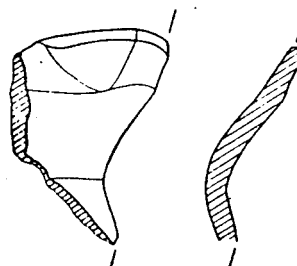
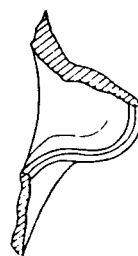
15



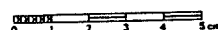
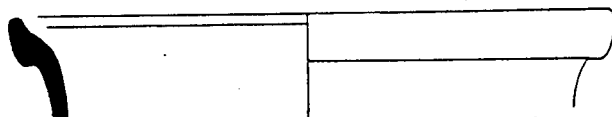
Nº inventário:	h BTor/R3-004-1655
Tipo e função:	Púcaro - louça de cozinha
Dimensões:	ø boca - 11,8 cm; alt. máx. - 6,1 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; bojo ovóide; colo côncavo e muito esvasado; bordo triangular
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas, face interior acastanhada (10YR 5/6); cerne e face exterior cinzento escuro (10YR 3/1)..
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



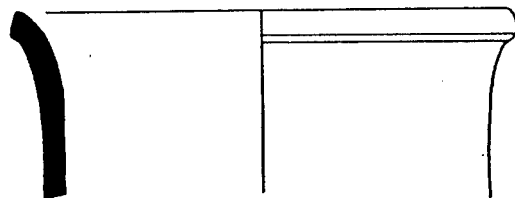
Nº inventário:	BTor/Q3-001-2777
Tipo e função:	Jarro - conter e servir líquidos
Dimensões:	alt. máx. - 5,6 cm.
Morfologia:	Colo esvasado e côncavo; bordo trilobado e lábio boleado.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, pouco compacta com e.n.p. de calibre grosso; superfícies negras, alisadas; cerne negro.
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



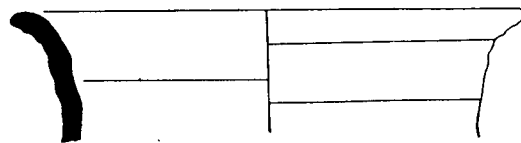
Nº inventário:	BTor/R3-005-2622
Tipo e função:	Jarro (?) - conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca - 16 cm; alt. máx. - 2,7 cm.
Morfologia:	Colo alto, côncavo e ligeiramente esvasado; bordo amendoado colocado na vertical.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies bem alisadas, de cor negra; cerne negro.
Proc. Estrat.:	BaITor - fase I
Paralelos:	



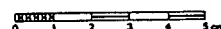
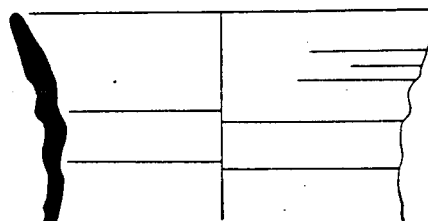
Nº inventário: BTor/R3-002-957
Tipo e função: Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões: ø boca – 13,4 cm; alt. máx. – 4,8 cm.
Morfologia: Colo alto e direito; bordo extroverso com lábio aplanado.
Decoração:
Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies alisadas, de cor alaranjada; cerne alaranjado (5YR 5/8).
Proc. Estrat.: BaITor – fase II
Paralelos:



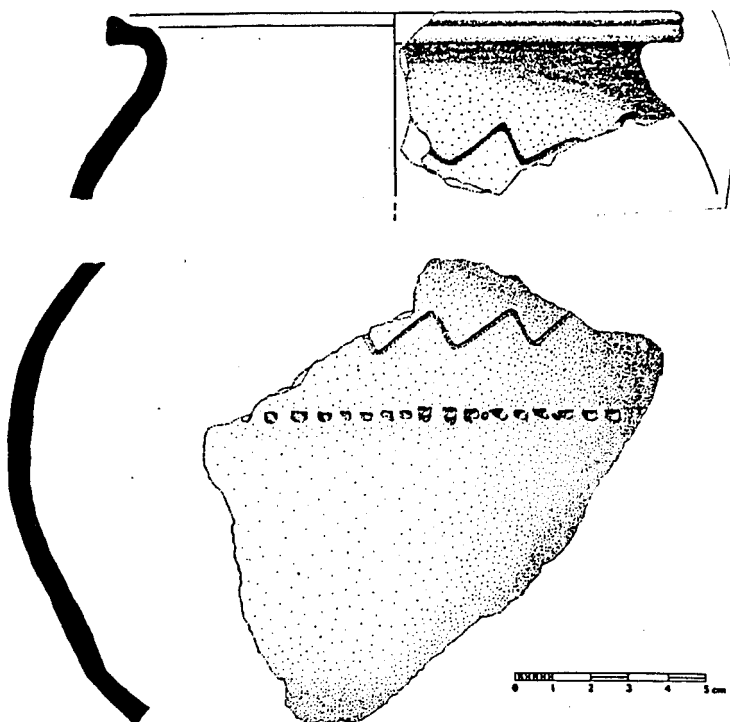
Nº inventário: BTor/R3-005-1781
Tipo e função: Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões: ø boca – 13,6 cm; alt. máx. – 3,4 cm.
Morfologia: Colo alto e cilíndrico; bordo boleado, muito esvasado.
Decoração: Cordões anelados sobre o colo.
Técnica: Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; cerne e superfícies, alisadas, em tom cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.: BaITor – fase II
Paralelos: Almeida et alii, 1981: fig.XII; Barroca e Moraes, 1986: 76.



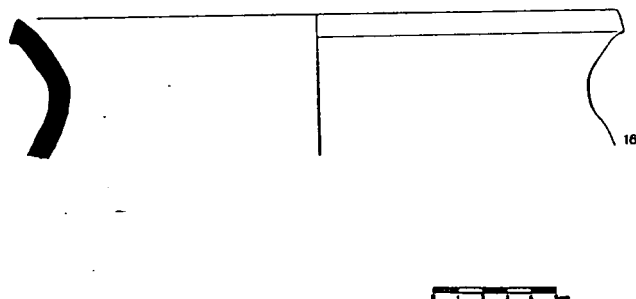
Nº inventário: BTor/R3-002-979
Tipo e função: Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões: ø boca – 11,2 cm; alt. máx. – 5,5 cm.
Morfologia: Colo alto, ligeiramente côncavo e esvasado; bordo boleado.
Decoração: Cordões anelados sobre o colo
Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies não alisadas, castanho alaranjado (5YR 5/6); cerne alaranjado (5YR 7/8).
Proc. Estrat.: BaITor – fase II
Paralelos: Almeida et alii, 1981: fig.XII; Barroca e Moraes, 1986: 76.



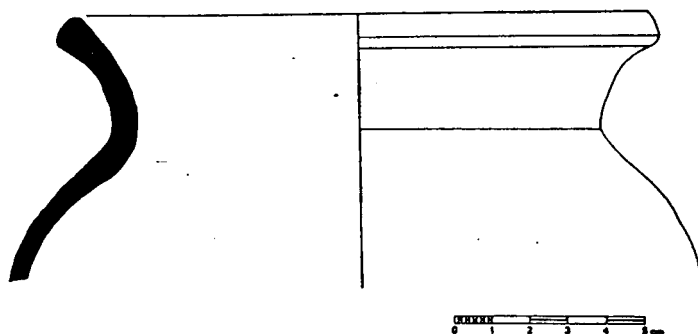
Nº Inventário:	BTor/S4-003-2748
Tipo e função:	Panela; louça de cozinha.
Dimensões:	ø boca - 15 cm; alt. máx. - 14,3 cm; ø bojo - 17,8 cm.
Morfologia:	Forma globular; colo curto e côncavo; bordo muito esvasado com espessamento interno.
Decoração:	Linha incisa ondulada nos ombros e impressões rectangulares no bojo.
Técnica:	Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies exterior alisada e interior não alisada; cerne e superfícies de cor cinzenta escura (5YR 3/1) com marca de fuligem.
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



Nº Inventário:	BTor/R3-004-1630
Tipo e função:	Panela - louça de cozinha
Dimensões:	ø boca - 24,5 cm; alt. máx. - 5,5 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo biselado.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogénea, compacta com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzento acastanhado (10YR 5/2), alisadas; cerne cinzento escuro (10YR 4/1).
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



Nº Inventário:	BTor/R3-002-1128 (4 fragmentos)
Tipo e função:	Panela - louça de cozinha
Dimensões:	ø boca - 15,9 cm; alt. máx. - 56,9cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo espessado e lábio convexo..
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzentas (5YR 5/21, alisadas; cerne cinzento claro (5YR 7/1).
Proc. Estrat.:	BaITor - fase II
Paralelos:	



Nº inventário: BTor/R3-002-882

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 15,6 cm; alt. máx. - 4,8 cm.

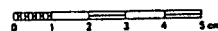
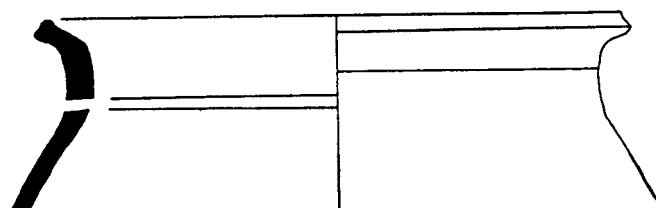
Morfologia: Perfil em "S"; colo cilíndrico, perfuração circular, aberta após cozedura, situada no colo; bordo espessado, muito esvasado e lábio côncavo.

Decoração:

Técnica: Pasta homogénea, pouco compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies alaranjadas, alisadas; cerne alaranjado (7.5YR 6/6)

Proc. Estrat.: BalTor - fase II

Paralelos:



Nº inventário: BTor/R3-005-1749

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 21; alt. máx. - 5,3 cm.

Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo biselado.

Decoração:

Técnica: Pasta pouco homogénea e pouco compacta com e.n.p. de calibre grosso; superfícies alisadas, interior castanho amarelado (10YR 6/4), exterior e cerne cinzento (10YR 6/1).

Proc. Estrat.: BalTor - fase I

Paralelos:



Nº inventário: BTor/R3-002-951 (2 fragmentos)

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 14,7 cm; alt. máx. - 5,1 cm.

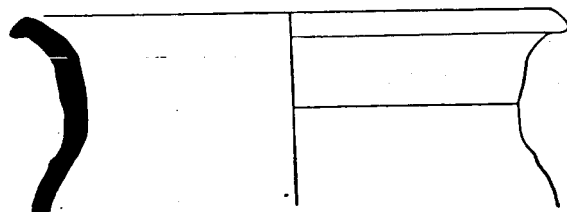
Morfologia: Perfil em "S"; colo cilíndrico; bordo em bisel, muito esvasado.

Decoração:

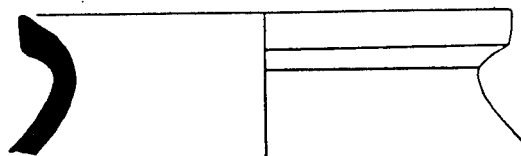
Técnica: Pasta homogénea e compacta com e.n.p. de calibre médio; cerne e superfícies, alisadas, em tom cinzento claro (5YR 6/1).

Proc. Estrat.: BalTor - fase II

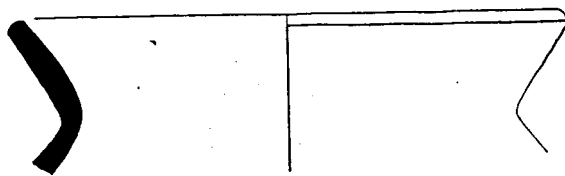
Paralelos:



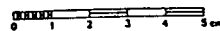
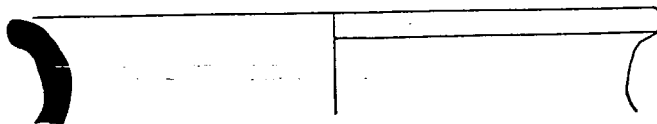
Nº inventário: BTor/R3-003-1387
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 13 cm; alt. máx. - 3,6 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo; bordo em bisel, muito esvasado.
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de grande calibre; cerne e superfícies, alisadas, em tom cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.: BalTor - fase II
Paralelos:



Nº inventário: BTor/R3-003-1414
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 14,8 cm; alt. máx. - 4,1 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo direito e esvasado; bordo boleado
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies bem alisadas, de cor negra; cerne negro.
Proc. Estrat.: BalTor - fase II
Paralelos:



Nº inventário: BTor/R3-005-1748
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 14,8 cm; alt. máx. - 4,1 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo boleado, e quase horizontal.
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas, de cor negra; cerne cinzento (5YR 4/1)..
Proc. Estrat.: BalTor - fase I
Paralelos:



Nº Inventário: BTor/R3-002-2074

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 18,7 cm; alt. máx. - 5 cm.

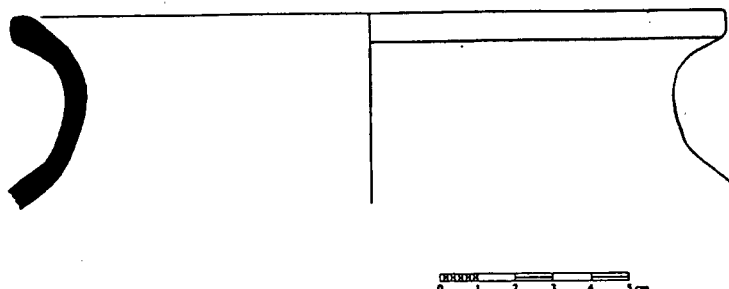
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo; bordo espessado e muito esvasado, com lábio convexo.

Decoração:

Técnica: Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de calibre médio; superfície exterior alisada e interior rugosa; cerne e superfícies cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.:

Paralelos: BalTor - fase II



Nº Inventário: BTor/R4-001-134

Tipo e função: Pote ovóide; conservação de alimentos

Dimensões: ø boca - 23 cm; alt. máx. - 4,8 cm.

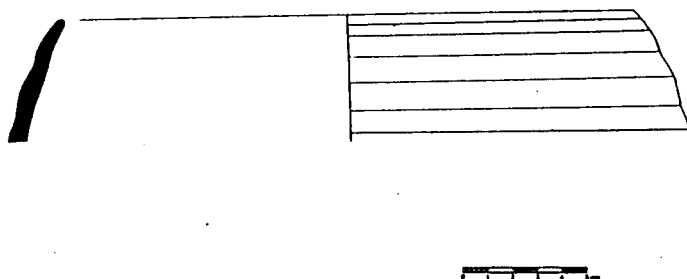
Morfologia: Bordo boleado envasado

Decoração: Decoração anelada em toda a peça

Técnica: Pasta medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas; superfícies e cerne de cor alaranjada (5YR 7/6).

Proc. Estrat.: BalTor - fase II.

Paralelos:



Nº Inventário: BTor/R3-004-1597 (6 fragmentos)

Tipo e função: Pote ovóide; louça de cozinha.

Dimensões: ø boca - 16,2 cm; alt. máx. - 9 cm.

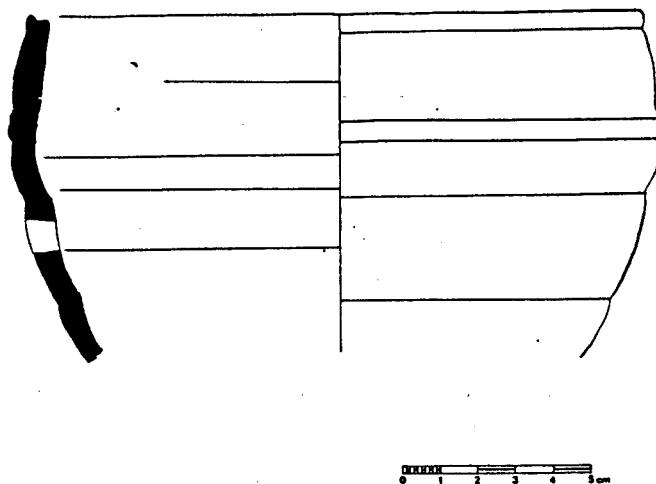
Morfologia: Paredes convexas, inicialmente esvasadas e terminando num bordo envasado, com uma perfuração circular (ø=8mm), feita com a pasta fresca, situada na parte inferior da parede; bordo envasado com o lábio côncavo.

Decoração: Decoração anelar na parte superior da peça.

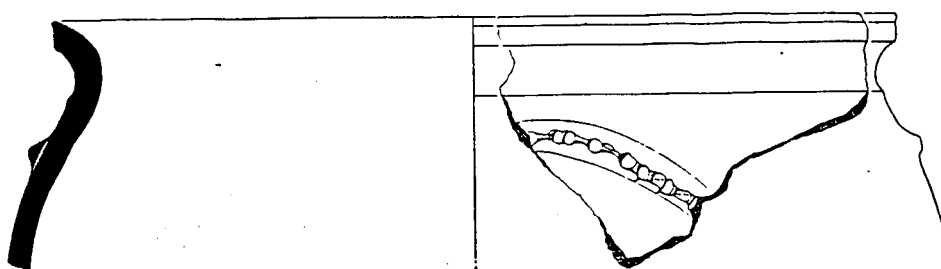
Técnica: Pasta não homogênea, medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies bem alisadas de cor castanha amarelada (10YR 5/6) com manchas de fuligem; cerne de cor negra.

Proc. Estrat.:

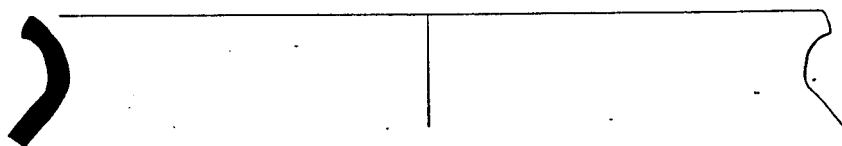
Paralelos: BalTor - fase II



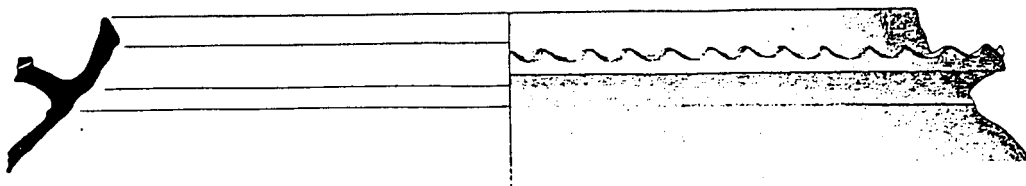
Nº inventário: BTor/R3-002-1110
 Tipo e função: Talha - conservação e alimentos
 Dimensões: ø boca - 33,8 cm; alt. máx. - 10 cm.
 Morfologia: Bojo ovóide, bordo simples contracurvado, lábio côncavo.
 Decoração: Cordão aplicado sobre o ombro, de forma circular, com digitações.
 Técnica: Pasta homogênea e compacta, com e.n.p. de grande calibre, superfícies não alisadas com marcas de dedos; cerne e superfície de cor cinzenta (10YR 5/1)
 Proc. Estrat.: BaTor - fase II
 Paralelos:



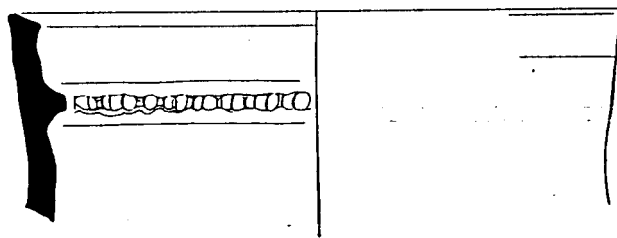
Nº inventário: BTor/R3-005-2611
 Tipo e função: Talha; conservação de alimentos.
 Dimensões: ø boca - 32,2 cm; alt. máx. - 5,3 cm.
 Morfologia: Ombros rectos; colo e bordo esvasados, este com ligeiro espessamento externo; lábio convexo.
 Decoração:
 Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta e com e.n.p. de grande calibre; superfícies de cor alaranjada (5YR 5/8) e alisadas irregularmente; cerne de cor cinzenta (5YR 5/1).
 Proc. Estrat.: BaTor - fase I
 Paralelos:



Nº inventário:	BTor/Q3-003-244 (2 fragmentos)
Tipo e função:	Pote de mel: conservação de alimentos.
Dimensões:	ø boca – 32,5 cm; alt. máx. – 6 cm.
Morfologia:	Bordo envasado com espessamento interno; paredes convexas e envasadas; aba situada abaixo do bordo e servindo para conter água.
Decoração:	Impressões digitadas sobre a aba.
Técnica:	Pasta compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alaranjadas (10YR 6/6) e alisadas; cerne cinzento (10YR 5/1).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	



Nº inventário:	BTor/R3-002-1220
Tipo e função:	Talha – conservação de alimentos.
Dimensões:	ø boca – 24,5 cm; alt. máx. – 8,4 cm.
Morfologia:	Colo alto, vertical; bordo ligeiramente inclinado para o interior e com espessamento interno; lábio côncavo; rebordo no interior do colo para assentamento de testo.
Decoração:	Impressões com marcas de tecido sobre o rebordo interior.
Técnica:	Pasta compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas irregularmente; cerne e superfícies de cor cinzento escuro (10YR 5/1).
Proc. Estrat.:	BaITor – fase II
Paralelos:	Apresenta algumas semelhanças formais com o bordo e colo de peças designadas como "depósitos" em Alarcão, 1975: fig. 862/3.



Nº inventário:

BTor/R3-002-2446

Tipo e função:

Talha (?); conservação de alimentos

Dimensões:

ø boca - 21,2 cm; alt. máx. - 5,2 cm.

Morfologia:

Colo alto, vertical; bordo amendoado, ligeiramente esvasado.

Decoração:

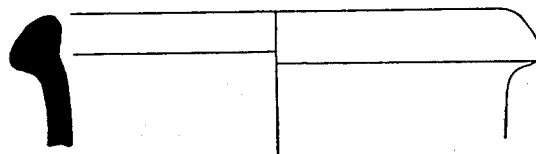
Técnica:

Pasta pouco homogênea, compacta e com e.n.p. de grande calibre; superfícies de cor negra; cerne de cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.:

Paralelos:

BaITor - fase II.



Nº inventário:

BTor/Q3-001-153

Tipo e função:

Asa de rolo

Dimensões:

Larg. - 2,1 cm; espessura - 1,4 cm.

Morfologia:

Asa de rolo

Decoração:

Incisões curtas e profundas sobre a asa

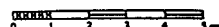
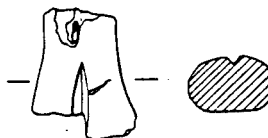
Técnica:

Pasta pouco homogênea, compacta e com e.n.p. de médio calibre; superfícies de cor negra; cerne de cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.:

Paralelos:

BaITor - fase II.



6.2. CERÂMICAS MEDIEVAIS DE SANTA CRUZ DA VILARIÇA

CATÁLOGO

Nº inventário: SCV/A1-005-1684

Tipo e função: Pratinho – louça de mesa

Dimensões: ø base – 14 cm; ø boca – 16,8 cm; alt. – 2,6 cm.

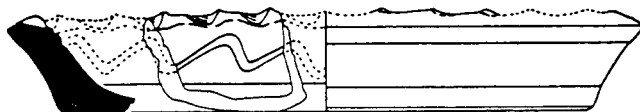
Morfologia: Fundo com ligeiro ressalto no perímetro exterior, paredes esvasadas e ligeiramente côncavas; bordo esvasado, espessado no exterior.

Decoração: Impressões sobre o lado interior do bordo; linha incisa ondulada na face interna da parede.

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies alisadas de cor negra; cerne alaranjado (5YR 6/6).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos: Rubio et alii, 1991: 299



Nº inventário: SCV/A1-005-1601 (3 fragmentos)

Tipo e função: Pratinho – louça de mesa

Dimensões: ø base – 14 cm; ø boca – 17 cm; alt. – 2,4 cm.

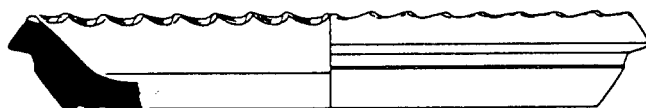
Morfologia: Fundo com ligeiro ressalto no perímetro exterior, paredes esvasadas e direitas; bordo esvasado em bisel.

Decoração: Impressões sobre o lado interior do bordo.

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies alisadas de cor negra com manchas alaranjadas; cerne cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos: Rubio et alii, 1991: 299



Nº inventário: SCV/B1-004-3814

Tipo e função: Tigela – louça de mesa.

Dimensões: ø boca – 9,5 cm; alt. máx. – 2 cm.

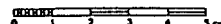
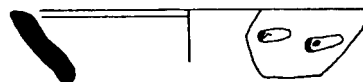
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas; bordo boleado.

Decoração: Impressões rectangulares sob o bordo.

Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

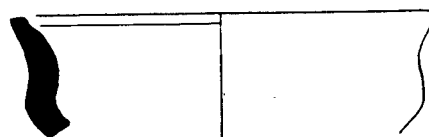
Paralelos:



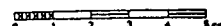
Nº Inventário: SCV/A1-005-1181
Tipo e função: Tigela – louça de mesa.
Dimensões: ø boca – 13,5 cm; alt. máx. – 2,8 cm.
Morfologia: Paredes pouco esvasadas e convexas contracurvando-se para terminar num bordo boleado, muito esvasado.
Decoração:
Técnica: Impressões rectangulares sob o bordo.
 Pasta homogénea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:
Paralelos: SCV – fase III



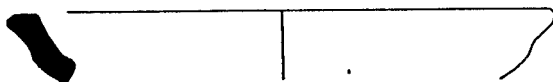
Nº Inventário: SCV/B1-004-4216
Tipo e função: Tigela – louça de mesa.
Dimensões: ø boca – 11,2 cm; alt. máx. – 3,2 cm.
Morfologia: Parede esvasada, inicialmente convexa, apresenta carena e sobrelanço côncavo; bordo boleado.
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogénea e pouco compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies negras, alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase III
Paralelos: Jusué e Tabar, 1989: 40



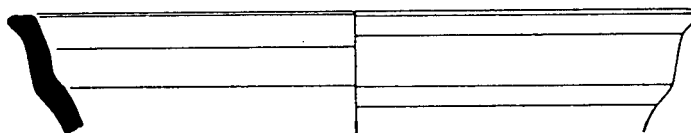
Nº Inventário: SCV/A1-005-1526
Tipo e função: Tigela – louça de mesa.
Dimensões: ø boca – 13,2 cm; alt. máx. – 2,7 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas com carena pouco acentuada; bordo boleado muito esvasado.
Decoração:
Técnica: Pasta homogénea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies avermelhadas (2.5YR 5/8), bem alisadas, com vestígios de polimento na face exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase III
Paralelos: Jusué e Tabar, 1989: 40



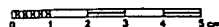
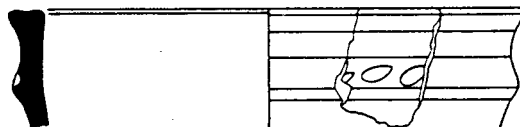
Nº Inventário: SCV/A1-005-1337
 Tipo e função: Tigela – louça de mesa.
 Dimensões: ø boca – 14,5 cm; alt. máx. – 1,9 cm.
 Morfologia: Paredes muito esvasadas com carena pouco acentuada; bordo boleado em aba.
 Decoração:
 Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
 Proc. Estrat.: SCV – fase III
 Paralelos:



Nº Inventário: SCV/A1-005-1183
 Tipo e função: Tigela (?) – louça de mesa
 Dimensões: ø boca – 18,2 cm; alt. – 3,1 cm.
 Morfologia: Paredes esvasadas com carena; bordo boleado inclinado para o exterior. Impressões rectangulares sob o bordo.
 Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies bem alisadas, de cor negra; cerne cinzento claro (5YR 7/1).
 Proc. Estrat.: 7/1).
 Paralelos: SCV – fase III



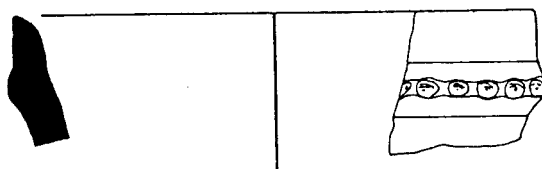
Nº Inventário: SCV/A1-005-842
 Tipo e função: Tigela – louça de mesa
 Dimensões: ø boca – 13,5 cm; alt. – 3,1 cm.
 Morfologia: Paredes verticais, ligeiramente convexas; bordo espessado exteriormente com lábio horizontal e côncavo.
 Decoração: Impressões amendoadas sobre cordão obtido por repuxamento.
 Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas, de cor negra; cerne cinzento claro (5YR 7/1).
 Proc. Estrat.: SCV – fase III
 Paralelos:



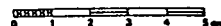
Nº inventário: SCV/A1-005-2395
Tipo e função: Tigela (?) - louça de mesa
Dimensões: ø boca - 18 cm; alt. máx. - 2,5 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas; bordo triangular envasado com lábio côncavo
Decoração: Cordão anelado sob o bordo.
Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzentas (5YR 5/1), rugosas; cerne cinzento claro (5YR 6/1).
 SCV - fase III
Proc. Estrat.:
Paralelos:



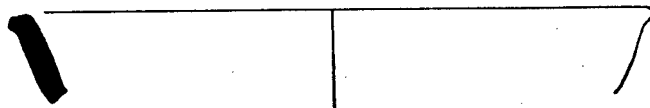
Nº inventário: SCV/C1-004-2269
Tipo e função: Tigela (?) - louça de mesa.
Dimensões: ø boca - 13,8 cm; alt. máx. - 3,3 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas e côncavas ligadas ao bordo por carena; bordo vertical com lábio introvertido.
Decoração: Impressões circulares sobre a carena
Técnica: Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas, de cor negra no exterior e cinzenta no interior e no cerne (5YR 5/1).
 SCV - fase III
Proc. Estrat.:
Paralelos:



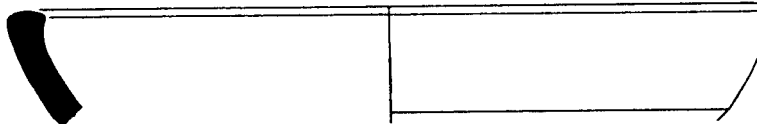
Nº inventário: SCV/A1-005-2732
Tipo e função: Prato-covo - louça de mesa.
Dimensões: ø boca - 14,4 cm; alt. máx. - 2 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas; bordo boleado em aba.
Decoração:
Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras e alisadas; cerne negro.
 SCV - fase III
Proc. Estrat.:
Paralelos:



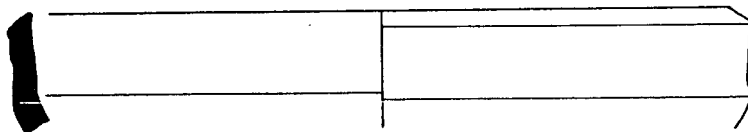
Nº Inventário:	SCV/A1-005-2760
Tipo e função:	Prato-covo – louça de mesa.
Dimensões:	ø boca – 17 cm; alt. máx. – 2,4 cm.
Morfologia:	Paredes esvasadas e convexas; bordo boleado em aba pouco acentuada.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



Nº Inventário:	SCV/A1-005-2250
Tipo e função:	Prato-covo – louça de mesa
Dimensões:	ø boca – 20,1 cm; alt. – 3 cm.
Morfologia:	Paredes esvasadas e convexas; bordo envasado com lábio convexo.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre fino; superfícies alisadas, cinzentas (5YR 5/1) com manchas negras no exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	
Paralelos:	SCV – fase III



Nº Inventário:	SCV/A1-005-1146
Tipo e função:	Frigideira (?) – louça de cozinha
Dimensões:	ø boca – 19,6 cm; alt. máx. – 3,1 cm.
Morfologia:	Parede com carena e sobrelanço vertical; bordo biselado com lábio extrovertido.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre fino; superfícies alisadas, acastanhada no exterior (7.5YR 5/3), cerne e interior cinzento escuro (7.5YR 4/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase II
Paralelos:	



Nº inventário: SCV/A1-005-2048

Tipo e função: Tacho – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 17,8 cm; alt. máx. – 3,9 cm.

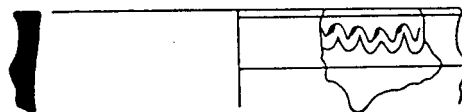
Morfologia: Paredes ligeiramente envasadas; bordo espessado no exterior com lábio horizontal e plano.

Decoração:

Técnica: Linha incisa ondulada sob o bordo.

Proc. Estrat.: Pasta homogénea e compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 3/1).

Paralelos: SCV – fase III.



Nº inventário: SCV/B1-004-3765

Tipo e função: Tacho – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 22 cm; alt. máx. – 3,2 cm.

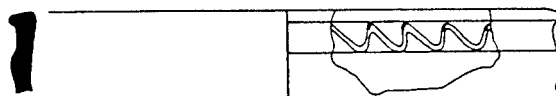
Morfologia: Paredes ligeiramente envasadas; bordo espessado no exterior com lábio horizontal e plano.

Decoração:

Técnica: Linha incisa ondulada sob o bordo.

Proc. Estrat.: Pasta compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 3/1).

Paralelos: SCV – fase III.



Nº inventário: SCV/A1-005-1109

Tipo e função: Tacho – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 22 cm; alt. máx. – 3,8 cm.

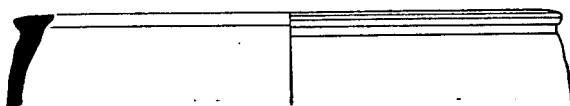
Morfologia: Paredes convexas; bordo ligeiramente envasado, em formato de cabeça de prego.

Decoração:

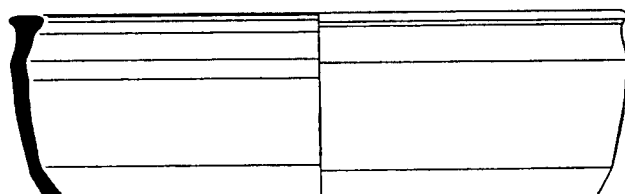
Técnica: Pasta homogénea e compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III.

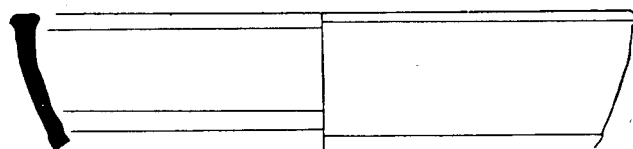
Paralelos: Arnaud et alii, 1992: 60



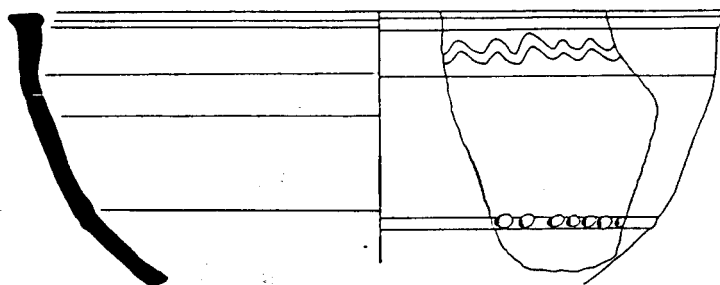
Nº inventário: SCV/A1-005-1364 (6 fragmentos)
Tipo e função: Tacho – louça de cozinha
Dimensões: ø boca – 24,7 cm; alt. máx. – 7,2 cm.
Morfologia: Bordo em formato de cabeça de prego, ligeiramente envasado; paredes convexas com carena pouco acentuada junto à base.
Decoração:
Técnica: Pasta medianamente compacta com e.n.p. de calibre médio. Superfícies de cor negra, bem alisadas; cerne cinzento claro (5YR 7/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase III
Paralelos:



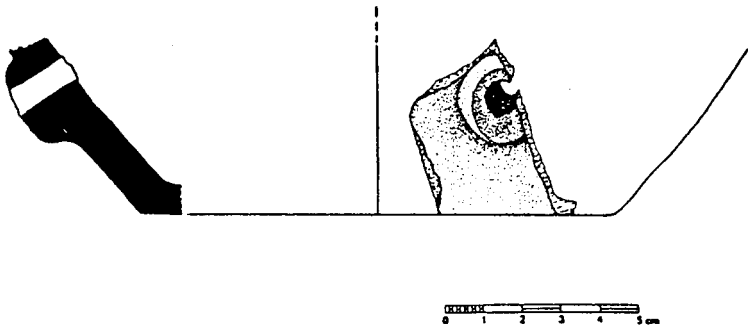
Nº inventário: SCV/A1-005-1381
Tipo e função: Taça – louça de mesa
Dimensões: ø boca – 25 cm; alt. máx. – 5,5 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas, bordo vertical, em forma de cabeça de prego.
Decoração:
Técnica: Pasta medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies rugosas; cerne e superfícies cinzentos (10YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase III
Paralelos:



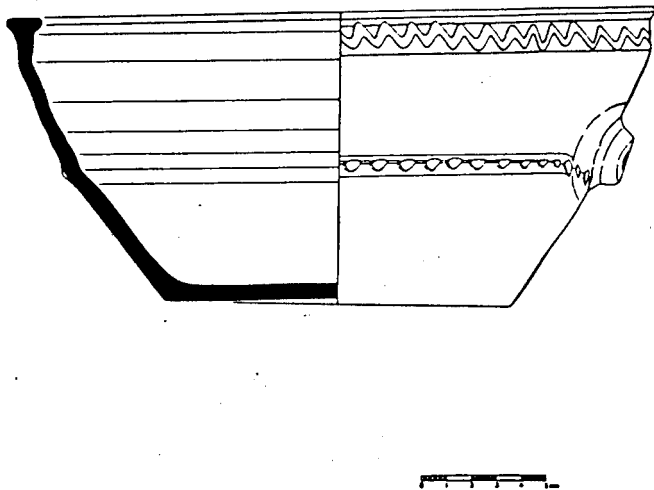
Nº inventário: SCV/C1-010-3062
Tipo e função: Taça – louça de mesa
Dimensões: ø boca – 28,7 cm; alt. máx. – 11 cm.
Morfologia: Bordo vertical, em forma de cabeça de prego; paredes esvasadas e convexas.
Decoração: Linha incisa ondulada sob o bordo e impressões circulares na parte inferior da parede.
Técnica: Pasta compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas; cerne e superfícies cinzentos (10YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase I
Paralelos:



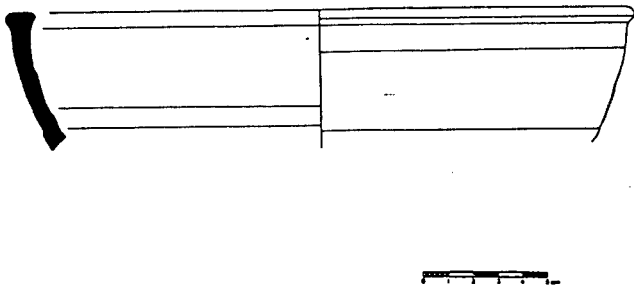
Nº inventário:	SCV/C1-004-2385
Tipo e função:	Taça(?) - louça de mesa.
Dimensões:	Ø base - 12,5 cm; alt. máx. - 4,5 cm.
Morfologia:	Base plana; paredes esvasadas com uma perfuração circular, sublinhada por um mamilo circular aplicado no exterior da peça.
Decoração:	Pasta compacta com e.n.p. de médio calibre;
Técnica:	superfícies alisadas de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 4/1). SCV -fase III
Proc. Estrat.:	Larren, 1989: 271 e 282
Paralelos:	



Nº inventário:	SCV/C1-008-3033 (31 fragmentos)
Tipo e função:	Taça - louça de mesa
Dimensões:	Ø boca - 26,2 cm; alt. - 11,7 cm; Ø base - 13,9 cm.
Morfologia:	Fundo plano; paredes esvasadas e ligeiramente convexas, com uma perfuração circular, situada a meia altura, sublinhada exteriormente por um mamilo circular aplicado; bordo vertical em forma de cabeça de prego.
Decoração:	Linha incisa ondulada sob o bordo; faixa de impressões triangulares situada à altura da perfuração.
Técnica:	Pasta compacta com e.n.p. de calibre médio; superfície exterior cinzenta escura (5YR 5/1) bem alisada, superfície interior e cerne cinzento claro (5YR 6/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase II
Paralelos:	Larren, 1989: 271 e 282



Nº inventário:	SCV/A1-005-1381
Tipo e função:	Taça - louça de mesa
Dimensões:	Ø boca - 25 cm; alt. máx. - 5,5 cm.
Morfologia:	Bordo vertical, em forma de cabeça de prego; paredes esvasadas e convexas.
Decoração:	
Técnica:	Pasta medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies rugosas; cerne e superfícies cinzentos (10YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase III
Paralelos:	



Nº inventário: SCV/A1-005-1722

Tipo e função: Taça - louça de mesa

Dimensões: ø boca - 29,8 cm; alt. máx. - 7 cm.

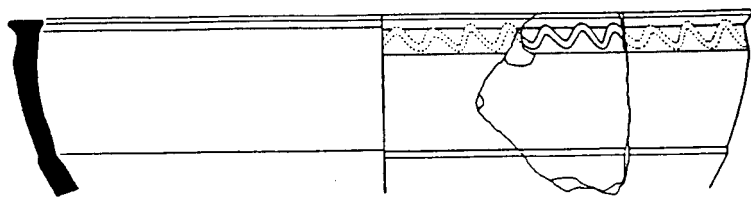
Morfologia: Bordo vertical, em forma de cabeça de prego; paredes pouco esvasadas e convexas.

Decoração: Linha incisa ondulada situada a abaixo do bordo.

Técnica: Pasta medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre, predominância de grãos de fedspato; superfícies cinzento escuro (2.5YR 3/1), alisadas; cerne cinzento acastanhado (2.5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-935

Tipo e função: Taça - louça de mesa

Dimensões: ø boca - 24,6 cm; alt. - 3,9 cm.

Morfologia: Paredes esvasadas com carena; bordo em forma de cabeça de prego.

Decoração: Cordão anelado sobre a carena

Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas, de cor cinzenta escura (5YR 4/1); cerne cinzento claro (5YR 7/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/C1-005-3182

Tipo e função: Taça - louça de mesa

Dimensões: ø boca - 28,6 cm; alt. máx. - 3,2 cm.

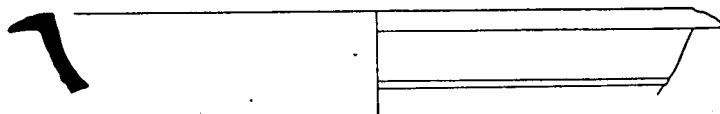
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas, Bordo amendoado em aba pronunciada

Decoração:

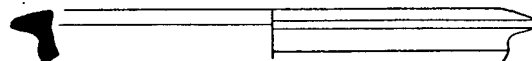
Técnica: Pasta homogênea medianamente compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1) e alisadas; cerne cinzento (5YR 6/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase III

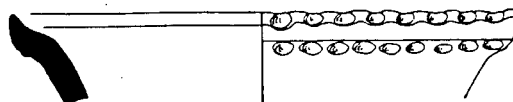
Paralelos: Alarcão, 1975: nº 779



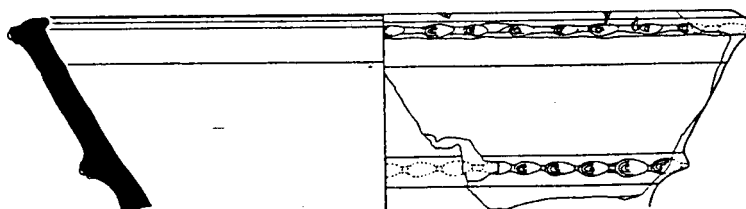
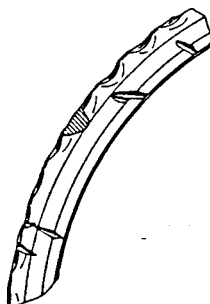
Nº inventário: SCV/B1-003-2888
Tipo e função: Taça - louça de mesa
Dimensões: ø boca - 21 cm; alt. - 2 cm.
Morfologia: Paredes esvasadas e convexas; bordo em aba ligeiramente envasado.
Decoração:
Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas, de cor cinzenta escura (5YR 4/1); cerne cinzento claro (5YR 7/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos:



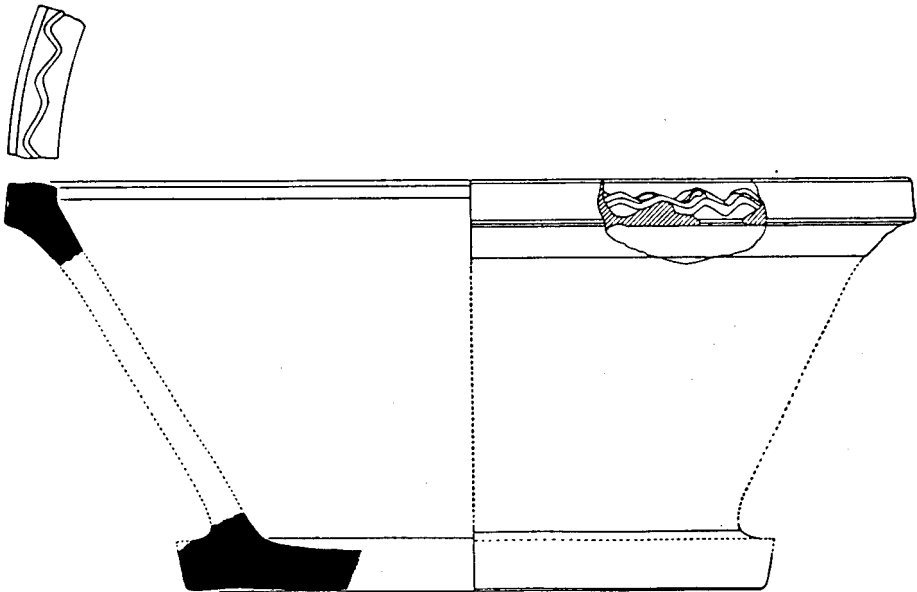
Nº inventário: SCV/ B1-008-5337
Tipo e função: Pequeno alguidar; louça de mesa.
Dimensões: ø boca - 20,3 cm; alt. máx. - 3,5 cm.
Morfologia: Bordo boleado flectindo verticalmente; Paredes esvasadas, ligeiramente côncavas.
Decoração: Impressões amendoadas aplicadas em duas faixas na face externa do bordo.
Técnica: Pasta compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras e alisadas; cerne de cor cinzenta (7.5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-1344 (3 fragmentos)
Tipo e função: Alguidar - conservação de alimentos
Dimensões: ø boca - 30,1 cm; alt. máx. - 7,9 cm.
Morfologia: Paredes direitas e esvasadas; bordo amendoado.
Decoração: Bordo decorado na parte superior com pequenas incisões e na face exterior com digitações; cordão encrespado, sobre a parede, decorado com digitações.
Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de pequeno calibre, cerne e superfícies alisadas, de cor vermelho escuro (2.5YR 4/6).
Proc. Estrat.:
Paralelos: SCV - fase III
 Alarcão: 1975:est. XXXVI; Almeida, 1981: fig. XIV; Martín e Larrén, 1991: 267.



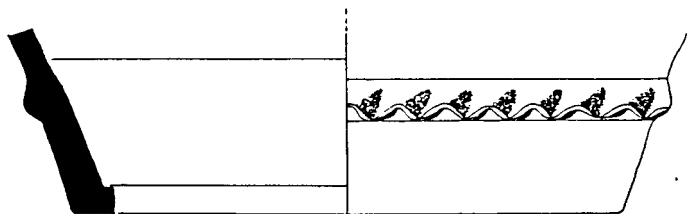
Nº inventário:	SCV/A1-005-2711
Tipo e função:	Alguidar - conservação de alimentos
Dimensões:	∅ base - 23 cm; ∅ boca - 36,2 cm; altura - 16,2 cm.
Morfologia:	Corpo trococónico, fundo; paredes direitas; bordo de secção quadrangular e base em disco.
Decoração:	Linha incisa ondulada sobre as faces superior e exterior do bordo.
Técnica:	Pasta pouco homogénea e pouco compacta com e. n. p. de grande calibre; superfícies alisadas; ceme e superfícies de cor alaranjada (5YR 6/8).
Proc. Estrat:	SCV - fase III
Paralelos:	Alarcão: 1975:est. XXXVI; Almeida, 1981: fig. XIV; Martín e Larrén, 1991: 267.



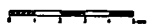
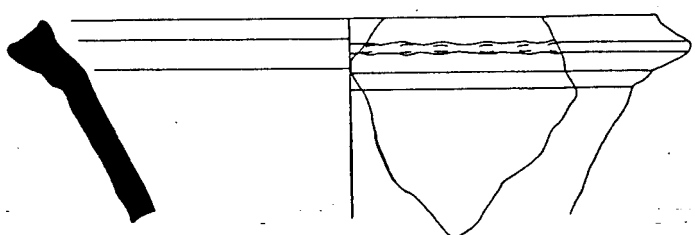
Nº inventário:	SCV/B1-004-3384 (2 fragmentos)
Tipo e função:	Alguidar; conservação de alimentos.
Dimensões:	∅ boca - 28,8 cm; alt. máx. - 2,8 cm.
Morfologia:	Paredes direitas e esvasadas; bordo em forma de cabeça de prego
Decoração:	
Técnica:	Pasta medianamente compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies negras mal alisadas; ceme cinzento (10YR 5/2).
Proc. Estrat:	SCV - fase III.
Paralelos:	



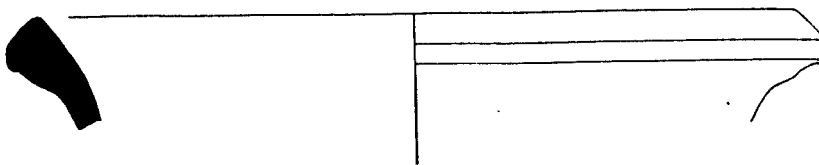
Nº inventário: SCV/B1-003-1157
Tipo e função: Alguidar (?)
Dimensões: ø base - 21,7 cm; alt. máx.- 7,2 cm.
Morfologia: Base plana; paredes esvasadas e direitas.
Decoração: Cordão plástico com impressões digitadas aplicado na parede da peça.
Técnica: Pasta não homogênea, compacta, com e.n.p. de grande calibre; superfície exterior alisada e de cor castanha avermelhada (2.5YR 5/4), interior e ceme cinzentos escuro (2.5YR 3/1).
Proc. Estrat: SCV - fase IV
Paralelos:



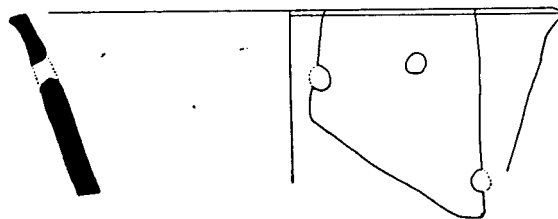
Nº inventário: SCV/C1-007-2860
Tipo e função: Alguidar; conservação de alimentos
Dimensões: ø boca - 27,2 cm; alt. máx. - 8,2 cm.
Morfologia: Bordo triangular ligeiramente inflectido para o exterior; paredes direitas,pouco esvasadas.
Decoração: Impressões digitadas sobre a face exterior do bordo.
Técnica: Pasta compacta com e.n.p. de calibre médio. Superfícies de cor negra, mal alisadas; ceme cinzento (7.5YR 5/1).
Proc. Estrat: SCV - fase II
Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-1598 (2 fragmentos)
Tipo e função: Alguidar; conservação de alimentos
Dimensões: ø boca - 32,6 cm; alt. máx. - 4,5 cm.
Morfologia: Bordo esvasado, muito espessado exteriormente, com lábio convexo.
Decoração:
Técnica: Pasta medianamente compacta, com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas de cor negra; cerne cinzento (10YR 5/2).
Proc. Estrat.: SCV - fase III
Paralelos:



Nº inventário: SCV/B1-006-5059
Tipo e função: Braseira (?)
Dimensões: ø boca - 22,3 cm; alt. máx. - 7,2cm.
Morfologia: Forma tronco-cônica paredes direitas e esvasadas, com perfurações circulares (ø = 8mm) dispostas regularmente; bordo ligeiramente espessado exteriormente.
Decoração:
Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de médio calibre. Superfícies cinzento escuro (5YR 4/1) alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1)
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos: Cipriano et alii, 1991: 108-110



Nº inventário: SCV/A1-005-900

Tipo e função: Braseira (?)

Dimensões: ø boca – 20,2 cm; alt. máx. – 5,2 cm.

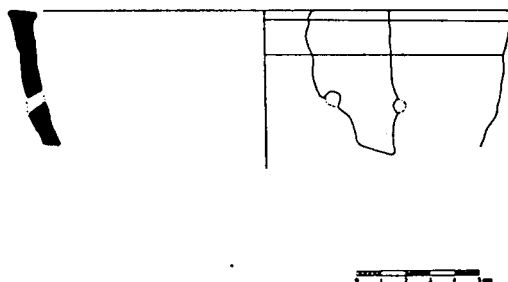
Morfologia: Paredes ligeiramente esvasadas e convexas; várias perfurações circulares nas paredes (ø=5mm), feitas com a pasta fresca; bordo em forma de cabeça de prego.

Decoração:

Técnica: Pasta não homogênea, medianamente compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies mal alisadas de cor negra; cerne cinzento escuro (5YR 4/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos: Cipriano et alii, 1991: 108-110



Nº inventário: SCV/B1-003-3454

Tipo e função: Púcaro (?)

Dimensões: ø boca – 12,5 cm; alt. máx. – 2 cm.

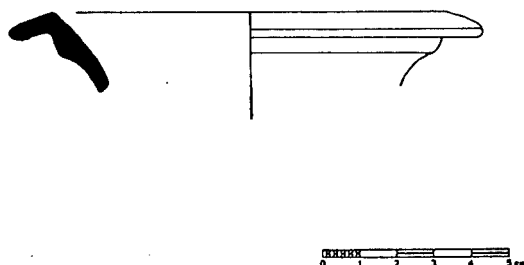
Morfologia: Colo muito esvasado; bordo boleado em aba pronunciada.

Decoração: Cordão anelado sobre o colo.

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies rugosas, de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/6), cerne cinzento escuro (5YR 3/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase IV

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-2812

Tipo e função: Jarro (?) – louça de mesa

Dimensões: ø boca – 12,7 cm; alt. – 3,1 cm.

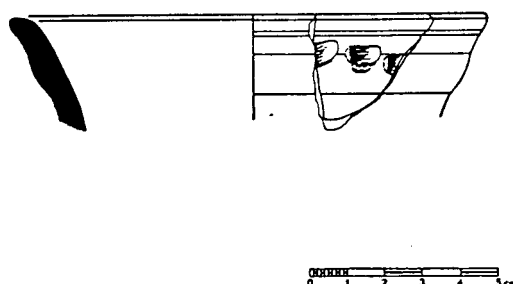
Morfologia: Colo esvasado ligeiramente côncavo; bordo boleado.

Decoração: Impressões rectangulares no colo.

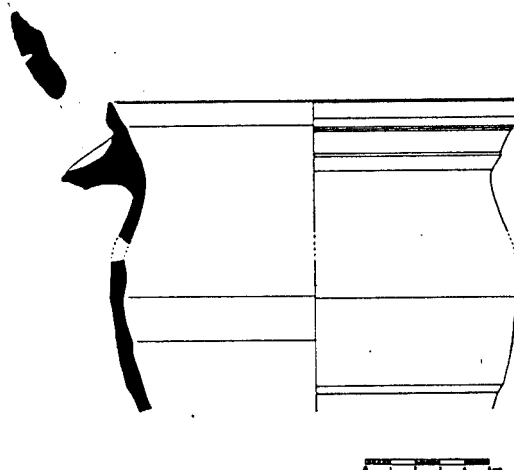
Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzentas (5YR 6/1) com manchas negras, alisadas; cerne cinzento claro (5YR 7/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

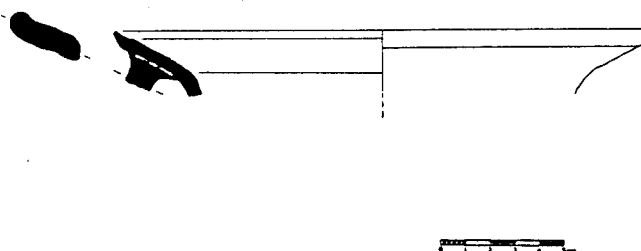
Paralelos:



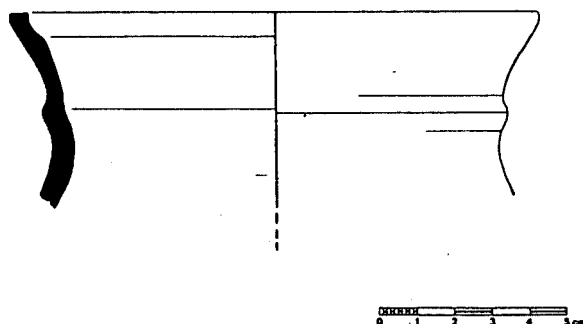
Nº inventário:	SCV/A1-005-1370 (15 fragmentos)
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos.
Dimensões:	ø boca – 16,4 cm; ø bojo – 16,3 cm; alt. máx. – 12 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; bojo ovóide; colo alto, esvasado e direito; asa de fita arrancando do colo; bordo boleado vertical.
Decoração:	Cordão anelado sobre o colo; incisão profunda sobre a asa.
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies bem alisadas de tons cinzento escuro (5YR 4/1); cerne cinzento claro (5YR 6/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



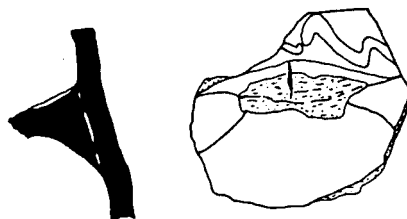
Nº inventário:	SCV/B1-004-3415
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 21,4 cm; alt. máx. – 2,5 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo muito esvasado; asa de fita, ligeiramente torcida, vertical, arrancando do colo; bordo boleado
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies alisadas de cor avermelhada (5YR 5/8); cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



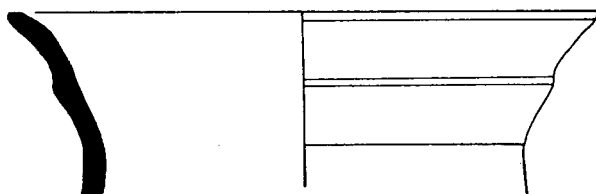
Nº inventário:	SCV/B1-003-2088
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 13,9 cm; alt. máx. – 5 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo alto, côncavo, ligeiramente esvasado; bordo vertical e lábio aplanado
Decoração:	Cordão anelado sobre o colo
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras, bem alisadas; cerne negro.
Proc. Estrat.:	
Paralelos:	SCV – fase IV



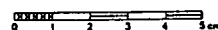
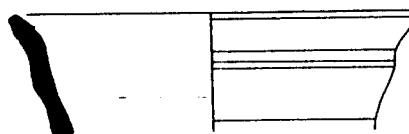
Nº inventário: SCV/B1-003-2865
Tipo e função: Jarro (?) – conter e servir líquidos
Dimensões: Larg. máx.-5,7cm; alt. máx. – 4,8 cm.
Morfologia: Colo direito e pouco esvasado; bordo vertical com lábio aplanado..
Decoração: Linha incisa ondulada sob o bordo.
Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies negras alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase IV
Paralelos:



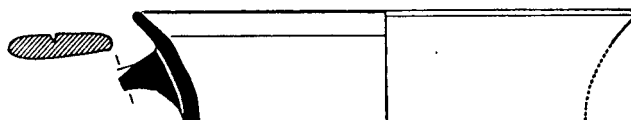
Nº inventário: SCV/B1-003-3228 (2 fragmentos)
Tipo e função: Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões: ø boca – 15,6 cm; alt. máx. – 4,6 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo alto, côncavo, esvasado; bordo boleado, com inflexão para o exterior.
Decoração:
Técnica: Cordão anelado sobre o colo
 Pasta homogênea, pouco compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies negras, alisadas; cerne cinzento (5YR 6/1).
Proc. Estrat.:
Paralelos: SCV – fase IV



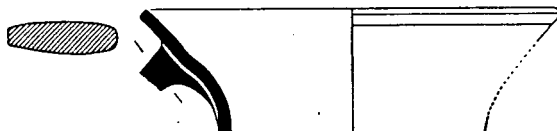
Nº inventário: SCV/B1-003-3299
Tipo e função: Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões: ø boca – 10,7 cm; alt. máx. – 3,1 cm.
Morfologia: Colo alto, côncavo, ligeiramente esvasado; bordo boleado com inflexão para o exterior
Decoração: Cordão anelado sobre o colo
Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras, bem alisadas; cerne cinzento (5YR 6/1).
Proc. Estrat.: SCV – fase IV
Paralelos:



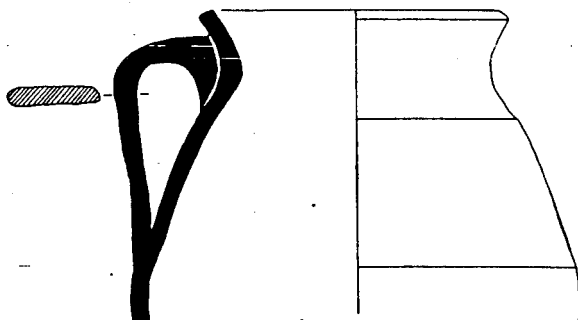
Nº inventário:	SCV/B1-005-2738
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 20 cm; alt. máx. – 4,4 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; asa de fita vertical, arrancando do colo; bordo boleado e muito esvasado.
Decoração:	Incisão sobre a asa.
Técnica:	Pasta pouco homogênea, compacta com e.n.p. de calibre grosso; superfícies alisadas em tom cinzento escuro (5YR 3/1); cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



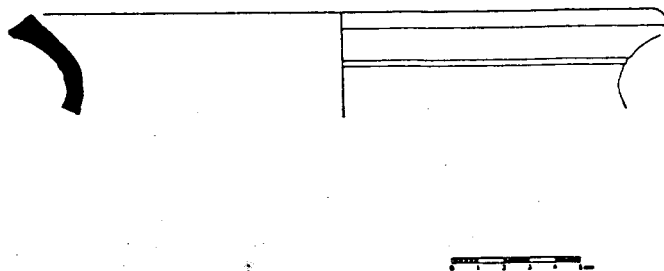
Nº inventário:	SCV/A1-005-2733
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 16,9 cm; alt. máx. – 4,8 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo direito, muito esvasado; asa de fita, vertical, arrancando do colo; bordo esvasado com lábio aplanado.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras, alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



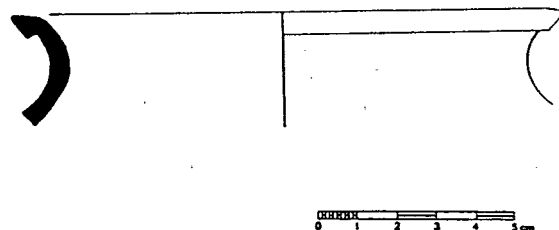
Nº inventário:	SCV/A1-005-2121 (8 fragmentos)
Tipo e função:	Jarro – conter e servir líquidos
Dimensões:	ø boca – 12,3 cm; ø máx. 17,9 cm; alt. máx. – 12,5 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; bojo ovóide, colo direito, esvasado; asa de fita, vertical, arrancando do colo; bordo esvasado com lábio aplanado.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras, rugosas, com palhetas de mica branca na face externa; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	
Paralelos:	SCV – fase III



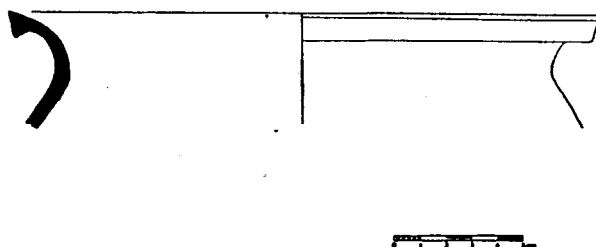
Nº inventário:	SCV/A1-005-2068
Tipo e função:	Panela – louça de cozinha
Dimensões:	ø boca – 26,1 cm; alt. máx. – 4 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo espessado exteriormente e lábio côncavo.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies bem alisadas, de cor alaranjada (5YR 6/6), com marcas de fuligem no exterior; cerne alaranjado (5YR 6/6).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



Nº inventário:	SCV/A1-005-1715 (2 fragmentos)
Tipo e função:	Panela – louça de cozinha
Dimensões:	ø boca – 14,2 cm; alt. máx. – 2,9 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e cilíndrico; bordo horizontal de secção triangular.
Decoração:	
Técnica:	Pasta pouco homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies negras, bem alisadas, com marcas de fuligem no exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



Nº inventário:	SCV/B1-003-3238
Tipo e função:	Panela – louça de cozinha
Dimensões:	ø boca – 23,1 cm; alt. máx. – 4,6 cm.
Morfologia:	Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo triangular, muito esvasado.
Decoração:	
Técnica:	Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de calibre fino; superfícies negras, alisadas, com marcas de fuligem no exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.:	SCV – fase III
Paralelos:	



Nº inventário: SCV/A1-005-1379

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 19,3 cm; alt. máx. - 4,3 cm.

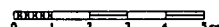
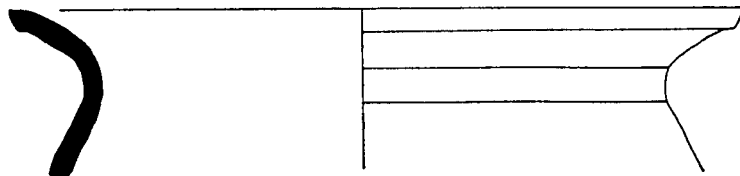
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo horizontal, com lábio convexo.

Decoração:

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies negras, alisadas, com marcas de fuligem no exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-1835

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 22,2 cm; alt. máx. - 5,5 cm.

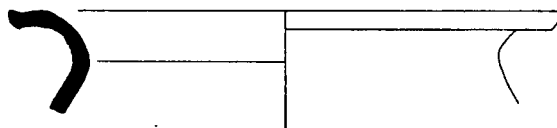
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo boleado, em aba.

Decoração:

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/C1-005-3175 (2 fragmentos)

Tipo e função: Panela - louça de cozinha

Dimensões: ø boca - 16,6 cm; alt. máx. - 6,7 cm.

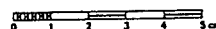
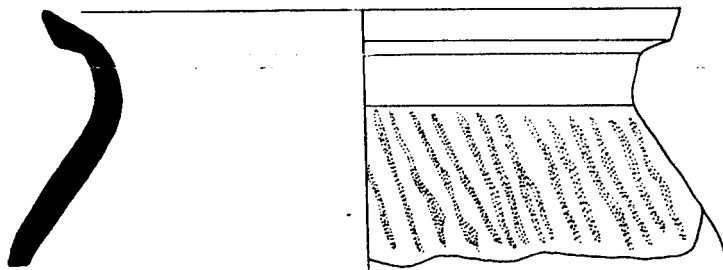
Morfologia: Perfil em "S"; colo ligeiramente côncavo; bordo biselado, muito esvasado.

Decoração: Linhas brunidas oblíquas sobre o ombro.

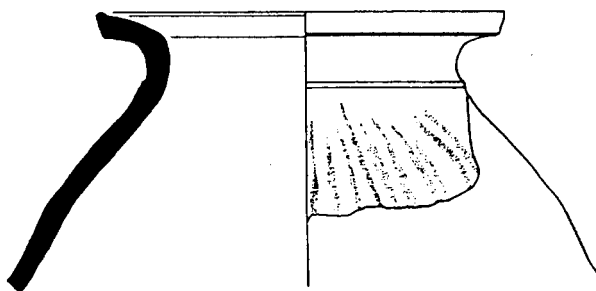
Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), alisadas e com marcas de fuligem no exterior; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV - fase I

Paralelos: Varandas, 1993



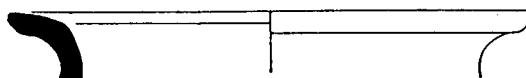
Nº inventário: SCV/C1-005-3198 (2 fragmentos)
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 16,3 cm; alt. máx. - 10,7 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo ligeiramente côncavo; bordo biselado, muito esvasado, com lábio convexo.
Decoração:
Técnica: Linhas brunidas oblíquas sobre o ombro. Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase I
Paralelos: Varandas, 1993



Nº inventário: SCV/B1-006-5209
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 21,1 cm; alt. máx. - 2,4 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo; bordo em bisel, horizontal.
Decoração:
Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre fino; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos:



Nº inventário: SCV/C1-008-3026
Tipo e função: Panela - louça de cozinha
Dimensões: ø boca - 21 cm; alt. máx. - 2,7 cm.
Morfologia: Perfil em "S"; colo ligeiramente côncavo; bordo boleado, inclinado-se para o exterior em aba.
Decoração:
Técnica: Pasta pouco homogênea e pouco compacta, com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos:



Nº inventário: SCV/C1-008-3036

Tipo e função: Panela – louça de cozinha

Dimensões: ø máx. 16,4 cm; ø boca – 18 cm; alt. máx. – 7,5 cm.

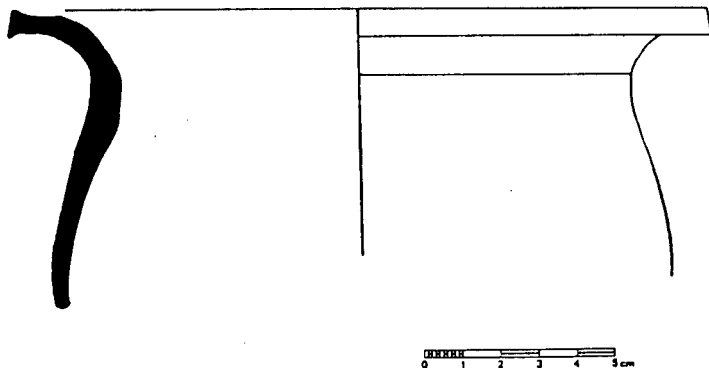
Morfologia: Perfil em "S"; bojo ovóide; colo côncavo e esvasado; bordo triangular e horizontal.

Decoração:

Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de médio calibre. Superfícies negras alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase II

Paralelos:



Nº inventário: SCV/C1-008-2960

Tipo e função: Panela – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 15,3 cm; alt. máx. – 3 cm.

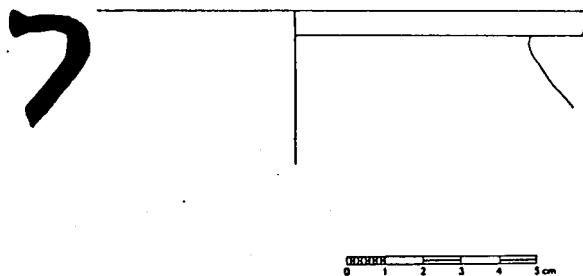
Morfologia: Perfil em "S"; colo curto e cilíndrico; bordo triangular e horizontal.

Decoração:

Técnica: Pasta homogênea, compacta, com e.n.p. de pequeno calibre. Superfícies negras alisadas; cerne cinzento (4YR 5/1)

Proc. Estrat.: SCV – fase II

Paralelos:



Nº inventário: SCV/B1-003-3597

Tipo e função: Panela; louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 20 cm; diâm. máx. – 23,6 cm; alt. máx. – 13,1 cm.

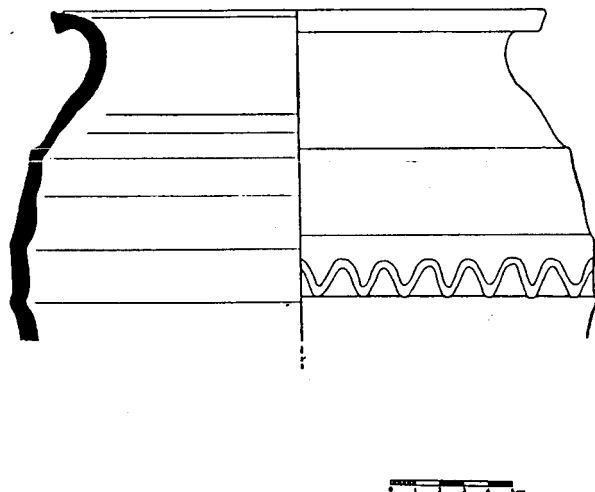
Morfologia: Bojo globular, colo côncavo e bordo horizontal com ligeiro espessamento externo e interno, lábio côncavo.

Decoração: Vários cordões anelados marcados interna e externamente, situados no bojo da peça; linha incisa ondulada inserida sobre o diâm. máx. do bojo.

Técnica: Pasta com compacticidade média e e.n.p. de calibre médio. Superfícies alisadas e de cor negra, com vestígios de fuligem no exterior. Cerne cinzento claro (5YR 6/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase IV

Paralelos:



Nº Inventário: SCV/B1-006-5100

Tipo e função: Panela – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 19 cm; alt. máx. – 5 cm.

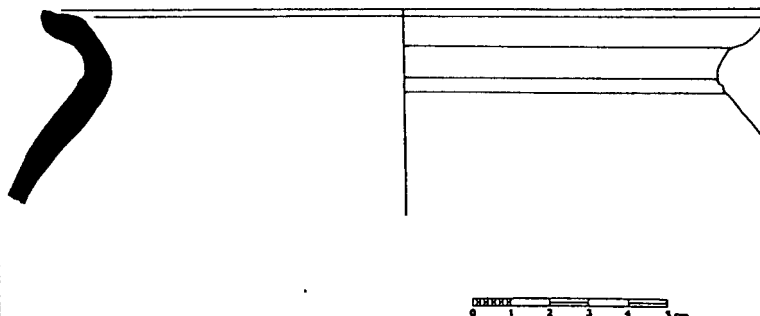
Morfologia: Perfil em "S"; ombros arredondados, colo curto e esvasado; bordo biselado e extrovertido.

Decoração:

Técnica: Pasta pouco homogênea e pouco compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies mal alisadas, face exterior negra, com marcas de fuligem; cerne e face interior cinzentos (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase II

Paralelos:



Nº Inventário: SCV/A1-005-2320 (2 fragmentos)

Tipo e função: Panela – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 24,3 cm; alt. máx. – 3,5 cm.

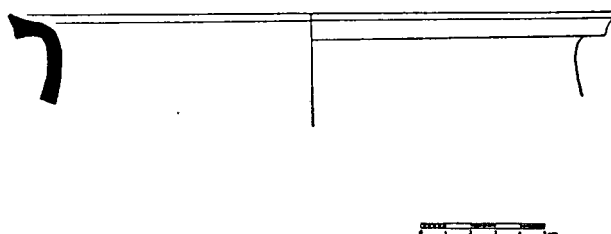
Morfologia: Perfil em "S"; colo ligeiramente côncavo; bordo triangular, muito esvasado e com lábio côncavo.

Decoração:

Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre grosso; superfícies cinzento escuro (5YR 4/1), alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:



Nº Inventário: SCV/A1-005-1973

Tipo e função: Panela – louça de cozinha

Dimensões: ø base – 10,9 cm; ø máx. 16,7 cm;; ø colo – 9,9 cm; alt. máx. – 14,2 cm.

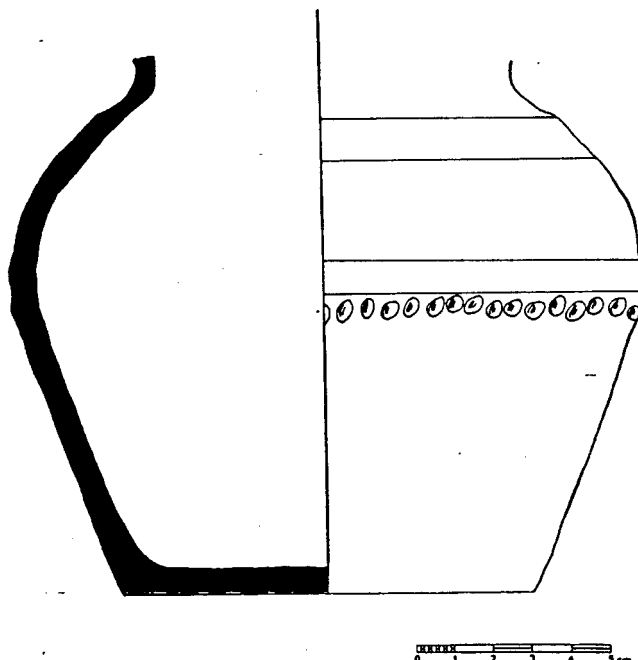
Morfologia: Fundo plano, bojo ovóide, colo na contracurva dos ombros.

Decoração: Motivos circulares impressos sobre o bojo.

Técnica: Pasta não homogênea, pouco compacta, com e.n.p. de médio calibre. Superfícies negras mal alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/B1-004-4211 (5 frgmentos)

Tipo e função: Pote ovóide – louça de cozinha

Dimensões: ø boca – 20,3 cm; ø máx. – 22,9 cm; alt. máx. – 8,5 cm.

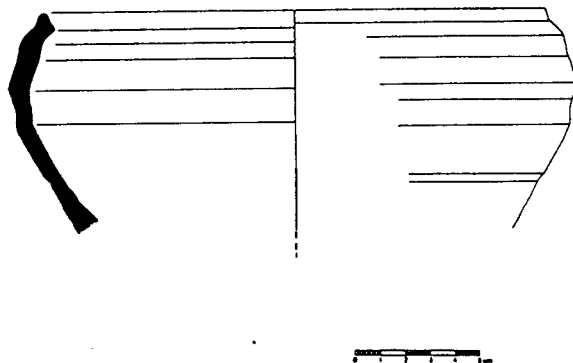
Morfologia: Forma ovóide, paredes convexas; bordo envasado com lábio côncavo.

Decoração: Decoração anelada na parte superior da peça.

Técnica: Pasta homogênea, compacta com e.n.p. de calibre médio; superfícies cinzentas e rugosas, com muita mica branca; cerne cinzento (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-1374 (3 fragmentos)

Tipo e função: Talha – conservação de alimentos

Dimensões: ø boca – 28,4 cm; alt. máx. – 7 cm.

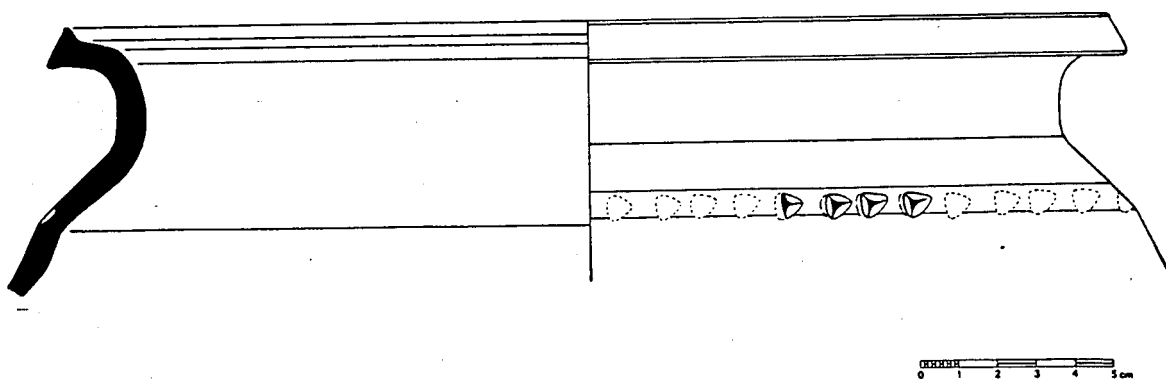
Morfologia: Perfil em "S"; colo cilíndrico; bordo triangular, muito esvasado.

Decoração: Impressões triangulares sobre o ombro.

Técnica: Pasta homogênea e compacta com e.n.p. de médio calibre; superfícies bem alisadas, de cor cinzento escuro (5YR 3/1); cerne cinzento claro (5YR 6/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-797

Tipo e função: Talha – conservação de alimentos

Dimensões: ø boca – 34,5 cm; alt. máx. – 3,8 cm.

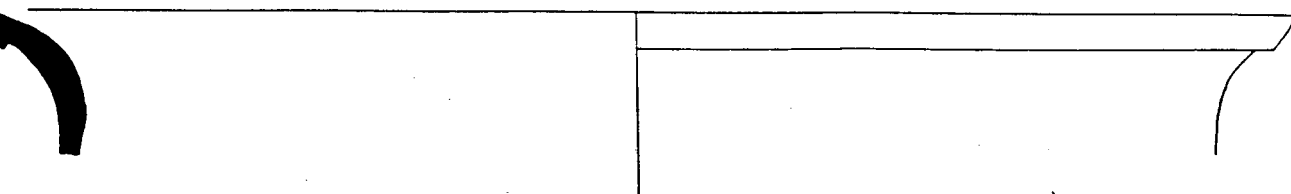
Morfologia: Perfil em "S"; colo côncavo e esvasado; bordo triangular, muito esvasado.

Decoração:

Técnica: Pasta homogénea e pouco compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies negras, alisadas; cerne cinzento escuro (5YR 5/1).

Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:



Nº inventário: SCV/A1-005-879

Tipo e função: Talha – conservação de alimentos

Dimensões: ø boca – 28,8 cm; alt. máx. – 7,6 cm.

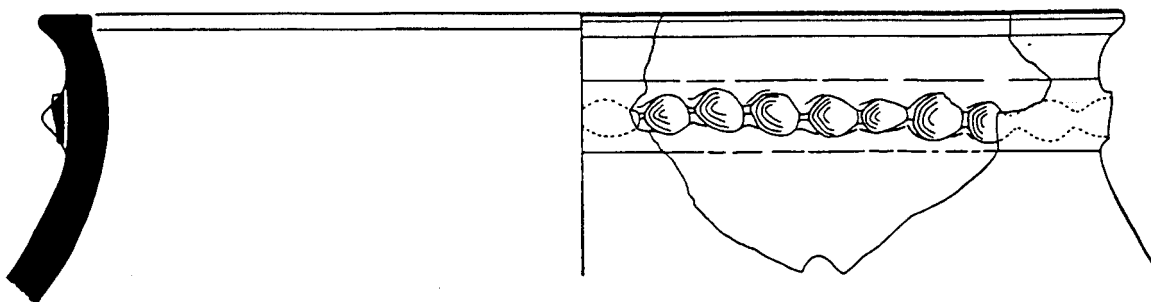
Morfologia: Colo ligeiramente côncavo terminado num bordo pouco esvasado, em formato de cabeça de prego.

Decoração: Cordão plástico aplicado sobre o colo e decorado com impressões digitadas.

Técnica: Pasta pouco homogénea e pouco compacta, com e.n.p. de grande calibre, superfícies alisadas de cor negra e cerne de cor cinzenta clara (10YR 7/1).

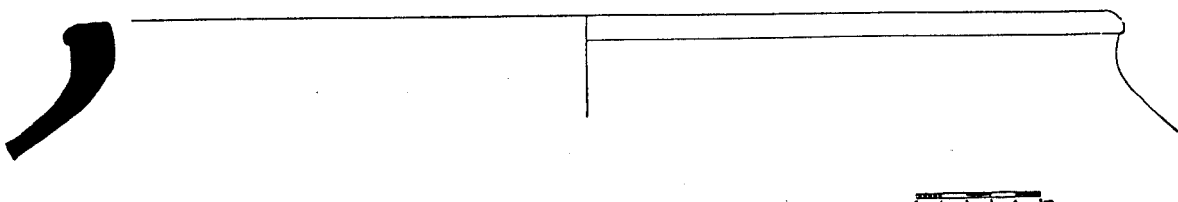
Proc. Estrat.: SCV – fase III

Paralelos:

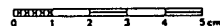
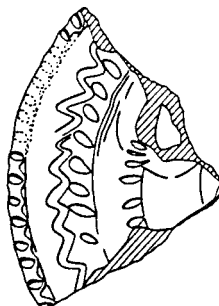


0 1 2 3 4 5 cm

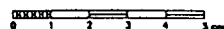
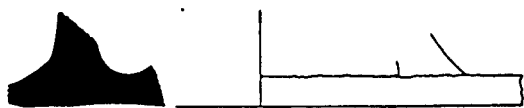
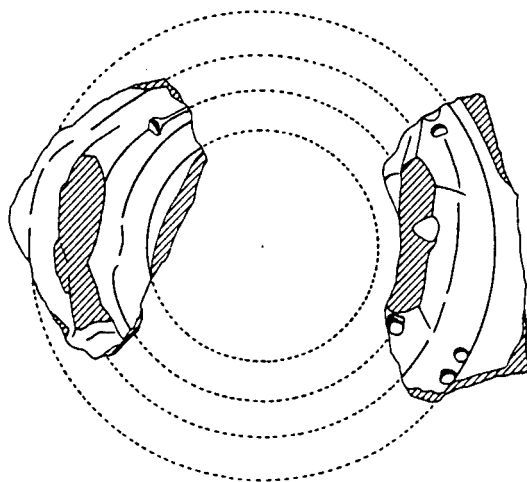
Nº Inventário:	SCV/C1-007-2681
Tipo e função:	Talha - conservação de alimentos
Dimensões:	ø boca - 42,4 cm; alt. máx. - 5,7 cm.
Morfologia:	Peça de grandes dimensões com colo muito curto e bordo muito espessado ambos verticais.
Decoração:	
Técnica:	Pasta não homogênea, compacta, com e.n.p. de grande calibre. Superfícies negras bem alisadas; cerne cinzento (5YR 5/1)
Proc. Estrat.:	SCV - fase II
Paralelos:	



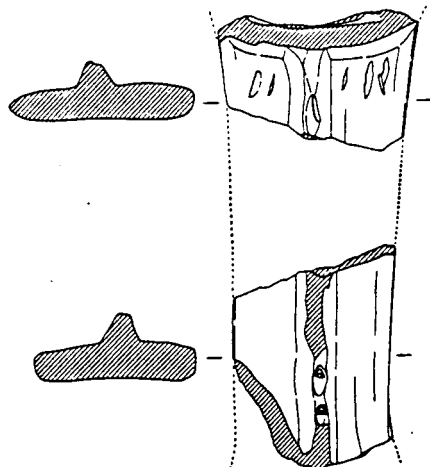
Nº Inventário:	SCV/A1-005-1596
Tipo e função:	Testo
Dimensões:	ø - 12,2 cm; alt. máx. - 1,9 cm.
Morfologia:	Disco plano, circular, com asa horizontal com dois pontos de fixação.
Decoração:	Impressões amendoadas em toda a superfície superior; linha incisa ondulada.
Técnica:	Pasta não homogênea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies e cerne de cor cinzenta escura (5YR 4/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase III
Paralelos:	



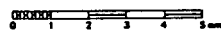
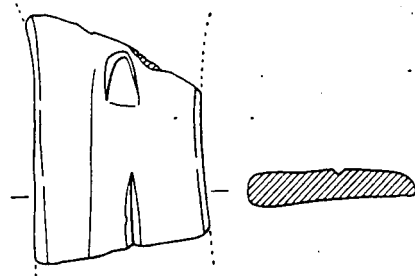
Nº inventário: SCV/A1-005-2739 (4 fragmentos)
Tipo e função: Testo
Dimensões: ø máx. - 13,4 cm; alt. máx. - 2,4 cm.
Morfologia: Disco plano, circular, com asa horizontal com dois pontos de fixação.
Decoração: Impressões circulares não organizadas na superfície superior.
Técnica: Pasta não homogênea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies de cor cinzenta escura (5YR 4/1); cerne cinzento alaranjado (5YR 6/2).
Proc. Estrat.: SCV - fase III
Paralelos:



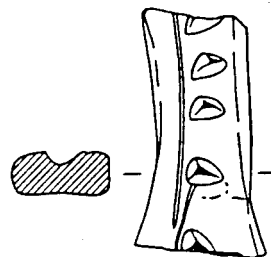
Nº inventário: SCV/A1-005-626 (2 fragmentos)
Tipo e função: Asa de fita
Dimensões: Larg. - 6,5 cm; espess. - 1,4 cm.
Morfologia: Asa plana de suspensão vertical, de grandes dimensões.
Decoração: Cordão plástico com impressões aplicado longitudinalmente no centro da peça; pequenas incisões na parte superior da asa.
Técnica: Pasta pouco homogênea, compacta, com e.n.p. de calibre médio; superfícies alisadas de cor cinzenta escura (5YR 4/1); cerne cinzento ((5YR 6/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase III
Paralelos:



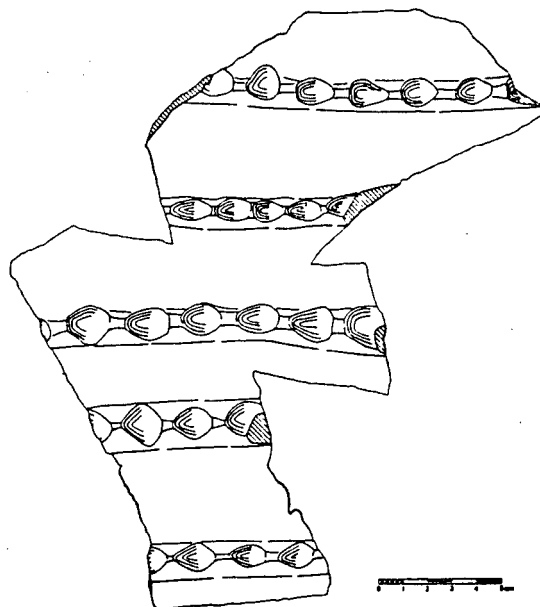
Nº inventário: SCV/C1-004-2345
Tipo e função: Asa de fita
Dimensões: Larg. - 4,4, cm; espess. - 0,8 cm
Morfologia: Asa plana de suspensão vertical.
Decoração: Impressão oval e incisão profunda no centro da asa.
Técnica: Pasta homogênea compacta com e.n.p. de calibre médio. Superfícies cinzentas (5YR 5/1) alisadas. Cerne cinzento (5YR 6/1).
Proc. Estrat.: SCV - fase II
Paralelos:



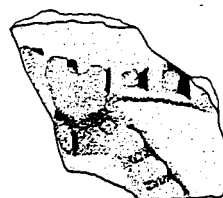
Nº inventário:	SCV/A1-005-2771 (2 fragmentos)
Tipo e função:	Asa rectangular
Dimensões:	Larg. 2,5 cm; espess. - 1 cm
Morfologia:	Asa de secção rectangular, de suspensão vertical
Decoração:	Impressões triangulares no centro da peça
Técnica:	Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre fino: superfícies de cor negra e alisadas; cerne cinzento acastanhado (10R 5/3).
Proc. Estrat.:	SCV - fase III
Paralelos:	



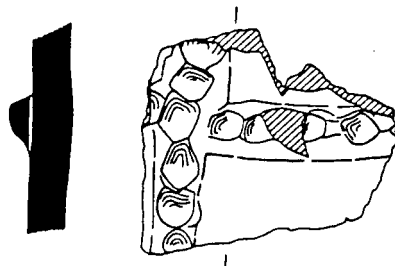
Nº inventário:	SCV/B1-008-5320 (7 fragmentos)
Tipo e função:	Talha (?) - conservação de alimentos
Dimensões:	
Morfologia:	Parede convexa
Decoração:	6 cordões plásticos com impressões colocados horizontalmente e paralelos entre si.
Técnica:	Pasta pouco homogénea, compacta, com e.n.p. de grande calibre; superfícies alisadas de cor cinzenta (5YR 5/1) com manchas negras no exterior; cerne cinzento (5YR 6/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase II
Paralelos:	



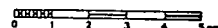
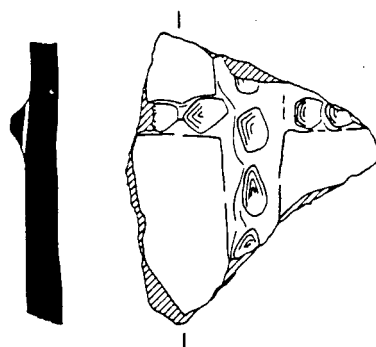
Nº inventário:	SCV/B1-003-3237
Tipo e função:	
Dimensões:	
Morfologia:	
Decoração:	Cordões plásticos com impressões entrecruzados.
Técnica:	Pasta não homogénea, compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies e cerne cinzentos, superfície exterior alisada.
Proc. Estrat.:	SCV - fase IV
Paralelos:	



Nº Inventário:	SCV/A1-005-1402
Tipo e função:	
Dimensões:	
Morfologia:	
Decoração:	Cordões plásticos com impressões entrecruzados.
Técnica:	Pasta não homogênea, compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies mal alisadas; superfície exterior acastanhada (7.5YR 5/4), interior e cerne cinzentos escuros (7.5YR 3/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase III
Paralelos:	



Nº Inventário:	SCV/A1-005-1721
Tipo e função:	
Dimensões:	
Morfologia:	
Decoração:	Cordões plásticos com impressões, entrecruzados.
Técnica:	Pasta não homogênea, compacta com e.n.p. de grande calibre; superfícies negras, mal alisadas; cerne cinzento escuro (5YR 4/1).
Proc. Estrat.:	SCV - fase III
Paralelos:	



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, B. (1981) – «A cerâmica artesanal no distrito de Bragança. Sua diversidade e extinção gradual», *Brigantia*, vol. 0, nº 1, Bragança.
- ALARCÃO, J. (1974) – *Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga*, Biblos, Coimbra, 8, (Suplemento).
- ALARCÃO, J. (1988) – *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, Pub. Europa-América.
- ALMEIDA, A.A.B., ANTUNES, J.V., SOUSA, M.J. E CUNHA, R.C. ((1992) – «Necrópole medieval das Barreiras (Fão)», *Bol. Cultural de Esposende*, 17, Esposende, pp. 111-126.
- ALMEIDA, C.A. Ferreira de (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho. Das origens a 1220*, Porto.
- ALMEIDA, C.A.F. de, SOEIRO, T., ALMEIDA, C.B. de, BAPTISTA, A. (1981) – «Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha», *Arquivo de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, 3, 1981. (Separata)
- ALVAREZ BURGOS, F., RAMON BENEDITO, V. e RAMON PEREZ, V. (s/d) – *Catalogo de la Moneda Medieval Hispano-Cristiana desde el siglo IX al XVI*. s.l.,s.d.
- ALVES (F.M.), (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, XI vols., Bragança
- AMARO, C. (1992) – «Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra», *A.M.*, 1, Porto, pp.111-124.
- ARGÜELLO, J. e SUÁREZ SARO, A. (1989) – «Conjunto cerámico medieval de San Salvador de Valdediós», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp. 219-226.
- ARNAUD, J.M., MURALHA, J. e ESTORNINHO, A. (1992) – «Intervenção arqueológica num casal medieval (Reguengo Grande/Messejana/Aljustrel)», *Vipasca*, 1, Aljustrel, pp.49-65.

- ASSOCIATION C.A.T.H.M.A. (1986) , «La céramique du Haut Moyen Age em France meridional: elements comparatifs et essai d'interpretación», *III C.I.C.M.M.O.* Siena, pp. 27-50.
- BALFET, H. (1966) – «La céramique comme document archéologique», *Bulletin de la Societé Préhistorique Française*, LXIII, Paris, pp. 279-310.
- BALFET, H. (1981) – «Terminologia da Cerâmica», in *Pré-História*, A. Leroi-Gourhan, S.Paulo, Liv. Pioneira.
- BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT, M. e MONZON, S. (1983) – *Pour la normalisation de la description des poteries*, Paris, Ed. du C.N.R.S.
- BARKER, P. (1982) – *Techniques of archaeological excavation*
- BARROCA M. (1993) – «Centros oleiros de Entre Douro-e-Minho», *Arqueologia Medieval*, Porto, 2, C.A.M./Afrontamento.
- BARROCA, M. (1988) – «A ocupação medieval em Castelo de Matos: primeira abordagem», *Arqueologia*, Porto, 17, p. 159-171.
- BARROCA, M., MORAIS (A.) (1986) – «A Terra e o Castelo: uma experiência arqueológica em Aguiar de Pena», *Portugália*, Porto, VI/VII, 1985/1986, p. 35-87. (Separata)
- BARTON (1979) – *Medieval Sussex Pottery*, Londres, 1979
- BAZZANA, A. (1978) – «Les villages désertés de l'Espagne Orientale: état présent et perspectives d'une recherche archéologique», *Archeologie Médiévale*, VIII, pp. 165-223.
- BAZZANA, A. (1980) – «Ceramiques medievales: les methodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale», *Melanges de la Casa de Velázquez*, XVI, Madrid, pp.135-185.
- BAZZANA, A. e GUICHARD, P. (1980) – «Céramiques communes médiévales de la region valencienne», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 321-334.
- BOHIGAS ROLDÁN, R e SARABIA, P. (1987) – «El Castillo de Camargo y los castros altomedievales de Cantabria», *II C.A.M.E.*, pp. 315-325.
- BOHIGAS ROLDÁN, R. e ANDRIO GONZALO,J., PEÑIL MINGUEZ,J. Y GARCÍA ALONSO, M. (1989) – «Las cerámicas medievales no esmaltadas en las provincias de Cantabria, Palencia y Burgos», in *C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 113-154.

- BOHIGAS ROLDAN, R. e GARCIA CAMINOS, I. (1991) – «Las ceramicas medievales del Norte y Noroeste de la Peninsula Iberica. Rasgos comunes y diferencias regionales», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.69–86.
- BONILLA RODRIGUEZ, A. (1988) – «Tipologia cerámica medieval: estudio comparativo de varios conxuntos de Galicia», *Arqueoloxia – Informes*, 2, Santiago, pp. 341–345.
- BRANDÃO, D.P. (1972) – «O "Alto" ou "Monte do Castelo" Penha Longa (Marco de Canaveses)», *T.A.E.*, Porto, XXII, 1972, p. 289–294.
- BROGIOLO, G.P. e GELICHI, S. (1986) – «La ceramica grezza medievale nella pianura padana», *III C.I.C.M.M.O.*, Siena, pp. 293–316.
- C.E.V.P.P. (1991) – «Ceramicas de epoca visigoda en la Peninsula Iberica. Precedentes y perduraciones», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.49–68.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1974) – «La necropolis Tardorromana de Fuentespreadas (Zamora). Un asentamiento en el vale del Duero», *Excavaciones Arqueológicas en España*, 80, Madrid.
- CABRAL, A.P. (1910) – «Castrum Baniensium», *Ilustração Trasmontana*, Porto, 1910, p. 59–64.
- CABRAL, P. (1977) – «Caracterização de cerâmicas arqueológicas mediante análise por activação com neutrões térmicos. Classificação das cerâmicas por métodos de taxonomia numérica», *Conímbriga*, XVI, Coimbra, pp.1–35.
- CARDOSO, G. e ENCARNÇÃO, J. de (1990) – «Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril – Cascais)», *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, Cascais, 9, pp. 45–62.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1991) – «Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.575–586.
- CARNEIRO (E.L.), coord. (1990) – *Vasilhas do Felgar – Objectos úteis – Exposição*. Barcelos, Museu de Olaria, 1990, (Museu Aberto, 1).
- CARVALHO, A.V. (1721) – *Memórias da Academia*, Lisboa
- CARVALHO, R. (1991) – «Cerâmicas medievais do Museu de Francisco Tavares Proença Jr.», *C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.557–560.

- CHAO ARANA, F., BUSTO FIDALGO, M. e FANO ALONSO, M. (1989) – «Estudio de los materiales cerámicos de la Peña Castiello (Villaviciosa)», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp. 200–206.
- CHAVES, L. s/d – «Cerâmica» *In Arte Popular em Portugal*, dir. de F.C.Pires de Lima, II, Lisboa, s.d., p. 181–253.
- CID LÓPEZ, R., FERNANDEZ OCHOA, C., GARCÍA DIAZ, P. e PEDREGAL RODRIGUEZ, A. (1991) – *Asentamiento romano y necropolis medieval en Lugo de Llanera (Principado de Asturias)*, Llanera.
- CINTRA, L.L. (1984) – *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*, 2ª ed., Lisboa.
- CIPRIANO, M., PAROLI, L., PATTERSON, H., SAGUÍ, L., WHITEHOUSE, D. (1991) – «La documentazione ceramica dell'Italia centro meridionale nell'alto medioevo: quadri regionali e contesti campione», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.99–122.
- COLL CONESA, J., MARTÍ OLTRA, J. e PASCUAL PACHECO, J. (1988) – *Cerámica y cambio cultural*, Ministerio de Cultura, Valencia.
- CORREIA, F.B. (1991) – «Um conjunto árabe-medieval de Beja», *IV C.I.C.M.M.O.* – Lisboa, 1987, Mértola, pp.373–386.
- CORTÉZ VAZQUEZ, L. (1987) – *Alfareria del Reino de León*, Salamanca.
- COSTA, A.C. da (1706) – *CorographiaPortuguesa*, 3 vols., Lisboa
- COSTA, M.G.A. E FERREIRA, S.V. (1968) – «O oleiro de Bisalhães (Trás-os-Montes): o homem na comunidade», *O Arqueólogo Português*, série III, vol. II, Lisboa.
- CRUZ, A. (1935) – *Un inédito de António Coelho Gasco sobre Antiguidades de Trás-os-Montes*, Coimbra.
- DÉMIANS D'ARCHIMBAUD, G. (1980) – «Céramique et stratigraphie. L'évolution de la vaisselle commune en Provence aux XIII–XV siècles d'après les fouilles de Rougiers», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris pp. 441–456.
- DÉMIANS D'ARCHIMBAUD, G. e PICON, M. (1980) – «Les céramiques médiévales en France méditerranéenne, Recherches archeologiques et de laboratoire.», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 15–42.

- DIAS, J. (1965) – «Da olaria primitiva ao torno de oleiro – com especial referência ao Norte de Portugal», *Rev. de Etnografia*, vol. IV, tomo I, Porto, pp. 5–31.
- DR – *Documentos Medievais Portugueses, Documentos Régios*, ed. por Rui de Azevedo, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958–61.
- DS – *Documentos da Chancelaria de D. Sancho I*, ed. por Rui de Azevedo, A. Jesus da Costa e Marcelino Pereira, Coimbra, 1979
- ENCINAS MARTINEZ, M. (1987) – «Cerámicas medievales del Monasterio de San Pelayo (Oviedo)», *II C.A.M.E.*, III, Madrid, pp. 385–392.
- ENCINAS, M. e GARCÍA CARRILLO, A. (1989) – «Aportaciones al conocimiento de la transición del mundo romano medieval en asturias: las cerámicas de Murias de Beloño y de Paraxuga», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp. 131–139.
- ESCUADERO CHICO, J. (1989) – «Aproximación a los estudios de cerámica medieval en la provincia de Valladolid», *in C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 155–160
- ESTRADA GARCÍA, R., GARCÍA DE CASTRO, C. e VILLA VALDÉS, A. (1989) – «Hallazgo de cerámicas medievales en el concejo de Sariego (Asturias)», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp. 243–251.
- FARIÑA BUSTO, F. e SUAREZ OTERO, J. (1988) – «Arqueologia Medieval en Galicia: unha aproximación», *T.A.E.*, XXVIII, fasc. 3–4, Porto, pp. 49–78.
- FARIÑA BUSTO, F. (1974) – «Contribución ao estudo da cerámica medieval en Galicia», *C.E.G.*, XXIX, Santiago, pp. 51–64.
- FERNÁNDEZ CONDE, J., (1989) – «Secuencias de produción de la cerámica en Asturias durante la Edad Media», *in C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 173–210.
- FERNÁNDEZ, J., J. (1984) – «Restos arqueológicos en la Plaza Mayor de Zamora», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, pp. 25–47.
- FONTES, L. (1987) – «Salvamento Arqueológico de Dume – 1987: Primeiros resultados», *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 4, 1987, p. 111–148.
- FREIRE, A. B. (1909) – «Povoação de Trás-os-Montes no século XVI», *Arquivo Histórico Portuguez*, VII, Lisboa.

- FREITAS, A.M. e JÚNIOR, J.R.S. (1980) – «O Castro da Curalha – 5ª campanha de escavações. – 1979», *T.A.E.*, Porto, XXIII, IV, 1980, p. 393–405.
- FREITAS, A.M., JÚNIOR, J.R.S. (1982) – «O Castro da Curalha – 7ª campanha de escavações – 1981», *T.A.E.*, Porto, XXIV, II, 1982, p. 265–291.
- FREITAS, A.M., MAGALHÃES, A., JÚNIOR, J.R.S. (1977) – «O Castro da Curalha – 2ª e 3ª campanhas de escavações – 1975 e 1976», *T.A.E.*, Porto, XXIII, 1, 1977, pp. 19–40.
- GARCÍA ALONSO, M., SARABIA ROGINA, P. e BOHIGAS ROLDAN, R. (1987) – «La cerámica de "El Torrejón" de las Henestrosas. Valdeolea (Cantabria)», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp.445–458.
- GARCIA BIOSCA, J.; MARKALAIN TORRES, J. e GONZALEZ PEREZ, J.R. (1987) – «Canyerent: Estudio de materiales cerámicos bajomedievales de la excavation de la muralha de Portaferrisa», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp.459–468.
- GARCÍA CAMINO, I. (1989) – «La cerámica medieval no esmaltada en la vertiente marítima del País Vasco: los territorios de Biskaia y Gipuzkoa», in *C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 87–112.
- GARCÍA HERAS, M. e OLAETXEA, C. (1992) – «Métodos y análisis para la caracterización de cerámicas arqueológicas. Estado actual de la investigación en España», *Archivo Español de Arqueología*, 65, nº 165/166, Madrid.
- GARDIN, J.C. (1956b) – *Code pour l'analyse des ornements*, Paris
- GARDIN, J.C. (1963) – «Problèmes d'analyse descriptive en Archéologie», *Études Archéologiques*, Paris, pp. 133–150.
- GARDIN, J.C. (1976) – *Code pour l'analyse des formes des poteries*, C.R.A., C.N.R.S., Paris
- GASPAR, A. (1985) – «Escavações Arqueológicas na Rua de Nª Sra. do Leite», *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 2, 1985, p. 51–125.
- GASPAR, A.L. (1991) – «Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp. 365–372.

- GOMES, P.D., LIMA, A.. (1991) – *Intervenção arqueológica na Cadeia da Relação e Convento de S.Bento da Vitória*. Relatório dactilografado, Porto, 1991
- GOMES, R.V. (1988) – «Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves», *Xelb*, 1, Silves
- GONZALEZ GONZALO, E. (1987) – «La cerámica bajomedieval de la Catedral de Mallorca», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp. 469–482.
- GUIMARÃES, G. e PEIXOTO, M.G. (1988) – «A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria de Ervamoira – Muxagata – Vila Nova de Foz Côa: notícia preliminar», *Quinta da Ervamoira*, I, V.N. de Gaia, pp.1–23.
- GUIMARÃES, G. e PEIXOTO, M.G. (1989) – «A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria de Ervamoira – Muxagata – Vila Nova de Foz Côa: novos dados», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 499–508.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J.A. (1991) – «Fortificaciones medievales en Castros del Noreste de Zamora», in *Actas do Primer Congreso de Historia de Zamora*, 3, Zamora, pp.347–364.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J.A. e BENÉITEZ GONZÁLEZ, C. (1989) – «La cerámica medieval en León» In: *C.M.N.N.P.I.*, León, 1989, p. 211–260.
- GUTIERREZ GONZALEZ, J.A. e BOHIGAS ROLDAN, R. (1991) – «Las cerámicas medievales del Norte y Noroeste de la Peninsula Iberica. Rasgos comuns y deferencias regionales» In: *Actas do IV C.M.M.O.*, Lisboa, 1987, Mértola, C.A.M., 1991, p. 69–86.
- HARRIS, E.C. (1979) – *Principles of archaeological stratigraphy*, Londres
- JÚNIOR, J.R.S. (1931) – «As Serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro» In: *XV^{ème} Congrès International d'Antropologie & Archéologie Préhistorique*, Paris, 1931.
- JÚNIOR, J.R.S. (1940) – «Oleiros e Olarias», In *Vida e Arte do Povo Português*, Lisboa, 1940, pp. 219–229.
- JÚNIOR, J.R.S. (1975)– *Os Berrões Proto-Históricos do Nordeste de Portugal*, Porto, 1975.
- JÚNIOR, J.R.S. e FREITAS, A.M. (1985) – «O Castro da Curalha – 10^a campanha de escavações (Chaves)», *T.A.E.*, Porto, XXV, I, 1985, p.5–29.

- JUSUÉ SIMONENA, C. e TABAR SARRÍAS, M^a. (1989) – «Notas sobre la cerámica medieval navarra no vidriada», in *C.M.N.N.P.I.*, León, pp.13–51.
- LÁRREN IZQUIERDO, H. (1989) – «Notas sobre cerámica medieval de la provincia de Zamora.» In: *C.M.N.N.P.I.*, Leon, p. 261–284.
- LARRÉN IZQUIERDO, H. (1991) – «Fondos cerámicos marcados procedentes de Zamora», *B.A.M.*, Madrid, 5, pp.167–179.
- LÁRREN IZQUIERDO, H. (1991) – «Hallazgos cerámicos en la ciudad de Toro», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 75–114.
- LEENHARDT, M. (1969) – *Code pour le classement et l'étude des poteries médiévales (Nord et Nord-Ouest de l'Europe)*. Caen, 1969
- LE MOS, F.S. (1987) – «A necrópole medieval de S. Caetano, Chaves», *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 4, 1987, p. 149–176.
- LE MOS, F.S. e MARCOS, D. (1984) – «A necrópole medieval de Vila dos Sinos (Mogadouro)», *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 1, 1984, p. 71–89.
- LE MOS, F.S. e MARCOS, D. (1985) – «A necrópole medieval de Vila dos Sinos – Mogadouro: Segunda campanha de escavações – 1982», *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 2, 1985, p. 127–156.
- LIMA, A., RODRIGUES, M., REBANDA, N., GOMES, P. e TEIXEIRA R. (1988) – «Escavações arqueológicas da Igreja de S. Mamede (Torre de Moncorvo) – Notícia preliminar», *Arqueologia*, Porto, 17, 1988, p. 231–235.
- LIMA, A., RODRIGUES, M., REBANDA, N., GOMES, P. e TEIXEIRA, R. (1989) – «A Região de Moncorvo na Idade Média» In: *Projectos de Investigação em Arqueologia*, Porto, 1989, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte. p. 105–113.
- LIMA, A., RODRIGUES, M., REBANDA, N., GOMES, P. e TEIXEIRA, R.. (1988a) – «Escavações Arqueológicas na Igreja de S. Mamede (Torre de Moncorvo)», *T.A.E.*, Porto, XXVIII, 3/4, 1988, p. 187–210.
- LÓPEZ MULLOR, A., FIERRO, J. e CAIXAL, A. (1991) – «Hallazgos de cerámica gris medieval en las comarcas de Barcelona», *C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.87–98.

- MACCARI-POISSON, B. (1980) – «Méthodes archéologiques de relevé et d'étude de la céramique pour restituer l'espace intérieur des maisons médiévales (Brucato, Sicile)», *I.C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp.167–174.
- MACEDO, M.M. e FREITAS, M.G. (1988) – *Olaria do Felgar (Torre de Moncorvo) – Catálogo*. Barcelos, Museu de Olaria, 1988, (Coleções do Museu, 1).
- MACIAS, S. (1991) – «Um conjunto cerâmico de Mértola – silos 4 e 5», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.405–428.
- MAGALHÃES, F.A.. – «Achado de uma Antigualha Curiosa em Traz-os-Montes», *Revista Universal Lisbonense*, IV, Lisboa, 1845, p.545–546.
- MAGALHÃES, F.C. (1845) – «Achado de uma antigualha curiosa em Traz-os-Montes». *Revista Universal Lisbonense*, IV, Lisboa, pp.545–546.
- MARTÍ OLTRA, J. (1991) – «La clasificación de materiales ceramicos. Algunas reflexiones sobre experiencias anteriores y una propuesta de sistema» In: *Jornadas Internacionales Arqueologia de Intervencion*, San Sebastián, 1991. p. 253–277.
- MARTÍN ARIJA, A.M. e LARRÉN IZQUIERDO, H. (1991) – «Seguimiento arqueológico en el atrio de la Catedral de Zamora», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 255–267.
- MARTÍN CARBAJO, M.A. (1991) – «Excavación en la Torre y Muralla de Santiago. Villalpando (Zamora)», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 47–58.
- MARTINS, A. e RAMOS, C. (1992) – «Elementos para análise e descrição de produções cerâmicas», *Vipasca*, Aljustrel, 1, 1992.
- MATESANZ VERA, P. (1987) – «La cerámica medieval cristiana en el Norte (siglos IX–XIII): estado de la question», *II C.A.M.E.*, I, Madrid, pp. 245–260.
- MATESANZ VERA, P. (1991) – «Arqueologia medieval cristiana después de veinte años. Confirmación de una realidad», *Bol. de la Asociación Española de la Arqueologia*, 30–31, Madrid, pp. 291–301.
- MATTHYS, A. (1973) – *La Céramique*. Turnhout, 1973, 73 p. (Typologie des sources du Moyen Âge Occidental, 7).
- MATTOSO, J. (1981) – *A Nobreza Medieval Portuguesa*, Lisboa, Estampa

MATTOSO, J. (1985) – *Portugal Medieval – Novas Interpretações*, Lisboa, I.N.C.M.

MATTOSO, J. (1986) – *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096–1325*, 2ª ed., 2 vols., Lisboa, Estampa.

MENESES, M.P. (1986) – *Foral de Vila Flor*, Vila Flor.

MESTRE, J.F. (1991) – «Olaria medieval de Beja. Contribuição para o seu estudo», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.565–574.

NICOURT, J. (1991) – *Céramiques médiévales parisiennes: classification et typologie*, Ermont, J.P.G.F.

NUNES, M.D. (1900) – «Artes e Indústrias Tradicionais – A olaria de Serpa», *A Tradição, Serpa*, Vol.II, nº 1, pp. 6–9, nº11, pp.168–170, nº12, pp.187–189, 1900.

OLICH, I. (1980) – «Algunes peces de ceramica gris medieval a Catalunya», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 403–406

P.M.H. – D.C. – *Portugalie Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*.

P.M.H. – Inq. – *Portugalie Monumenta Historica, Inquisitiones*.

P.M.H. – Leges – *Portugalie Monumenta Historica, Leges et consuetudines*.

P.M.H. – Scriptores – *Portugalie Monumenta Historica, Scriptores*.

PEIXOTO, A.R) (1905a) – «Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal», *Portugália*, Porto, tomo II, fasc. 1º, 1905, pp. 74–78. [*In Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*, Lisboa, D. Quixote, 1990, pp. 179–184].

PEIXOTO, A.R. (1900) – «Etnografia Portuguesa – Indústrias Populares: As olarias do Prado», *Portugália*, Porto, tomo I, fasc. 2º, 1900, pp. 227–270. [*In Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*, Lisboa, D. Quixote, 1990, pp. 89–132].

PEIXOTO, A.R. (1905) – «Etnografia Portuguesa – Iluminação Popular», *Portugália*, Porto, tomo II, fasc. 1º, 1905, pp. 35–48. [*In Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*, Lisboa, D. Quixote, 1990, pp. 166–178].

- PEIXOTO, A.R. (1908) – «Os pucareiros da Ossela», *Portugália*, Porto, tomo II, fasc. 4º, 1908, p. 653. [In *Etnografia Portuguesa* (Obra Etnográfica Completa), Lisboa, D. Quixote, 1990, pp. 315–316].
- PEÑIL MINGUEZ, J. (1985) – «La ceramica medieval del yacimiento de Rebolledo–Camesa», *Sautuola*, Santander, IV, pp. 285–299.
- PEÑIL MINGUEZ, J. (1987) – «El Testar medieval de Saldaña (Palencia) : "Camino de la Morterona"». *II C.A.M.E.*, Madrid, 1987, p. 613–620.
- PEÑIL MINGUEZ, J. e BOHIGAS ROLDÁN, R. (1981) – «Las ceramicas comunes en Cantabria», *Altamira*, XLIII, pp. 17–23.
- PEÑIL MINGUEZ, J. e LAMALFA DIAZ, C. (1985) – «La ceramica medieval en Cantabria: estado de la cuestion», *Sautuola*, Santander, IV, pp. 371–381.
- PEREIRA MARIMÓN, C. (1988) – «As cerâmicas medievais de Santa Mariña de Augas Santas (Allariz, Ourense)», *Arqueoloxia – Informes*, 2, Santiago, pp. 347–350.
- PEREZ GONZALEZ, C. e ILLAREGUI GOMEZ, E. (1989) – «Excavaciones en Herrera de Pisuerga. Epoca medieval», *III C.A.M.E.*, II, Oviedo, pp.621–630.
- PÉREZ OUTEIRIÑO, B. e FARIÑA BUSTO, F. (1981) –« Excavación de urxencia na Praza Maior de Allariz», *Boletín Auriense*, Ourense, XI, pp. 9–47.
- PÉREZ VIDAL, J. (1983) – *La Cerámica Popular Española*, col. Cadernos de Olaria, 1, Barcelos.
- PICON, M. (1989) – «Quel avenir pour la céramologie de laboratoire?», *Archéologie Médiévale*, XIX, Paris, pp. 243–254.
- PLESZCZYNSKA, E. e TABACZYNSKI, S. (1980) – «Séquences stratigraphiques et chronologie des types céramiques: essai d'établissement d'un modèle de traitement», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 59–64.
- PRADELL, T., MARTINEZ-MANENT, S., NOGUÉS-CARULLA, M^a, VENDRELL-SAZ, M. (1991) – «Ceramica gris medieval catalana: caracterización y tecnologia de produccion», *C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.601–616.
- PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUEOLOGIA (1989), Porto, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte.

- QUERO CASTRO, S. e MARTÍN FLORES, A. (1987) – «La cerámica hispanovisigoda de Perales», II C.A.M.E., II, Madrid, 363–372.
- REAL, M., GOMES, P. e TEIXEIRA, R. (1992) – «Escavações arqueológicas na Casa do Infante», *Oceanos*, 11, Lisboa, 1992.
- REAL, M., TÁVORA, M.J., OSÓRIO, M.P. e TEIXEIRA, F.F. (1986) – «Escavações arqueológicas no morro da Sé», *Bol. Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, 2ª série, 3/4, 1985/1986 (Separata).
- REBANDA, N. (1982) – *O concelho de Moncorvo na Idade Média – Subsídios para o estudo da Castelologia Medieval na área SE de Trás-os-Montes*, trabalho policopiado.
- REBANDA, N. (1990) – *Relatório da 1ª campanha de sondagens arqueológicas na "Vila Velha" ou "Derruida" ou Santa Cruz da Vilatiça – Torre de Moncorvo (Verão de 1989)*, relatório policopiado.
- REBANDA, N. (1991) – *Estruturas defensivas do periodo medieval no Sul do distrito de Bragança – Norte da Guarda*, trabalho policopiado.
- REBANDA, N. (1991) – *Relatório da 2ª campanha de sondagens arqueológicas na "Vila Velha" ou "Derruida" ou Santa Cruz da Vilatiça – Torre de Moncorvo (Verão de 1990)*, relatório policopiado.
- RIBEIRO, M. (1962) – « Contribuição pra o estudo da cerâmica popular portuguesa», *Rev. de Guimarães*, vol. LXXII, nº 3–4, Guimarães, pp. 392–416.
- RIBEIRO, M. (1968) – «O fogo eterno nos lagares de azeite», *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série III, vol. II, 1968, pp.145–151.
- RIU I BARRERA, E. (1991) – «La cerámica espatulada de Barcelona», *IV C.I.C.M.M.O.*, Mértola, pp.587–592.
- RIU, M. (1980) – «Estado actual de las investigaciones sobre las cerámicas de los siglos IX–XIV», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 385–396.
- RIU, M. (1986) – «Estat actual de les recerques sobre les ceràmiques grises i la terrisa popular de Catalunya», *III C.I.C.M.M.O.* Siena, pp.219–226.
- RODRIGUES, A.V. (1958) – «Olarias do Felgar», *Mensário das Casas do Povo*, Lisboa, ano 12, nº 139, 1958, pp. 14–15.

- RODRIGUES, A.V. e BRANDÃO, D.P. (1961) – «Missão de estudo arqueológico na Região da Vilariga, Moncorvo», *Studium Generale*, Porto, IX, tomo 1º, 1961, 336–351.
- RODRIGUES, M. e REBANDA, N. (1991) – «Centros oleiros do distrito de Bragança – As olarias do Felgar e do Larinho», (relatório policopiado), Porto.
- RODRIGUES, M., ALFENIM, R. e LEBRE, A. (1990) – «Escavação arqueológica de emergência no cruzeiro do transepto da Sé de Braga, notícia preliminar», *In: Actas do Congresso Internacional sobre o IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Braga, I, 1990, p. 173–178
- RODRIGUES, S. e CABRAL, J. (1990) – «Silos medievais de Caparide», *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, 9, Cascais, pp. 63–74.
- RODRIGUEZ, M^a.M. (1977) – «La cerámica de Pena Goia (Mugares)», in *Actas do XIV C.N.A.*, Vitoria, 1977, Saragoça.
- RUBIO CARRASCO, P., SALVADOR VELASCO, M., VIÑÉ ESCARTIN, A.I., MARTÍN ARIJA, A.M. e IGLESIAS DEL CASTILLO, L. (1991) – «Excavación arqueológica en C/. San Torcuato – San Vicente – Zamora», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 289–301.
- SABROSA, A. e ESPÍRITO SANTO, P. (1992) – «Almada Medieval /Moderna: um Projecto de Investigação», *Al-Madan*, IIª série, nº1, Almada, pp. 5–12.
- SÁEZ SÁIZ, I., GARCÍA LÓPEZ, J., PREUD'HOMME, V., REGLERO DE LA FUENTE, C. (1989) – «Algunos materiales cerámicos procedentes del despoblado medieval de Fuenteungrillo», in *C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 161–172.
- SALES, E.A.P. (1983) – *Mirandela – Apontamentos Históricos. Mirandela*, C.M. de Mirandela, 1983.
- SALVADOR VELASCO, M., RUBIO CARRASCO, P., VIÑÉ MARTIN, A.I., MARTÍN ARIJA, A.M. e IGLESIAS DEL CASTILLO, L. (1991) – «Excavación arqueológica en C/. Rúa de los Notarios, 6 (Zamora).», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 269–285.
- SAN MIGUEL MATE, L., VIÑÉ ESCARTIN, A., LARRÉN IZQUIERDO, H. (1988) – «Excavación arqueológica en la iglesia de «San Andrés», Olmo de la Guareña (Zamora)», *A.I.E.Z.F.O.*, 1988, Zamora, pp. 111–124.

- SANZ GARCIA, F.J. e VIÑÉ ESCARTÍN, A.I. (1991) - «Prado de Los Llamares», Villafáfila. Excavación arqueológica de urgencia», *A.I.E.Z.F.O.*, Zamora, 1991, pp. 33-45.
- SERONIE-VIVIEN, M.R. (1982) - *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux, 1982.
- SHEPARD, A.O. (1956) - *Ceramics for the Archaeologist*, Woburn - Massachussets, 1956 (7ªed., Washington D.C., 1974).
- SOEIRO, T. (1986) - «A Suvidade de S. Mamede de Recezinhos: Campanha de escavações 1985» *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, Penafiel, 3ª série, 2/3, 1985/86, p. 15-32.
- SUÁREZ OTERO, J., GARCÍA-LOMAS, R.G. e FARIÑA BUSTO, F. (1989) - «La cerámica medieval en Galicia» *In: C.M.N.N.P.I.*, Leon, 1989, p. 285-301.
- THIRIOT, J. (1986) - «La production de la céramique commune grise du haut moyen age en Uzège et Bas-Rhône: état de la question», *III C.I.C.M.M.O.* Siena, pp.235-250.
- THIRIOT, J. (1989) - «Provenance et circulation de la céramique médiévale», *Bulletin de la Societé Prehistorique Française*, 10-12, Paris, pp.343-333.
- TORRES, C. (1987) - *Cerâmica Islâmica Portuguesa: Catálogo*, Mértola, C.A.M./F.C.G.
- URTEAGA ARTIGAS, M. (1986) - «Metodologia del estudio sobre cerámica medieval de la comarca vallisoletana de Tierra de Campos», *III C.I.C.M.M.O.*, PP.147-162.
- URTEAGA ARTIGAS, M.M. (1987) - «Sobre despoblados medievales en la Meseta Norte», *II C.A.M.E.*, pp. 272-288
- URTURI RODRIGUEZ, F. (1986) - «Avance al estudio de cerámicas medievales en Alava», *I C.A.M.E.*, V, Huesca, pp.473-494.
- URTURI RODRIGUEZ, F. (1989) - «La cerámica medieval no esmaltada en yacimientos alaveses», *in C.M.N.N.P.I.*, León, pp. 53-86.
- VARANDAS, J.M. (1993) - «A ocupação medieval do Buraco da Moura de S. Romão», *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, I, Lisboa, Colibri, 1993, pp.155-162.

VÁRIOS (1990) – *Vasilhas do Felgar – Objectos úteis (Exposição)*, col. Museu Aberto, 1, Barcelos.

VASCONCELOS, C.M. (1988) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, 2ª ed., Lisboa.

VASCONCELOS, J.L. (1896) – «Inscrição romana de Moncorvo», *O Archeologo Português*, Lisboa, 1ª série, II, 1896, p. 168–172.

VITERBO, J.S.R. de (1962) – *Elucidário ...*, 3ª ed., 2 vols, Porto.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, J. (1986) – «Aproximación a una metodología de la arqueologia medieval», ponencia al *I C.A.M.E.*, pp. 67–81.

ZOZAYA, J. (1980) – «Aperçue général sur la céramique espagnole», *I C.I.C.M.M.O.*, Paris, pp. 265–296.

Abreviaturas

A.I.E.Z.F.O. = Anuário del Instituto de Estudios Zamoranos Florian de Ocampo

A.M. = Arqueologia Medieval

I C.A.M.E. = I Congreso de Arqueologia Medieval Española, Huesca, 1985

II C.A.M.E. = II Congreso de Arqueologia Medievale Española, Madrid, 1987

III C.A.M.E. = III Congreso de Arqueologia Medieval Española, Oviedo, 1989

C.E.G. = Cuadernos de Estudios Gallegos

I C.I.C.M.M.O. = La Ceramique Médiévale en Méditerranée Occidentale. X–XV siècles, Valbonne, 1978

II C.I.C.M.M.O. = II Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental, Toledo, 1981

III C.I.C.M.M.O. = La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale, Siena–Faenza, 1984

IV C.I.C.M.M.O. = A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental,
Lisboa, 1987

C.M.N.N.P.I. = La Ceramica Medieval en el Norte y Noroeste de la
Peninsula Iberica

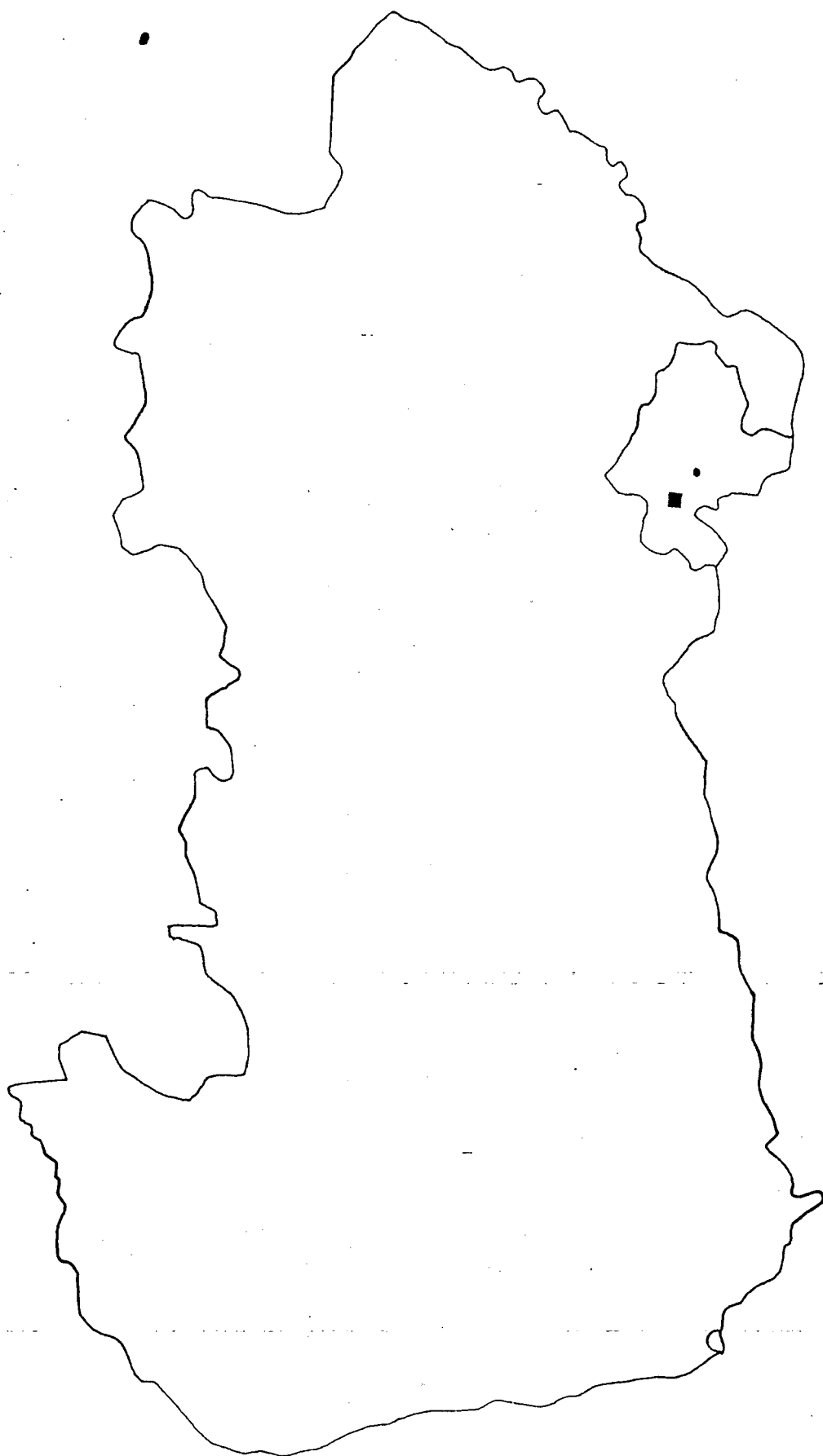
C.N.A. = Congreso Nacional de Arqueología

T.A.E. = Trabalhos de Antropologia e Etnologia da Sociedade Portuguesa de
Antropologia e Etnologia

ANEXOS



BAIXO VALE DA VILARIÇA - Povoados de Stª Cruz da Vilariça (1) e Baldoeiro (2)



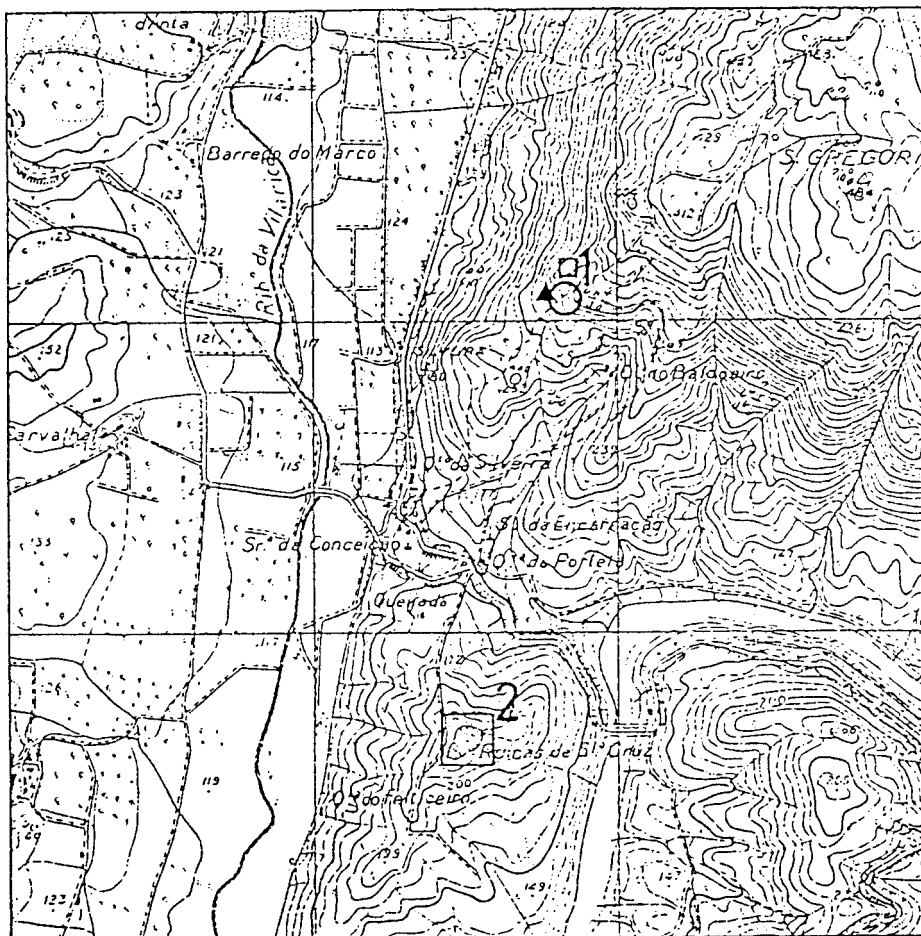
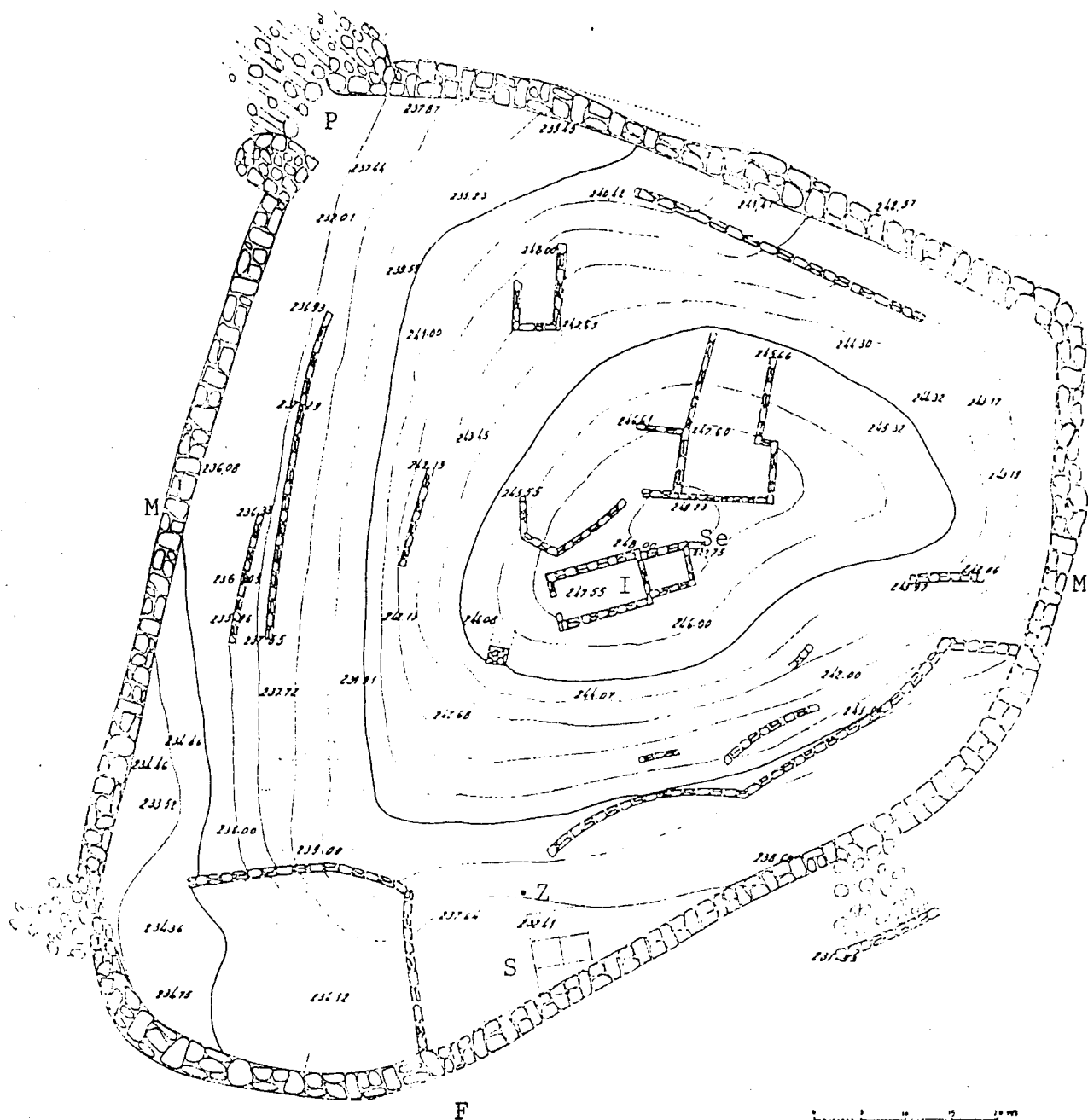


Fig. 1 — 1. Estação Arqueológica do Baldoeiro (quadrado, torre; círculo, povoado; triângulo, igreja de S. Mamede e Necrópole).
2. Cerca amuralhada da Santa Cruz da Vilarça. Carta dos Serviços Cartográficos do exército, Esc. 1:25 000, folha 118 — Castedo.



VILA VELHA DE SANTA CRUZ DA VILARIÇA, ADEGANHA, MONCORVO.
 LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO ELABORADO PELO G.A.T./DOURO SUPERIOR
 14/12/1982 Esc. 1/500 (Redução a 0,707).

LEGENDA:

 - Área já escavada (1990).

S - Sector 1, onde decorreram as campanhas de 1989 e 1990.

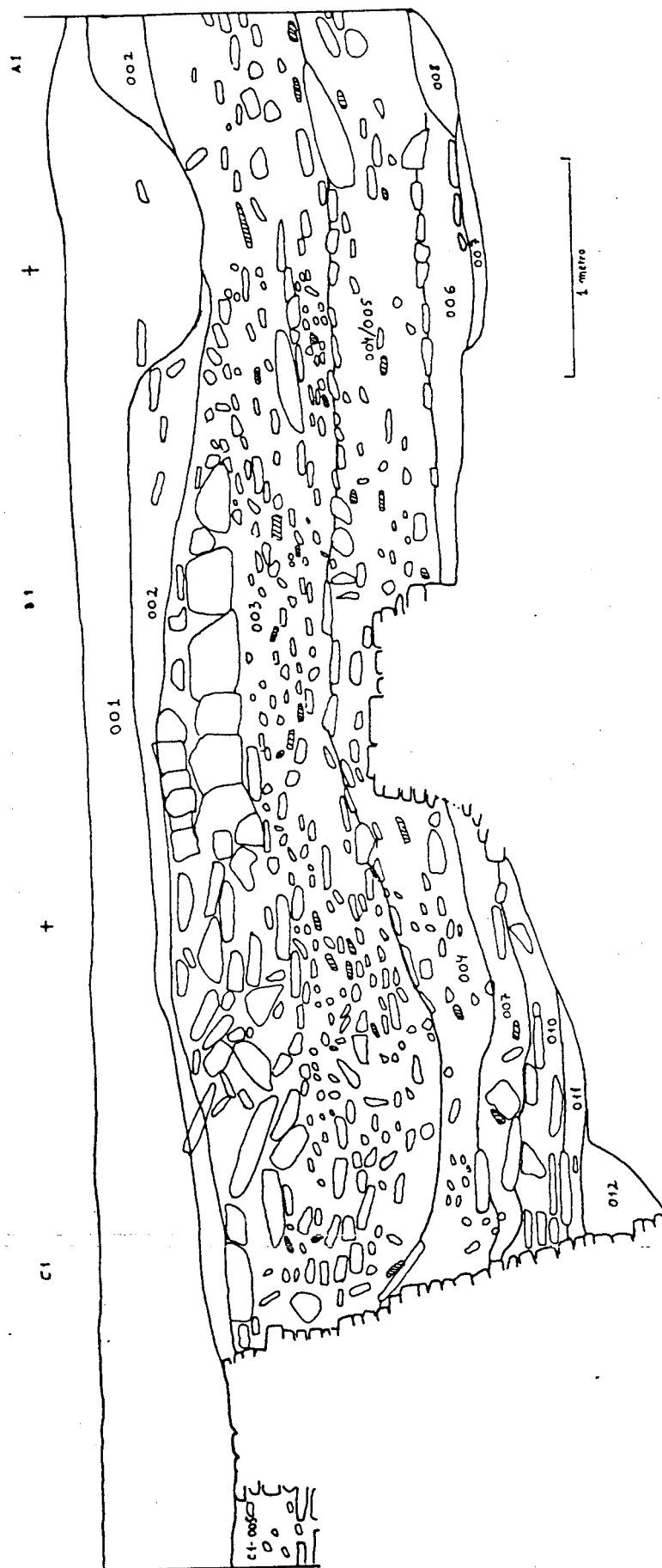
Z - Ponto Zero do sector 1.

M - Muralha.

P - Porta da fortaleza.

I - Igreja, alicerces.

Se - sepulturas escavadas na rocha



ST^a CRUZ DA VILARIÇA

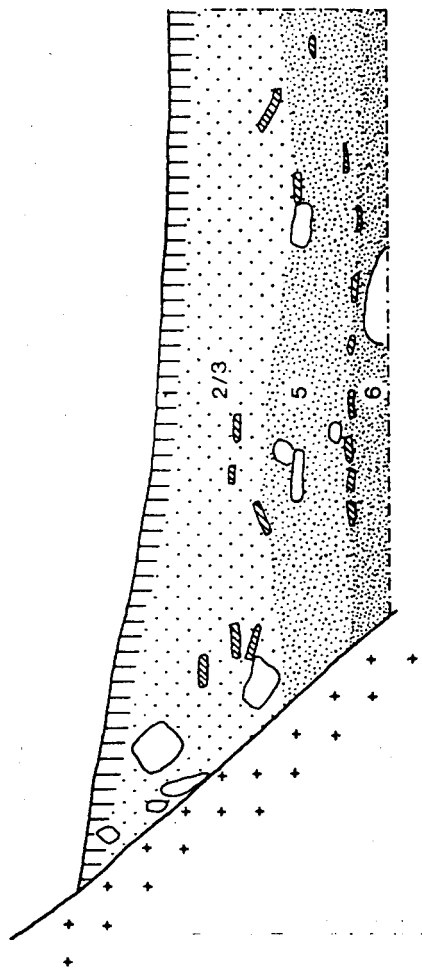
0. A1/01/02 00015 H

+

R

+

— Z = -3,70



Corte Oeste Q. R2/3

CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO

OSSOS

AFLORAMENTO GRANÍTICO



BALDOEIRO (TORRE) - ADEGANHA

Q. R2/3 - Corte Oeste

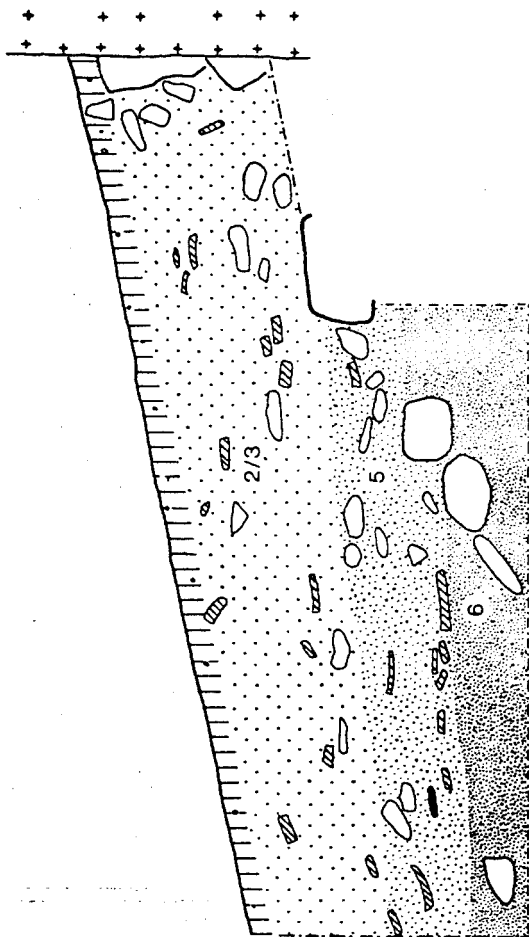
[Handwritten signature]

R

+

+

Z = -3.69



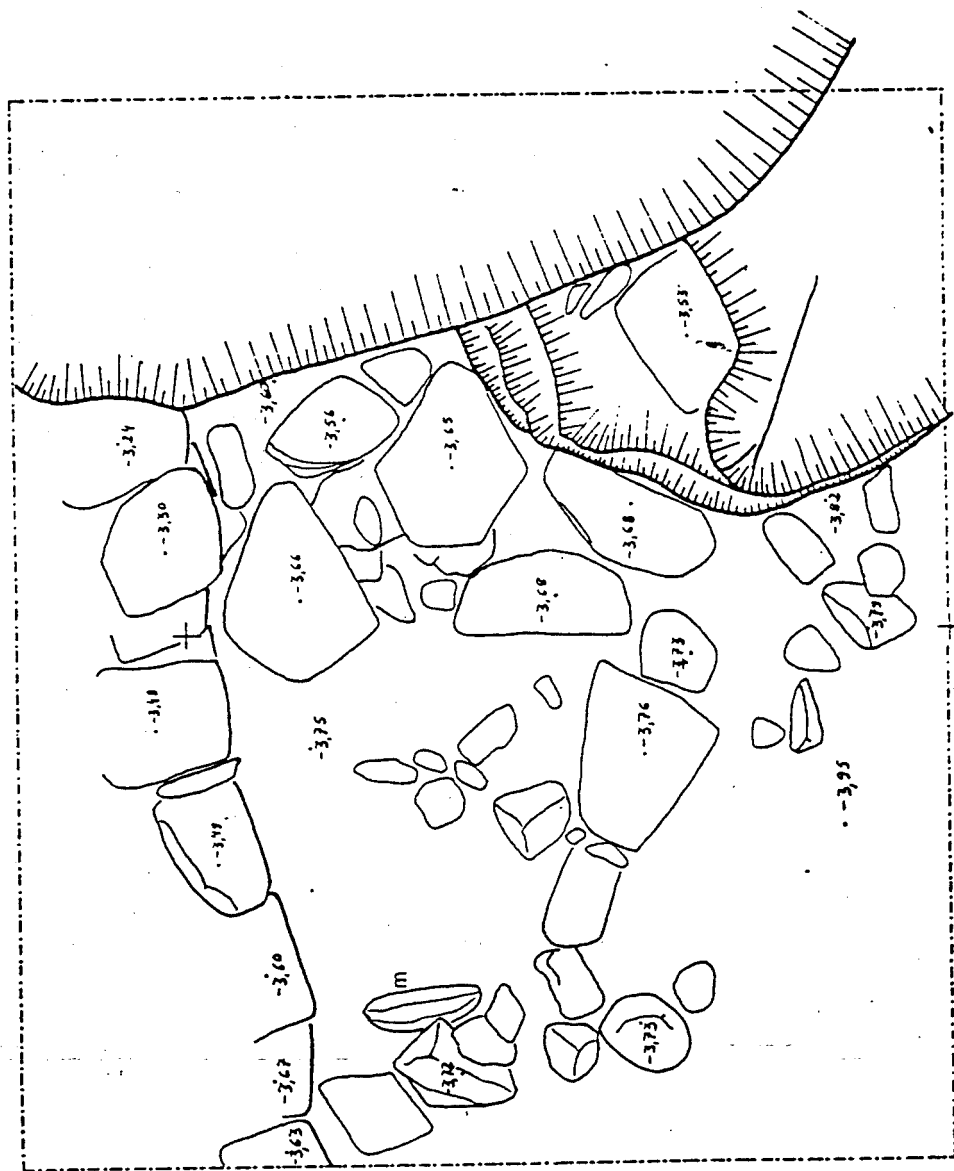
Corte Norte Q. R3

CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO

OSSOS

AFLORAMENTO GRANÍTICO





2

3

m-MO

BALDOEIRO (TORRE) - ADEGANHA

Handwritten signature